

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

ROBERVAL RUBENS SILVA

**ACONSELHAMENTOS PASTORAIS COMO CAMINHO PARA O CUIDADO COM
AS PESSOAS CRISTÃS LGBTQIA+ NO CONTEXTO CRISTÃO BRASILEIRO**

São Leopoldo

2024

ROBERVAL RUBENS SILVA

**ACONSELHAMENTOS PASTORAIS COMO CAMINHO PARA O CUIDADO COM
AS PESSOAS CRISTÃS LGBTQIA+ NO CONTEXTO CRISTÃO BRASILEIRO**

Trabalho final de
Mestrado Profissional
para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia –
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia e Sociedade
Linha de pesquisa: Dimensões do cuidado e
práticas sociais

Pessoa orientadora: Prof. Dr. Nilton Eliseu Herbes

São Leopoldo

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586a Silva, Roberval Rubens

Aconselhamentos pastorais como caminho para o cuidado com as pessoas cristãs LGBTQIA+ no contexto cristão brasileiro / Roberval Rubens Silva; orientador Nilton Eliseu Herbes. – São Leopoldo: EST/PPG, 2024.
118 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2024.

1. Teologia pastoral. 2. Aconselhamento pastoral.
3. Sexualidade - Pessoas LGBTQIA+ - Inclusão.
4. Espiritualidade. I. Herbes, Nilton Eliseu, orientador.
II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ROBERVAL RUBENS SILVA

**ACONSELHAMENTOS PASTORAIS COMO CAMINHO PARA O CUIDADO COM
AS PESSOAS CRISTÃS LGBTQIA+ NO CONTEXTO CRISTÃO BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia e Sociedade
Linha de atuação: Dimensões do Cuidado e
Práticas Sociais

Data de Aprovação: 15 de janeiro de 2025

PROF. DR. Nilton Eliseu Herbes (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. Marcelo Ramos Saldanha (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. André Sidnei Musskopf (UFJF)
Docente visitante

Assinado
digitalmente por:
Nilton Eliseu Herbes
CXX,775,139-XX
Data: 20/02/2025
18:00:27 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Marcelo Ramos
Saldanha
CXX,817,570-XX
Data: 20/02/2025
18:02:22 -03:00



LGBTQIA+: não me reduza a uma letra!

Roberval Rubens

Não me reduza a uma letra!
Eu sou muito mais do que uma letra!
Eu sou gente que ama, chora, sorri e
sonha em continuar a ser feliz e viver bem!

Não me reduza a uma letra!
Eu sou muito mais do que uma letra!
Eu sou filho amado do Pai-Abba que
me conhece e me criou!
Eu sou feito de poeira cósmica,
dos mistérios da tecelagem e
dos bordados das mãos do Pai-Abba!

Não me reduza a uma letra!
Eu sou muito mais do que uma letra!
Eu tenho ternura no meu coração,
coragem para amar,
compaixão para servir,
lágrimas para chorar,
abraços para celebrar!
Eu sou seguidor e peregrino
de Jesus de Nazaré!

Não me reduza a uma letra!
Eu sou muito mais do que uma letra!
Eu sou amigo,
sou companheiro,
sou sensível à dor e ao sofrimento das pessoas,
sou consciente da minha finitude como ser humano!
Sou de carne e sangue, igual a você!

Não me reduza a uma letra!
Eu sou muito mais do que uma letra!
Eu sou marido,
sou irmão,
sou escritor,
sou poeta,
sou teólogo,
sou professor,
sou pai de pet, o Joy!
E já fui até contador!

Não me reduza a uma letra!
Eu sou muito mais do que uma letra!
Eu sou o que sou!
Eu sou o amor!

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai-Abba, por me amar e sonhar meu sonho juntos...

Ao Jessé, pela sua paciência, seu cuidado e amor diário, sempre acreditando no meu potencial e sonho...

Às minhas irmãs, Kézia e Creusa, pelos nossos diálogos de justiça e amor...

Ao professor Nilton Herbes, que com paciência acolheu meu sonho de escrever sobre este tema tão sensível que me atravessa profundamente...

Ao professor Charles Klemz, que com empatia me abraçou nesta jornada me orientando na metodologia da pesquisa...

Ao professor Júlio Adam, que com cuidado e uma escuta afetiva me ouviu e presenciou as minhas lágrimas...

*“Teologia é um jeito de falar sobre o corpo.
O corpo dos sacrificados.
São os corpos que pronunciam o nome
sagrado: Deu... A teologia é um poema do
corpo, o corpo orando, o corpo dizendo as
suas esperanças, falando sobre o seu medo de
morrer, sua ânsia de imortalidade, apontando
para utopias, espadas transformadas em
arados, lanças fundidas em podadeiras... Por
meio dessa fala os corpos se dão as mãos, se
fundem num abraço de amor, e se sustentam
para resistir e para caminhar.”*

Rubem Alves

RESUMO

Em um contexto cristão brasileiro de discursos teológicos hegemônicos que produzem e sustentam posicionamentos ambíguos e condenatórios em relação à inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+, tem-se produzido na prática pastoral exclusão e sofrimento a essas pessoas nos ambientes eclesiais. Esta pesquisa se propõe a abordar os discursos cristãos católico e protestante quanto ao cuidado e acolhimento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+, a partir de seus documentos e pronunciamentos oficiais. Para tanto, foi necessário estudar o lócus teológico da teologia, religião, hermenêutica teológica, a Bíblia e sua inspiração e tradução, tradição cristã, igreja cristã e o conceito de verdade como ambiente que interfere nesses discursos. Pudemos perceber que a igreja cristã em contexto brasileiro não inclui as pessoas cristãs LGBTQIA+ na sua integralidade e dignidade com base em seus discursos; entretanto, é possível percebermos práticas pastorais de cuidado e inclusão dessas pessoas por parte de algumas igrejas cristãs em contexto brasileiro, a partir do resgate do modelo de espiritualidade pastoral na dimensão do cuidado oferecido por Jesus Cristo “No Caminho de Emaús”, como caminho de crescimento espiritual que vive a ternura do evangelho e da ética de Cristo na sua missão de ser sinal do Reino de Deus.

Palavras-chave: Aconselhamento pastoral. Sexualidade LGBTQIA+. Lócus teológico. Discurso cristão. Práticas de inclusão. Espiritualidade.

ABSTRACT

Under Brazilian Christian context of hegemonic theological speeches that make and hold condemnatory and ambiguous points of view related to LGBTQIA+ Christian people inclusion, have been produced in the pastoral practice the exclusion and suffer for those people into the Christian churches. This research aims to approach the Protestant and Catholic Christian speeches related to LGBTQIA+ Christian people pastoral care and counseling, based on their official announcements and documents. For that happened, it had been necessary to study the theological *locus* of theology, religion, theological hermeneutic, Bible and its inspiration and translation, Christian tradition, Christian church and the concept of truth as the environment that interfere into those speeches. We have observed that at the Brazilian context of Christian church, the LGBTQIA+ Christian people are not included in their integrality and dignity, based on their speeches. Nonetheless, it is possible to see inclusion of those people at some pastoral care practices at Brazilian context of Christian churches, based on the attitude of embrace the pastoral spirituality model as care concept offered by Jesus Christ at the "The Road of Emmaus", as a path of spiritual growth that live the gospel tenderness and the Christ ethic to achieve its mission to be God's kingdom sign.

Keywords: Pastoral care and counseling. LGBTQIA+ sexuality. Theological *locus*. Christian speech. Inclusion practices. Spirituality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 A PORTA DE ENTRADA: A CULTURA DO ENCONTRO COMO DIMENSÃO DAS ESPIRITUALIDADES CRISTÃS.....	21
2.1 AS ESPIRITUALIDADES E OS ACONSELHAMENTOS PASTORAIS COMO SEMEADURA PARA O ACOLHIMENTO	22
2.1.1 No Caminho de Emaús: modelo de espiritualidade pastoral na dimensão do cuidado	23
2.1.2 Cativeiros ministeriais dos líderes religiosos e suas consequências no aconselhamento pastoral.....	27
2.2 AS ESPIRITUALIDADES E AS PESSOAS CRISTÃS LGBTQIA+	30
2.2.1 Conceito abrangente de espiritualidade: dimensão do sentido e da conexão de vida	30
2.2.2 Conceito restrito de espiritualidade: dimensão cristã na pessoa de Jesus Cristo	33
2.2.3 Os frutos do Espírito de Deus na vida das pessoas cristãs LGBTQIA+: expressão das suas sexualidades como dom de Deus.....	36
3 O PAPEL DO LÓCUS TEOLÓGICO NO CAMINHO DO CUIDADO PASTORAL ÀS PESSOAS CRISTÃS LGBTQIA+	43
3.1 O LÓCUS TEOLÓGICO DA TEOLOGIA, RELIGIÃO E HERMENÊUTICA TEOLÓGICA	43
3.1.1 Lócus da teologia	43
3.1.2 Lócus da religião.....	45
3.1.3 Lócus da hermenêutica teológica.....	46
3.2 O LÓCUS TEOLÓGICO DA BÍBLIA, SUA INSPIRAÇÃO E TRADUÇÃO.....	49
3.2.1 Lócus da Bíblia:	49
3.2.2 Lócus da inspiração da Bíblia.....	51
3.2.3 Lócus da tradução da Bíblia	54
3.3 O LÓCUS TEOLÓGICO DA TRADIÇÃO E IGREJA CRISTÃ E DA VERDADE.....	57
3.3.1 Lócus da tradição cristã.....	58
3.3.2 Lócus da igreja cristã	61
3.3.3 Lócus da verdade	65
4 A LÓGICA DO DISCURSO CRISTÃO CATÓLICO E PROTESTANTE BRASILEIRO QUANTO AO ACOLHIMENTO PASTORAL ÀS PESSOAS CRISTÃS LGBTQIA+	69
4.1 NO CONTEXTO CATÓLICO.....	72
4.2 NO CONTEXTO PROTESTANTE.....	82
5 DESAFIOS PARA INCLUSÃO DAS PESSOAS CRISTÃS LGBTQIA+ NO CONTEXTO CRISTÃO BRASILEIRO	89
5.1 DESAFIOS PARA A PRÁTICA PASTORAL DA INCLUSÃO	89
5.2 PLANEJAMENTO PASTORAL: LEGITIMAÇÃO DA PRÁTICA PASTORAL DA INCLUSÃO	95
6 CONCLUSÃO	103
REFERÊNCIAS	109

1 INTRODUÇÃO

O aconselhamento pastoral pode ser um caminho de semeadura para o acolhimento das pessoas cristãs LGBTQIA+ se ele refletir o modelo de espiritualidade pastoral de cuidado da pessoa de Jesus Cristo, no qual se valoriza as espiritualidades das pessoas e a presença dos frutos do Espírito Santo de Deus nas suas vidas alinhados às suas expressões de sexualidade, pois essas pessoas percebem sua sexualidade como um dom de Deus. Por isso, é importante pensar a igreja cristã como testemunha fiel ao evangelho do Cristo ressuscitado, que opta por ser uma presença marcante na vida das pessoas quando ela assume a sua condição de ser sinal do reino de Deus, raio de esperança para os corações oprimidos, cuja prática pastoral é o projeto de vida de Jesus Cristo, marcado por uma presença que carrega a fragilidade do próprio filho de Deus que a si mesmo se esvaziou. Essa parece ser uma tarefa complexa no contexto cristão brasileiro contemporâneo. Mais ainda: pensar numa prática pastoral da lógica da presença em que a igreja cristã se torna itinerante, peregrina, aberta à impermanência da vida, voltada para a sua missão evangelizadora, que tem como fundamento o serviço em amor ao próximo, nas suas ações de compaixão e solidariedade, nutrida por um coração em Cristo em comunhão com todas as pessoas, inclusive com as pessoas cristãs LGBTQIA+, parece ser uma tarefa absurda para ser praticada no contexto cristão brasileiro.

Pensando neste contexto cristão brasileiro, tanto católico como protestante, a escolha do tema proposto para esta pesquisa apresenta dois aspectos norteadores. Primeiro porque ele me atinge diretamente por eu ser um cristão homossexual, nordestino e de uma família de agricultores pobres que sempre foi alvo de discriminação, exclusão, estranhamento, sempre percebendo que este lugar eclesial não me pertencia e, como consequência, eu não poderia habitar em nenhum lugar que pudesse me nutrir com o sentimento de que Deus me ama e cuida de mim, condição essencial para um crescimento espiritual e integral do meu ser saudável, em comunhão comunitária e com Deus. O segundo aspecto levado em consideração para a escolha deste tema foi a percepção de que esta tensão e disputa ainda persistem na sociedade brasileira e dentro das igrejas cristãs na questão de oferecer acolhimento, cuidado e reconhecimento dos direitos igualitários das pessoas cristãs LGBTQIA+, o que produz muita violência, intolerância e exclusão sociais e religiosas.

Neste cenário de não pertencimento eclesial, surge a pergunta central desta pesquisa: em que medida as igrejas cristãs incluem as pessoas cristãs LGBTQIA+ em suas dimensões

de acompanhamento e cuidado pastoral? Outras perguntas se desdobram a partir desta questão central: em que nível de aproximação a espiritualidade das lideranças religiosas reflete a espiritualidade do cuidado pastoral de Jesus Cristo? Qual é a interferência do lócus teológico para a elaboração e sustentação dos discursos de acolhimento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+? Existem práticas pastorais de inclusão e cuidado às pessoas cristãs LGBTQIA+?

Assim, com base nos questionamentos apresentados, esta pesquisa propõe como objetivo geral contribuir para uma reflexão teológico-pastoral e acadêmica quanto ao tema dos aconselhamentos pastorais como caminho para o cuidado com as pessoas cristãs LGBTQIA+ no contexto cristão brasileiro, buscando oferecer o pensamento de pessoas teólogas e filósofas que já abordaram de alguma forma esta temática. Ao mesmo tempo, possibilita oferecer uma atualização para uma nova prática pastoral às igrejas cristãs quanto ao acolhimento e cuidado com as pessoas cristãs LGBTQIA+. Esta pesquisa tem como hipóteses que as igrejas cristãs não incluem as pessoas cristãs LGBTQIA+ em suas dimensões de acompanhamento e cuidado pastoral; que a espiritualidade das lideranças religiosas reflete pouco a espiritualidade do cuidado pastoral de Jesus Cristo; que o lócus teológico interfere na elaboração e sustentação dos discursos de acolhimento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+; e que existem poucas práticas pastorais de inclusão e cuidado às pessoas cristãs LGBTQIA+.

A metodologia escolhida para a realização desta pesquisa será a análise de conteúdo,¹ que avalia os discursos a partir de documentos escritos e de domínio público, tendo como fontes utilizadas para esta abordagem a pesquisa bibliográfica,² com as contribuições de pessoas autoras que já abordaram este tema, e documental,³ com base em documentos oficiais selecionados para efeito desta pesquisa. Desta forma, delimitarei a análise dos discursos cristãos quanto ao acolhimento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+ no contexto católico em seis documentos oficiais e no contexto protestante em quatro pronunciamentos oficiais.

Acredito ser possível construir novos caminhos de acolhimento e cuidado espiritual a partir de práticas pastorais da inclusão e do cuidado nas igrejas cristãs brasileiras, resgatando a cultura do encontro como dimensão espiritual promotora do acolhimento e a abertura para o livre exercício da espiritualidade das pessoas cristãs LGBTQIA+. Esse resgate revela que a

¹ SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016. p. 129.

² SEVERINO, 2016, p. 131.

³ SEVERINO, 2016, p. 131.

essência da prática pastoral do cuidado é propor o encontro dessas pessoas com a fonte primeira de toda a espiritualidade cristã: a pessoa de Jesus de Nazaré, como está na narrativa no evangelho de Lucas 24.13-35, dos caminhanes de Emaús com Jesus, exemplo da espiritualidade da escuta que primeiro se aproxima, caminha junto, escuta em silêncio e discerne o sentido do caminho através do mistério pascoal revelado. O itinerário desta pesquisa se propõe a resgatar a importância da espiritualidade da escuta como caminho para o cuidado pastoral com as pessoas cristãs LGBTQIA. Para isso, estruturei este trabalho em quatro capítulos, para melhor apresentação dos temas e objetivos propostos.

No segundo capítulo, apresentarei o conceito de cultura do encontro como uma porta de entrada para o cuidado e acolhimento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+ abordando o modelo de espiritualidade pastoral na dimensão do cuidado a partir da narrativa do evangelho lucano dos caminhanes de Emaús com Jesus Cristo, revelando a beleza desse caminho espiritual que destaca a importância do se aproximar, caminhar juntos e ouvir a outra pessoa como núcleo da espiritualidade do cuidado pastoral. Um ponto de destaque será a questão do nível de amadurecimento espiritual dos pastores, das pastoras e dos padres que cuidam e acolhem as pessoas cristãs LGBTQIA+, os quais nem sempre são livres ministerialmente, por isso será revisitado o conceito de cativo ministeriais e suas consequências na vida desses líderes religiosos. Na sequência, apresentarei as espiritualidades e as pessoas cristãs LGBTQIA+ em um conceito de espiritualidade abrangente e restrito, com destaque para a diversidade sexual e os frutos do Espírito Santo de Deus na vida dessas pessoas como expressão das suas sexualidades como dom de Deus.

No terceiro capítulo, apresentarei o papel do *lócus teológico* como o lugar operante do discurso religioso cristão a partir da abordagem dos conceitos de teologia, religião e hermenêutica teológica, cuja tarefa é reler os textos bíblicos numa realidade cultural contemporânea, de forma a apresentar os sentidos hermenêuticos da bíblia como fonte da revelação da teologia cristã no seu processo humano de tradução, seleção e interpretação dos textos sagrados e seus significados. Neste ambiente do discurso religioso cristão, é importante perceber o papel do *lócus teológico* da tradição cristã como fonte da revelação da teologia cristã, entretanto, uma tradição que seja coerente com a mensagem de Jesus de Nazaré. Na sequência deste capítulo, será abordado o *lócus teológico* da igreja cristã como o “*habitus*” do discurso religioso e, por isso, ela precisará ser compreendida em sua origem, natureza, seu conceito, seus atos e características fundamentais como elemento de expressão das espiritualidades e religiosidades das pessoas; merece destaque pensar o conceito de verdade,

que produz as lógicas dos discursos cristãos em contexto brasileiro quanto ao cuidado e acolhimento pastoral junto às pessoas cristãs LGBTQIA+.

No quarto capítulo, abordarei os documentos e pronunciamentos oficiais das igrejas cristãs católica e protestantes em contexto brasileiro quanto ao acolhimento e cuidado pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+; destacarei nesses documentos as suas posturas teológicas e pastorais condenatórias e não condenatórias sustentadas pelo seu locus teológico. No contexto católico, foram selecionados os principais documentos emitidos pela Santa Sé, em Roma, no período de 1975 e 1986, os mais antigos, além dos mais recentes, emitidos pelo Papa Francisco em 2023 e 2024. No contexto protestante, foram selecionados os pronunciamentos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil no período de 2001 e 2011 e da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Convenção Batista Brasileira em 2007. Todos esses documentos e pronunciamentos estão disponíveis nos *sites* dessas instituições eclesiais como uma postura pública e política que refletem as suas posições teológicas e pastorais quanto ao acolhimento e aos cuidados pastorais às pessoas cristãs LGBTQIA+.

No quinto e último capítulo, apresentarei os principais desafios para a prática pastoral da inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+ no contexto cristão brasileiro abordando exemplos práticos de lideranças religiosas com as suas comunidades de fé que romperam com o locus teológico hegemônico de condenação e exclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+. No contexto protestante, destacarei a pastora e teóloga feminista Odja Barros, o pastor Ed René Kivitz e o pastor Ricardo Gondim. No contexto católico, destacarei o Bispo Dom Luciano Bergamim. Na sequência desse último capítulo, parto para a tarefa de elaborar dois projetos como produto final desta pesquisa, demonstrando que a prática pastoral de inclusão é uma tarefa possível. O primeiro projeto será denominado “Rodas de Conversas de Inclusão”, que visa oportunizar relações de cuidado e acompanhamento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+; o segundo projeto será denominado “Educação Teológica Inclusiva”, que visa oportunizar educação teológica para a comunidade cristã a partir da formação de conhecimento.

2 A PORTA DE ENTRADA: A CULTURA DO ENCONTRO COMO DIMENSÃO DAS ESPIRITUALIDADES CRISTÃS

A cultura do encontro como dimensão espiritual promotora do acolhimento e da abertura para o livre exercício das espiritualidades das pessoas cristãs LGBTQIA+ pode ser vista como uma porta de entrada pelos ambientes eclesiais cristãos brasileiros, por ser uma vocação relacional do Cristianismo, testemunhada, vivida e anunciada pelo próprio Cristo, que qualificou seus encontros com as pessoas na sua travessia existencial através de respeito, escuta, acolhimento, compaixão e amor.⁴ O Papa Francisco, em sua carta encíclica “Fratelli Tutti”, convida as pessoas ao desenvolvimento de uma cultura do encontro “que supere as dialéticas que colocam um contra o outro, que procure pontos de contatos, construir pontes, e isso implica o hábito de reconhecer, ao outro, o direito de ser ele próprio e de ser diferente”.⁵ Pensar este ambiente de acolhimento e escuta revela a essência da prática pastoral do cuidado cristão, que é propor o encontro das pessoas com a fonte primeira de toda a espiritualidade cristã: a pessoa de Jesus de Nazaré. Ainda sobre a cultura do encontro, o teólogo luterano brasileiro Valério Schaper ressalta que:

A interculturalidade supõe um ato de renúncia (renunciar a sacralizar a origem das tradições culturais e religiosas, a converter as nossas tradições em itinerário para os outros, a dilatar as zonas de influência, a sincretizar diferenças, a tornar estático o que cada cultura chama de próprio).⁶

A narrativa que se encontra no evangelho de Lucas 24.13-35⁷ dos caminantes de Emaús com Jesus é um exemplo de espiritualidade da escuta atenta e afetiva, que primeiro se aproxima, caminha junto, escuta em silêncio e discerne o sentido do caminho através do mistério pascoal revelado. A partir desta perícopa lucana, serão destacados no subcapítulo seguinte os elementos essenciais das espiritualidades cristãs e os aconselhamentos pastorais como sementes que germinarão no tempo oportuno como acolhimento e discernimento

⁴ RUBENS, Roberval. **A cultura do encontro e serviço**: a compaixão que Jesus de Nazaré nos ensinou. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2021. p. 23.

⁵ FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020. p. 153.

⁶ FORNET-BETANCOURT (2007) *apud* SCHAPER, Valério Guilherme. A igreja no caminho de Emaús – a IECLB e o futuro: desafios e possibilidades. In: WACHHOLZ, Wilhelm (org.) **Igreja e ministério**: perspectivas evangélico-luteranas. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 172.

⁷ A versão da Bíblia utilizada para referências aos textos do Novo Testamento para esta pesquisa é a do linguista português Frederico Lourenço, que traduziu do grego *koiné* o Novo Testamento: Os quatro Evangelhos (v.I) e o Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse (v.II), publicados pela Companhia das Letras no Brasil em 2017 e 2018, respectivamente.

espiritual para os caminhantes do Caminho do Deus encarnado, que ressurgiu e venceu a morte.

Na contramão da cultura do encontro, tem-se a cultura da indiferença, que em sua maioria é responsável por uma prática cristã distante do projeto de vida de Jesus de Nazaré. A prioridade de muitas igrejas cristãs brasileiras é aumentar a sua riqueza patrimonial e a expansão dos seus territórios de dominação, fazendo o que for preciso para eliminar tudo aquilo que as ameaça. Neste ambiente de autorreferencialidade da teologia, predomina a lógica das verdades absolutas como fundamentos para as suas retóricas do medo, da prosperidade e retribuição, distanciando-se do projeto de vida da fonte de toda espiritualidade cristã que está ancorada na pessoa de Jesus de Nazaré, pois só nele se pode se configurar e imitá-lo. Como disse o filósofo francês Stéphane Hessel:

A pior das atitudes é a indiferença, dizer “como não posso fazer nada, desvencilho-me como posso”. Este tipo de atitude conduz à perda de uma das componentes essenciais do ser humano. Uma das componentes indispensáveis: a capacidade de indignação e a consequente militância.⁸

Tendo em mente a cultura do encontro e a mensagem profética do evangelho de Lucas, 24.13-35, “No caminho de Emaús”, como modelo de um itinerário de acompanhamento e aconselhamento pastoral, será desenvolvido no próximo subcapítulo em detalhes como os aconselhamentos pastorais podem se nutrir do exemplo de perfeição do Mestre Jesus de Nazaré.

2.1 AS ESPIRITUALIDADES E OS ACONSELHAMENTOS PASTORAIS COMO SEMEADURA PARA O ACOLHIMENTO

As espiritualidades cristãs são dimensões presentes nos processos de aconselhamentos pastorais como semente para acolhimento e cuidado das pessoas; para isso, é preciso se atentar para um possível modelo de espiritualidade pastoral do Mestre Jesus de Nazaré na narrativa lucana “No Caminho de Emaús”. Ainda presente neste mesmo processo, há os riscos dos cativeiros ministeriais das lideranças religiosas, que os levarão a consequências profundas para as suas vidas e seus ministérios.

⁸ HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos!** Tradução: Paula Centeno. Portugal: Objectiva, 2011. p. 26.

2.1.1 No Caminho de Emaús: modelo de espiritualidade pastoral na dimensão do cuidado

A narrativa lucana (Lc 24.13-35) que revela o Jesus ressuscitado no caminho de Emaús pode ser considerada pela tradição cristã um excelente exemplo de ação pastoral afetiva e acolhedora, um possível modelo de itinerário de acompanhamento, aconselhamento pastoral, pois demonstra que é no Seguimento, no Caminho com o Cristo que se amadurece a fé a partir do encontro com Ele, do confronto com a Palavra de Deus e do encontro consigo mesmo. A espiritualidade de Jesus Cristo neste evento do encontro revela que primeiro é preciso se aproximar e caminhar com as pessoas⁹ no chão das suas existências para ouvir as suas histórias, seus lamentos, seus desamparos, suas desesperanças, sua condição humana que carrega vulnerabilidade, finitude, fugacidade. É preciso não ter pressa neste caminho do encontro e cuidado com a vida dos caminhantes de Emaús, pois eles poderão estar em uma fase das suas vidas que a decepção e o fracasso de seus sonhos e projetos são realidades concretas, como o foram para eles onde não havia lugar para a cruz daquele que seria o libertador de Israel.¹⁰ Segundo o teólogo luterano brasileiro Nilton Herbes, o primeiro passo no aconselhamento pastoral é o ato de ir ao encontro, como feito por Jesus Cristo: “Ele simplesmente vem e chega no momento certo, no momento de necessidade e se junta aos dois andantes”, e o segundo passo é o ato de caminhar junto para “sentir como a pessoa está naquele momento”.¹¹

Pode-se dizer que a ação dos verbos aproximar e caminhar é o núcleo da espiritualidade do aconselhamento pastoral, com atenção plena como semente para o acolhimento que fora testemunhado e vivido por Jesus Cristo. O ato de se aproximar se dá no chão da vida cotidiana das pessoas, mescladas por suas humanidades, como possibilidade de se estabelecer uma proximidade, uma presença. A espiritualidade do aconselhamento pastoral demanda necessariamente uma disponibilidade de se aproximar como elemento da presença gratuita de quem deseja oferecer acolhimento e cuidado pastoral a uma outra pessoa, considerando que o caminho existencial não é uma tarefa fácil e simples, como afirma a teóloga colombiana Carmen Pérez:

⁹ Evangelho segundo Lucas 24.15.

¹⁰ Evangelho segundo Lucas 24.21.

¹¹ HERBES, Nilton Eliseu. Introdução: aconselhamento pastoral na capelania: por uma pastoral do cuidado. In: HERBES, Nilton Eliseu (org.) **Nuances do aconselhamento pastoral hospitalar**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2022. p. 15.

O caminho de Emaús é sinuoso. Transita em voltas e mais voltas, apertado, cheio de poeira. A rota de Emaús principia com os pés cansados: empreende-se com alma abatida, a passo de derrota. Quando morrem os sonhos, quando o sofrimento pesa como chumbo sobre as costas, quando o futuro parece ilusória miragem, partimos para Emaús. Tropeçando, vamos caminhando às cegas. A tristeza faz nosso olhar se voltar para dentro. Passo a passo, por inércia, vamos seguindo o caminho.¹²

O ato de se aproximar não é suficiente em si mesmo, pois a partir desta primeira atitude pastoral se faz necessário escutar a outra pessoa neste processo de cuidado através do caminho existencial. É no caminho que se faz próximo e sensível às dores e aos lamentos dos outros e que se sente a realidade concreta das suas vidas cotidianas. É preciso paciência para ouvir a outra pessoa, sem interromper a sua fala, que transborda do mais íntimo do seu ser, revelando as suas alegrias e frustrações no seu caminho existencial. Jesus Cristo deixa bem claro que não é necessário fazer nenhuma apresentação, afirmação, doutrinação, regulação, moralização em relação a outra pessoa, mas demonstra uma preocupação em ouvir quais assuntos permeiam a alma dos caminhantes de Emaús quando os indaga: “Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?”¹³ O ato de ouvir requer respeito às palavras da outra pessoa, sem interrupção, sem julgamentos, sem condenações; é preciso ouvir com os ouvidos atentos e interessados pela vida que brota da sua boca, pela esperança interrompida que machuca o seu coração, pela pouca fé que atravessa o seu caminho. Corroborando este entendimento da importância do ouvir com atenção, Herbes afirma que

é importante eu me despir dos preconceitos e pré-julgamentos que tenho antes de chegar ao encontro. Devemos ir com o coração aberto e com uma curiosidade saudável, pois essa é fundamental para que uma conversação, ou aconselhamento, possa fluir bem. [...] O ouvir empaticamente, ou com muita atenção, é fundamental num aconselhamento.¹⁴

Os atos de proximidade, caminho e escuta atenta são sementes para o acolhimento no aconselhamento pastoral, que reflete o nível de espiritualidade deste encontro e cuidado, conduzido de forma sensível, e a escuta pastoral estará aberta para ouvir em amor e cuidado o que realmente as pessoas têm a revelar do seu mais íntimo ser. O cuidado pastoral se dá na proximidade, no caminho, na escuta afetiva, respeitando o tempo necessário que as pessoas precisam para ressignificar, discernir, perceber as suas rotas, seus caminhos e escolhas como algo que lhes traz sentido para viver a sua caminhada. É preciso conquistar o direito de falar com as pessoas de forma mais profunda, crítica, conselheira, confrontando as suas alienações, arrogâncias, autossuficiências, depois de um longo caminho de escuta e proximidade a partir

¹² PÉREZ, Carmen. O caminho de Emaús. Lidar com o fracasso. **Revista Concilium**, n. 231, 1990/5. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 98.

¹³ Evangelho segundo Lucas 24.17.

¹⁴ HERBES, 2022, p. 16.

do chão da compaixão e do amor. É preciso construir relacionamentos profundos com base na escuta, como afirma o teólogo protestante brasileiro Alessandro Rocha, quando declara:

Quem ouve encontra no outro alguém digno de atenção, um igual que tem voz, desejo, direitos como aquele que ouve também tem. Isso é falar com as pessoas e essa atitude só se mostra possível quando nos dispomos a criar relacionamentos profundos que passam pela disposição de ter ouvidos abertos aos que estão ao nosso redor.¹⁵

A escuta é uma atitude constitutiva do itinerário de acompanhamento, aconselhamento pastoral, que autoriza a abertura de diálogo quando é estabelecida uma confiança mútua nos relacionamentos. Ainda sobre a arte da escutatória, é possível compreender a importância de se ter um coração dócil, atento, capaz de escutar a outra pessoa para se escutar a melodia do presente, como poeticamente declara o cardeal português José Tolentino: “a escuta não se faz apenas com o ouvido exterior, mas com o sentido do coração. [...] É a escuta que nos dá o sabor da presença”.¹⁶

No itinerário de aconselhamento pastoral, é preciso compreender o que de fato está se falando quando se elege este termo. O teólogo norte-americano Howard Clinebell define aconselhamento pastoral como “a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento”.¹⁷ Agora pensando no conceito de cuidado pastoral, o teólogo católico brasileiro Leonardo Boff afirma que “cuidado é uma atitude de relação amorosa, suave, amigável, harmoniosa e protetora para com a realidade, pessoal, social e ambiental”.¹⁸

Na jornada de crescimento espiritual que vai da incerteza à convicção de fé, há uma mudança de perspectiva quando os dois discípulos no caminho de Emaús fazem um convite ao andarilho, que era Jesus Cristo, quando falam: “Fica conosco, pois é quase de noite e o dia já está no fim”.¹⁹ Percebe-se que aqui há um aspecto eclesial: a comunidade de fé representada pelos dois discípulos demonstra um cuidado com Ele no convite de boas-vindas, mesmo sem saber quem Ele era. Tem-se a presença de um desejo que Ele seja acolhido,

¹⁵ ROCHA, Alessandro. **Celebração dos sentidos**: itinerário para uma espiritualidade integradora. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 56.

¹⁶ MENDONÇA, José Tolentino. **A mística do instante**: o tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 107.

¹⁷ CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. Trad. Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 25.

¹⁸ BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 34.

¹⁹ Evangelho segundo Lucas 24.29.

abrigado, recomponha as suas forças gastas no caminho de Emaús, pois a noite pode representar o perigo que há nas rotas e escolhas existenciais da vida.

O aconselhamento pastoral atento e acolhedor como dimensão espiritual requer o reconhecimento do valor do caminho como elemento de transformação, pois é no caminho que acontece a conversão de vida, o encontro com o Cristo, e o encontro com a outra pessoa como um ato comunitário inclusivo e horizontal. A Cristologia da presença evidenciada neste texto lucano revela que é preciso amar o Cristo para se dialogar com Ele no caminho da existência da vida, pois é na fração do pão, na comunhão comunitária que se tem o lugar teológico do reconhecer do Cristo.²⁰

Outro aspecto relevante que merece destaque é a lógica do pastor amoroso e acolhedor, que escolhe a lógica inversa dos valores das sociedades contemporâneas, demonstrando o valor de uma única ovelha em perigo e colocando em risco as noventa e nove ovelhas abrigadas.²¹ Pode-se traçar um paralelo com Jesus Cristo, o Bom Pastor, que foi em busca de apenas dois discípulos²² que estavam desanimados, desesperançados, entristecidos no caminho de Emaús. As espiritualidades do aconselhamento pastoral como semente para o acolhimento revelam Jesus Cristo como um pastor que sempre se aproximou, caminhou com os seus e ouviu os seus lamentos e suas dores, curando os seus corações para que pudessem ter esperanças no caminho da vida. A pergunta que se faz aqui é: o que seria um pastor segundo o coração de Deus?²³ Ele escolheria a lógica do cuidado e acolhimento? Ou preferiria escolher a lógica do poder e dominação?

Com base nestas considerações, percebe-se que são necessárias algumas características que refletem o nível de amadurecimento espiritual para que um aconselhamento pastoral seja acolhedor e amoroso, como, por exemplo, a acessibilidade, o interesse, a cortesia, a humildade, a sinceridade e a interatividade²⁴ da pessoa que se disponibiliza a escutar uma outra pessoa. O ato de escutar afetivamente requer uma atitude de diálogo, reconhecer a potência do espaço de encontro com a outra pessoa, que também tem outros saberes a partilhar nesta ação dialogal. Corroborando este entendimento, o padre italiano Gino Nazizi afirma:

²⁰ Evangelho segundo Lucas 24.30-31.

²¹ Evangelho segundo Lucas 15.4: “A ovelha perdida”.

²² Evangelho segundo Lucas 24.13.

²³ ALSINA, Maria dels Àngels. **O terceiro caminhante de Emaús**. Tradução: Cristina Paixão Lopes. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 66.

²⁴ PEREIRA, José Carlos. **Pastoral da escuta**: por uma paróquia em permanente estado de missão. São Paulo: Paulus, 2013, p. 73.

No diálogo somos dois a buscar uma verdade mais elevada que a nossa. Mas para que essa verdade se elabore e tome forma, é preciso que nossos espíritos se interroguem e se escutem. É preciso que sejamos livres o bastante para acolher o que se revelará sem que a nossa vaidade atrapalhe. É preciso que sejamos realmente verdadeiros para que se desenvolva em nós uma verdade que nos una num respeito recíproco.²⁵

Assim, a escuta atenta está intrínseca ao ato dialogal como instrumento de conexão e sementeira para o acolhimento; a voz da outra pessoa²⁶ deve ser ouvida numa atitude de respeito, reconhecimento, afeto, empatia, interesse em escutar as suas razões de existir.

Agora pensando no nível de amadurecimento espiritual de quem escuta, pergunta-se: como desenvolver uma espiritualidade do aconselhamento pastoral se padres, pastores e líderes religiosos não forem livres ministerialmente? Será que estão presos a cativeiros ministeriais? Será que não escutam a si mesmos? Nem sempre é fácil ouvir aquilo que não se quer ouvir, como se pode constatar na fala do teólogo americano Keith R. Anderson: “às vezes o que nós mais precisamos ouvir é o que nós estamos menos abertos para ouvir.” [tradução livre]²⁷

2.1.2 Cativeiros ministeriais dos líderes religiosos e suas consequências no aconselhamento pastoral

É necessário entender o que são esses cativeiros ministeriais e suas consequências na dimensão “biopsico-socioespiritual” na vida dos líderes religiosos. Pode-se dizer que um cativeiro ministerial compreende quaisquer situações em que a essência da espiritualidade do padre e/ou pastor seja sequestrada, tornando-os profissionais da religião preocupados com a quantidade de membros nas suas paróquias e igrejas, em detrimento da qualidade do amadurecimento espiritual dos membros.²⁸ A tarefa pastoral aqui é resgatar a dimensão do cuidado relacional com as pessoas dessas comunidades de fé e fora delas, em detrimento de preocupações administrativas e executivas. Outro exemplo de cativeiro ministerial pode ser compreendido quando se encontra um forte traço de clericalismo dentro das paróquias e igrejas, reduzindo a tarefa pastoral a aspectos *ad intra* e se esquecendo da sua *missio dei*, isto é, a missão de Deus, que é essencialmente *ad extra*, reflexo de uma escolha de modelo

²⁵ SAHUC 2001 *apud* NAZINI, Gino. **A arte da escuta no serviço pastoral**: escutar significa amar. Uberlândia, MG: Editora A Partilha, 2015. p. 55.

²⁶ DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista**: como escutar os outros pode transformar vidas. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2021. p. 75.

²⁷ ANDERSON, Keith R. **A spirituality of listening**: living what we hear. Illinois: IVP Books, 2016, p. 142. “Sometimes what we most need to hear is what we are least open to hear.”

²⁸ BARRO, Jorge H. **Pastores livres**. Londrina: Descoberta, 2013. p. 63.

pastoral que não assuma a sua condição de ser sinal do reino de Deus, optando por um “modelo missionário como projeto de poder, fundado na perspectiva de domínio eclesial territorial como evidência de sua prática cristã orientada para a expansão missionária quantitativa”.²⁹

Os cativeiros ministeriais geram consequências para a vida integral das lideranças religiosas cristãs, pois criam um ambiente de disputa, corrupção e competitividade entre eles, produzindo espaços eclesiais com características de autorreferencialidade, arrogância, autossuficiência, autoridade, opressão e controle nas suas relações sociais e interpessoais. Arrisca-se afirmar que por trás dessas lideranças que foram emolduradas por esses ambientes eclesiais, uma grande e silenciosa dor atravessa suas existências.

É preciso ter humildade para entender que as espiritualidades do aconselhamento pastoral como sementeira para o acolhimento das pessoas se desenvolvem num ambiente onde é essencial uma escuta atenta e compassiva, onde tanto quem escuta quanto quem fala sejam pessoas que tenham a coragem de ser elas mesmas e que saibam ouvir a si mesmas num processo de autoconhecimento, como recomenda o teólogo protestante alemão Paul Tillich, sobre o significado da coragem de ser: “Coragem é autoafirmação a despeito de, que é a despeito do que tende a prevenir a mim mesmo de afirmar a minha autoafirmação”. [Tradução livre].³⁰ Corroborando esta compreensão, a psicóloga e educadora brasileira Luciana Campos pesquisou as variáveis de comportamento dos padres e religiosos e identificou que a maior parte deles tem temperamentos de subjugação, autossacrifício, busca de aprovação e reconhecimento, inibição emocional, padrões inflexíveis e caráter punitivo como reflexos das suas histórias de vida.³¹ Segue ainda afirmando que existe uma grande dicotomia entre a realidade idealizada e a realidade de fato pelos padres e religiosos quanto aos ambientes institucionais burocráticos, hierárquicos e suas exigências administrativas existentes nas igrejas de forma geral, fatores geradores do sofrimento psíquico desses ministros.³²

Desta forma, é humano recuperar a percepção de que as lideranças religiosas cristãs também sofrem com seus problemas existenciais, que podem as levar a desenvolver síndrome de burnout, depressão, pensamentos suicidas, pois são pessoas reais, sem garantias que terão imunidade ao sofrimento. As fontes que geram sofrimento psíquico-espiritual a essas

²⁹ SILVA, Roberval R. A igreja cristã como sinal do reino: o evangelho e sua lógica da presença a serviço das pessoas. In: Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral. **Annales FAJE**, v.1, n.1, 2021. p. 521-529.

³⁰ TILLICH, Paul. **The courage to be**. 2nd ed. Yale University Press, 2000. p. 32 “Courage is self-affirmation “in-spite-of”, that is in spite of that which tends to prevent the self from affirming itself.”

³¹ CAMPOS, Luciana. **A dor invisível dos presbíteros**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 26.

³² CAMPOS, 2018, p. 32.

lideranças são diversas, mas pode-se destacar as cobranças urgentes que recebem, as críticas, as transferências das dores, angústias e sofrimentos das pessoas, a solidão ministerial, a tendência de perceber a igreja como uma empresa e sua conseqüente cobrança por resultados, a obsessão pelo sucesso, a tirania do imediatismo, a remuneração insuficiente, dentre outros fatores que podem causar sofrimento.³³ Corroborando este entendimento sobre como o mundo contemporâneo potencializa esses sofrimentos, o psicólogo e teólogo paulista Rael Bispo Beserra afirma que:

As relações humanas assumiram outra dimensão, algo que até então não havia sido vivenciado. Hoje as relações são marcadas pela transitoriedade onde tudo acontece muito rápido, há uma dificuldade para criar vínculos afetivos, as relações são cultivadas somente até onde há interesse pessoal, os valores são relativos e o pragmatismo tem sido adotado como princípio norteador das ações. Quando a pessoa não encontra um sentido para seu sofrimento, fica mais vulnerável e novas formas de sofrimento podem surgir. As sensações de desamparo, de abandono, impotência, ansiedade e medo são exemplos de dor existencial que se intensificam como resultado da nova ordem social.³⁴

Ainda sobre a síndrome de burnout e o sofrimento psíquico no contexto cristão brasileiro, cabe destacar, segundo o pesquisador, padre e psicólogo brasileiro Vagner Sanagiotto, que “no âmbito eclesial brasileiro, as raízes da síndrome de burnout remontam à lenta transformação do entusiasmo pessoal, em uma gradual desilusão com a práxis pastoral”.³⁵ É um alerta para o cuidado de si por parte das lideranças religiosas no aspecto de repensarem os seus estilos de vida e suas relações com os seus ministérios vocacionais, tendo em vista que têm a missão de aconselhar, acompanhar as vidas das pessoas que necessitam de cuidado e afeto. Outro psicólogo brasileiro, William Castilho Pereira, especialista neste assunto do sofrimento psíquico dessas lideranças, chama a atenção para o cuidado de si e da outra pessoa, pois define o ato de cuidar como uma atitude de

zelar, preservar, criar condições de qualidade de vida entre os humanos. Cuidar é a atitude que coloca a vida no centro, que defende e promove a vida contra os mecanismos de morte, de destruição ou de estancamento. [...] Cuidar, numa perspectiva cristã, significa colocar-se amorosamente diante das pessoas, encorajando-as, consolando-as e criando espaços de promoção da vida.³⁶

³³ BUHR, João Rainer. **O sofrimento do pastor**: um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores até hoje. Curitiba: Editora Esperança, 2017. p. 41.

³⁴ BESERRA, Rael Bispo. **Dialogando com a dor**: considerações sobre o sofrimento e as relações humanas. São Paulo: Garimpo, 2015. p. 30.

³⁵ SANAGIOTTO, Vagner. **Padres exaustos**: a síndrome de burnout no contexto eclesial brasileiro. Petrópolis: Vozes, 2023, p. 56.

³⁶ PEREIRA, William Cesar Castilho. **Sofrimento psíquico dos presbíteros**: dor institucional. 4. ed. Petrópolis: Vozes/Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2013, p. 465.

Assim, percebe-se que o ambiente em que as pessoas habitam produz as suas relações, que podem gerar saúde integral ou dor e sofrimento existencial, evoluindo para transtornos psíquicos e doenças psicossomáticas; portanto, pode-se destacar a depressão e a ansiedade como as doenças que mais atingem tanto pessoas cristãs LGBTQIA+ como as lideranças religiosas cristãs na contemporaneidade. Como visto na narrativa lucana “No caminho de Emaús”, de um lado se tem o itinerário de aconselhamento, acompanhamento pastoral na pessoa de Jesus Cristo, devendo ser imitado pelas lideranças religiosas que cuidam das pessoas; do outro lado, se tem o itinerário de crescimento espiritual que vai da incerteza à convicção da fé por parte dos dois discípulos, que inspira um vínculo profundo de confiança mútua.

Desta forma, viu-se que é possível pensar como um modelo de aconselhamento pastoral esta narrativa lucana “No Caminho de Emaús”, na qual se produz vida em plenitude, respeitando o amadurecimento espiritual das lideranças religiosas que se disponibilizam para acolher as pessoas. Viu-se também que a realidade do caminho espiritual produz muitas vezes sofrimento psíquico para essas lideranças, que também precisam de cuidado e acompanhamento nas suas vidas.

2.2 AS ESPIRITUALIDADES E AS PESSOAS CRISTÃS LGBTQIA+

As pessoas cristãs são reconhecidas pelas expressões das suas espiritualidades, que refletem a pessoa de Jesus de Nazaré na força do Espírito Santo de Deus a partir dos seus dons e carismas como expressão da sua comunhão e conversão, o que inclui as suas questões de gênero e sexualidade como um dom de Deus. Para isso, será abordado o conceito abrangente e restrito de espiritualidade, além da expressão dos frutos do Espírito Santo de Deus na vida das pessoas cristãs LGBTQIA+.

2.2.1 Conceito abrangente de espiritualidade: dimensão do sentido e da conexão de vida

A humanidade se caracteriza por uma base comum que a constitui universal: o direito à vida. Essa base é necessária para que uma pessoa exista, e “é o primeiro valor moral de todos os seres humanos”.³⁷ Falando de forma teopoética,³⁸ pode-se dizer que a voz humana é

³⁷ BARRETO, Ana Carolina Rossi. Artigo III. In: BALELA, Wagner (coord.) **Comentários à Declaração Universal dos Direitos Humanos**. São Paulo: Conceito Editorial, 2011. p. 25.

um elemento marcante da presença da espiritualidade em todas as pessoas; semelhantemente, a respiração é uma marca singular dos seres vivos – humanos, animais, plantas, universo, por isso a recomendação do poeta que “todo ser que respira louve o Senhor”.³⁹ A espiritualidade está presente na vida da humanidade como dimensão geradora de sentido, propósito, conexão com a própria travessia existencial. É importante esclarecer que a espiritualidade humana é plural, por isso é mais coerente falar em espiritualidades, pois é potência de vida, energia vital, fonte da vontade de sentidos das pessoas. As espiritualidades são as dimensões das perguntas sobre o sentido da vida como espaço aberto para reflexão, pois o sentido aponta para uma direção do curso da vida das pessoas. A vida humana é cheia de sentidos, significações, por isso se perguntar se a vida tem sentido é se perguntar se vale a pena viver.

A dimensão espiritual das pessoas tem um ponto de encontro como reflexo do que ela produz nas suas vidas, como respeito, compaixão, solidariedade, sustentada nas suas dimensões “biopsico-socioespiritual” e expressa em seu fôlego de vida, trazendo entendimento, sabedoria, vitalidade, liberdade. Assim, é importante perceber as espiritualidades como “uma arte integral do ser”,⁴⁰ corporificadas no sopro vital do Mistério que constituiu a vida, um convite para habitar os sentidos corporais como horizontes para se desenvolver as experiências de plenitude, integralidade, inteireza da condição humana.

Conceituar espiritualidade não é uma tarefa fácil, pois requer uma sensibilidade para se captar o que de fato a constitui como sentido de vida, maneira de viver plenamente. O termo espiritualidade pode significar “a qualidade do que é espiritual”,⁴¹ “*ruah* (espírito, respiração, vento, tudo aquilo que dá vida e ânimo)”.⁴² Corroborando este entendimento, o teólogo católico Dom Pedro Casaldáliga afirma em relação à espiritualidade que “o espírito de uma pessoa é o profundo e dinâmico de seu próprio ser: suas motivações maiores e últimas, seu ideal, sua utopia, sua paixão, a mística pela qual vive e luta e com a qual contagia”.⁴³ Em outras palavras, o teólogo Leonardo Boff considera que

³⁸ O termo teopoética significa “o discurso da ‘teopoética’ em geral, e particularmente na intersecção entre mística e poesia, é um lugar de entrelaçamento cultural, onde se conectam teologia, literatura, estética, espiritualidade e todas as formas de arte.” In: **Teopoética: mística e poesia**: Maria Clara Bingemer, Alex Villas Boas (orgs.). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/São Paulo: Paulinas, 2020. p. 10.

³⁹ **A Bíblia**: salmos. Trad. do hebraico, introdução e notas Matthias Grenzer. São Paulo: Paulinas, 2017. p. 336.

⁴⁰ MENDONÇA, 2016, p. 26.

⁴¹ ANCILLI, Ermano. **Dicionário de Espiritualidade**. Vol. II. Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (org.). Tradução: Orlando Soares Moreira e Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola/Paulinas, 2012. p. 897.

⁴² MONDONI, Danilo. **Teologia da espiritualidade cristã**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 13.

⁴³ CASALDÁLIGA, Dom Pedro. **Nossa espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 8.

espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano – tais como o amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros.⁴⁴

Ampliando um pouco mais a compreensão do conceito de espiritualidade, tendo em vista a sua relevância para a elaboração do sentido para viver das pessoas, os autores Sérgio Lucas Camara e Tiago Gurgel do Vale fazem referência ao conceito de espiritualidade desenvolvido pela Associação Europeia de Cuidados Paliativos:

Espiritualidade é a dimensão dinâmica da vida humana que se relaciona com a maneira como as pessoas (indivíduo e comunidade) experimentam, expressam e/ou buscam significado, propósito e transcendência, e a maneira como elas se conectam ao momento, ao eu, aos outros, à natureza, ao significativo e/ou sagrado.⁴⁵

Já em um tratado de espiritualidade e saúde, as pessoas autoras Marina Aline de Brito Sena e Mário Fernando Prieto Peres fazem referência ao conceito de espiritualidade desenvolvido por Harold Koenig:

espiritualidade é uma busca pessoal para entender questões relacionadas ao fim da vida, a seu sentido e sua conexão (apenas) com o que se relaciona com o sagrado, com o divino, com o transcendente, podendo levar ao desenvolvimento de práticas religiosas ou à formação de comunidades religiosas, mas não necessariamente.⁴⁶

Ainda um último conceito de espiritualidade bastante robusto é o que se inspira na vida e obra do psiquiatra austríaco Viktor Frankl, apresentado pela professora Mary Rute Esperandio no tratado de espiritualidade e saúde em perspectivas luso-brasileira, quando afirma que

espiritualidade diz respeito à dimensão humana onde se ancoram as perguntas existenciais de sentido último e propósito. É, pois, a dimensão da interrogação, das perguntas que expressam a busca de sentido e propósito da vida e que impulsionam a busca de respostas. Por meio da interrogação pelo sentido de sua existência, o ser humano movimenta-se em busca de objetos, situações, e experiências, com finalidade de atender um aspecto que é próprio do ser humano, a “vontade de sentido”.⁴⁷

⁴⁴ BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de realização. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2016. p. 13.

⁴⁵ CAMARA, Sergio Lucas; VALE, Tiago Gurgel do. Assistência espiritual. In: CASTILHO, Rodrigo Kappel *et al.* (ed.) **Manual de Cuidados Paliativos da Academia Nacional de Cuidados Paliativos** (ANCP). 3. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2021. p. 196.

⁴⁶ KOENIG *apud* 2001 SENA, Marina Aline de Brito; PERES, Mário Fernando Prieto. Espiritualidade e Saúde: do conceito à prática. In: PEREIRA, Felipe Moraes Toledo *et al.* (ed.) **Tratado de espiritualidade e saúde**: teoria e prática do cuidado em espiritualidade na área da saúde. 1. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2021. p. 6.

⁴⁷ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; CHEMIN, Marcia Regina Chizini; SOUZA, Waldir; FREITAS, Marta Helena de. Espiritualidade, religiosidade e religião: conceitos e implicações para a pesquisa e práticas de cuidado. In: ENPERANDIO, Mary R. Gomes; CALDEIRA, Sílvia (org.) **Espiritualidade e saúde**: fundamentos e práticas em perspectiva luso-brasileira. Curitiba: PUCPRESS, 2022. p. 50.

É possível destacar outros conceitos do assunto a partir de uma vasta revisão de literatura, entretanto, para atender aos objetivos desta pesquisa, faz-se necessário delimitar um pouco mais o conceito do que se entende por espiritualidade cristã como “a expressão exterior e corporal da fé interior motivada pelo Espírito Santo. Ela inclui a fé, o exercício espiritual e o estilo de vida do cristão”,⁴⁸ pois “tem como núcleo da sua experiência de fé o próprio Cristo, a pessoa que ancora a fé cristã”.⁴⁹

Assim, entende-se espiritualidade como um caminho de transformação da qualidade de sentidos gerados para a integralidade da vida humana em seus plurais modos de viver, que implica suas relações responsáveis com a outra pessoa e com tudo aquilo que a vida humana se relaciona. Cabe ressaltar que as espiritualidades são condicionadas culturalmente com traços específicos de cada tempo e lugar, por isso elas se transformam com o processo de amadurecimento da fé e da vida prática na travessia existencial da vida humana.

2.2.2 Conceito restrito de espiritualidade: dimensão cristã na pessoa de Jesus Cristo

Pensando no processo de formação do povo brasileiro, oriundo de uma cultura de mediação com traços do catolicismo europeu, da África negra escravizada, da cultura ameríndia dos povos originários, do protestantismo de imigração trazido pelos missionários europeus, do protestantismo de missão trazido pelos missionários norte-americanos e dos novos modelos de igrejas pentecostais, podemos considerar que a cultura está ligada à relação com a inculturação da fé, como bem explica o teólogo católico brasileiro Mário de França Miranda:

Cultura é o conjunto de sentidos e significações, de valores e padrões, incorporados e subjacentes aos fenômenos perceptíveis da vida de um grupo social concreto, conjunto que, consciente ou inconscientemente, é vivido e assumido pelo grupo como expressão própria de sua realidade humana e passa de geração em geração, conservando assim como foi recebido ou transformado efetiva ou pretensamente pelo próprio grupo.⁵⁰

É possível perceber que o povo brasileiro foi atravessado, principalmente pelas espiritualidades que serviram de fontes hegemônicas para as religiosidades de contorno cristão, e a prova disso é que 70% da população do país se autodeclara cristã (38% católicos, 29% evangélicos e 3% outras denominações), segundo a pesquisa Ipsos (Global Religion

⁴⁸ BORTOLLETO FILHO, Fernando. **Dicionário Brasileiro de Teologia**. São Paulo: ASTE, 2008. p. 387.

⁴⁹ RUBENS, Roberval. **Um passo e um beijo: um convite ao perdão à luz da oração da paz**. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2023. p. 20.

⁵⁰ MIRANDA, Mario de França. **Inculturação da fé: uma abordagem teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 47.

2023).⁵¹ Falar das espiritualidades das pessoas cristãs brasileiras é resgatar os fundamentos da espiritualidade cristã, que tem a pessoa de Jesus de Nazaré como âncora de sua fé, revelada nas narrativas dos Evangelhos do Segundo Testamento como texto sagrado para os seguidores do Caminho, lidas na pluralidade do viver segundo o Espírito Santo de Deus com todo o seu dinamismo e sua vida. Tornar-se uma pessoa cristã deveria ser um ato de adesão, de aceitar o convite do Mestre para se viver segundo o seu coração, que está orientado pela compaixão e amor ao próximo, numa atitude de abertura à outra pessoa em respeito ao seu ser inteiro, plural. O encontro com o Cristo deve ser um elemento de conversão interior quando se evidencia o mover dos corações e mentes dos seus seguidores em direção à compaixão, solidariedade, ao cuidado e acolhimento em relação a outra pessoa, revelando, assim, a presença do Reino de Deus já no aqui e agora. Corroborando esta compreensão, o teólogo protestante alemão Jürgen Moltmann declara:

A nova espiritualidade abarca a vida inteira, não apenas suas facetas religiosas, que eram chamadas de “vida de fé” ou “vida de oração”. Toda a vida que se vive é tomada pela força vital de Deus e vivida “diante de Deus”, porque vive “a partir de Deus”. [...] A verdadeira espiritualidade é o renascimento do pleno e indiviso amor pela vida. O sim total à vida e amor desimpedido por tudo que é vivo constituem as primeiras experiências do Espírito Santo. [...] Para entender o cinismo da destruição de tudo o que vive no mundo humano e natural de hoje, as pessoas precisam superar primeiramente a crescente indiferença de seus corações. [...] A espiritualidade da vida, porém, rompe essas anestésias internas, a couraça da indiferença dos corações e a frieza sentimental diante do sofrimento alheio. Podemos gritar e chorar de novo. Podemos rir e dançar de novo, quando esse amor divino pela vida desperta em nós e quando o Espírito divino desperta nossas sensações vitais.⁵²

A partir das matrizes hegemônicas das espiritualidades e religiosidades cristãs brasileiras, principalmente o catolicismo e o protestantismo, percebe-se que a identidade das pessoas cristãs é o que dá sentido a sua existência, por isso, cabe ressaltar que o conceito de pessoa usado nesta pesquisa é diferente do conceito sociológico,⁵³ pois aqui a pessoa pode ser entendida como todo ser inteiro que se percebe gerado pela fonte criadora Deus. A narrativa da criação da humanidade a partir da alegoria do Livro de Gênesis ressalta que o ser humano é constituído pelo pó da terra e recebeu de Deus o hálito da vida.⁵⁴ Assim, percebe-se que a recepção humana do ser como um processo de historicidade se dá com base no entendimento

⁵¹ Pesquisa Ipsos (Global Religion 2023). Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/89-dos-brasileiros-acreditam-em-deus-ou-em-um-poder-maior-aponta-pesquisa-ipsos>. Acesso em: 23 fev. 2024.

⁵² MOLTSMANN, Jürgen. **A fonte da vida**: o Espírito Santo e a teologia da vida. Tradução: Werner Fuchs. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 87.

⁵³ O conceito sociológico de pessoa pode ser “uma vertente coletiva da individualidade, uma máscara colocada em cima do indivíduo ou entidade individualizada (linhagem, clã, família, metade, clube, associação etc.) que, desse modo, se transforma em ser social”. MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 231.

⁵⁴ **Bíblia TEB**: notas integrais tradução ecumênica. Trad. A.J.M. de Abreu *et al.* 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020. p. 31.

de que Deus é a fonte originária do ser que oferece à humanidade a recepção do ser, de criatura, a partir da sua comunicação intradivina da vida.⁵⁵ Com isso, afirma-se que toda vida humana é criada pelo ser incriado que se denomina Deus; enfatizando, “a semelhança privilegiada entre o ser humano e o Criador, que constitui o fundamento original do diálogo histórico entre os dois sujeitos”.⁵⁶ Corroborando esta compreensão, o padre e teólogo católico belga Adolphe Gesché afirma que “exatamente porque Deus é criador, aquilo que Ele criou ‘à sua imagem e semelhança’ torna-se um ser criador e, portanto, faz parte do seu próprio ser”.⁵⁷ Ainda sobre este tema da criação do ser humano, o teólogo protestante alemão Claus Westermann declara:

O Criador quis criar um ser que lhe correspondesse, com o qual ele pudesse falar, que o ouve e que é capaz de falar com ele. Isso vale além de todas as diferenças entre os seres humanos; todo ser humano é criado segundo a imagem de Deus. [...] O ser humano é criatura de Deus com toda a sua existência. [...] Da criação do ser humano faz parte seu espaço vital (o jardim), os mantimentos (os frutos do jardim), o trabalho, a comunidade, e, em tudo isso, a relação com seu Criador. Deus criou o ser humano integralmente dentro desses elementos da existência viva.⁵⁸

Ampliando a compreensão sobre o significado da semelhança dos seres humanos em relação à Deus, é mister percebê-la que está numa dimensão do cuidado, da prática da justiça, da responsabilidade por tudo que existe na Aldeia Global onde habitam e coabitam. Esta semelhança pode ser percebida como uma qualidade inscrita na natureza humana dos atributos de Deus, como a bondade, a proteção e promoção da vida em todas as suas variações. Corroborando esta compreensão, o teólogo católico brasileiro Mário de França Miranda afirma que o ser humano foi

criado como ser dotado de razão e de liberdade para poder responder a essa iniciativa livre de Deus, ele tem em sua resposta a realização última de sua vida. [...] devemos afirmar que ele tem em sua própria estrutura ontológica uma ordenação para o Reino. [...] Já desde o primeiro instante de nossa existência somos seres voltados para Deus, seres capazes de Deus.⁵⁹

Percebe-se, então, que todas as pessoas são atravessadas pela presença do Sagrado em suas existências humanas, conscientes ou não desta presença. De semelhante modo, as pessoas que se percebem cristãs são atraídas pela pessoa de Jesus de Nazaré como fonte

⁵⁵ WIEDERKEHR, D. *Cristologia Sistemática*. In: FEINER, J.; LÖHRER, M. *Mysterium Salutis*: Compêndio de dogmática histórico-salvífica. Petrópolis: Vozes, 1985, V. III, Tomo 4. p. 75.

⁵⁶ PONTIFÍCIA Comissão Bíblica. *O que é o homem?* Um itinerário de antropologia bíblica. Brasília: Edições CNBB, 2022. p. 48.

⁵⁷ GESCHÉ, Adolphe. *O ser humano*. Tradução: Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 76.

⁵⁸ WESTERMANN, Claus. *O Livro do Gênesis*: um comentário exegético-teológico. Tradução: Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013. p. 26.

⁵⁹ MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo*: a doutrina da graça. São Paulo: Loyola, 2004. p. 49.

primária da sua espiritualidade. Por isso, quem se percebe seguidor e seguidora de Jesus de Nazaré deve abraçar a espontaneidade da sua fé, sua vida, seu testemunho e suas mensagens. Assim, os valores defendidos, assumidos, divulgados pelo Mestre na sua caminhada há mais de dois mil anos são refletidos na espiritualidade. Há um convite para se configurar a Ele, imitá-lo nas suas ações e práticas relacionais, prevalecendo a compaixão e o amor ao próximo como elementos fundantes da espiritualidade que busca a plenitude de vida para todas as pessoas.

2.2.3 Os frutos do Espírito de Deus na vida das pessoas cristãs LGBTQIA+: expressão das suas sexualidades como dom de Deus

As pessoas cristãs também podem ser atravessadas pelas suas questões de gênero e sexualidade LGBTQIA+,⁶⁰ que implicam se revelar para a diversidade sexual humana e suas variações, considerada parte essencial da vida humana. A sexualidade humana é uma energia que leva as pessoas ao contato, à intimidade e ao amor, pois leva em consideração as dimensões constituintes do ser humano que são “biopsico-socioespiritual”, relações estas que não são sempre lineares. Corroborando esta compreensão, a psicóloga e teóloga católica brasileira Maria Cristina Furtado afirma:

A sexualidade é central na vida do ser humano, e engloba diversos aspectos, tais como sexo, gênero (papéis de gênero e identidade de gênero), preferência ou orientação sexual, erotismo, prazer, afeto, intimidade e reprodução. É energia que nos leva a encontrar o amor, e possui tanta complexidade que não pode ser pensada apenas sob um determinado aspecto, tampouco o ser humano deve ser analisado, sem esta dimensão.⁶¹

É importante saber diferenciar sexo, gênero e orientação sexual – sexo está ligado à dimensão “bio” do ser humano; gênero está relacionado à percepção subjetiva dentro de uma cultura da sua dimensão “psico”; e orientação sexual se refere ao seu desejo, sua preferência sexual, que não significa uma escolha, mas uma descoberta de si. Segundo Furtado:

Sexo é um dado físico-biológico com a presença de um aparelho genital, e características fisiológicas dadas através de uma divisão binominal que diferencia os seres humanos como machos, fêmeas e intersexo. [...] A identidade de gênero está relacionada à percepção subjetiva de alguém ser masculino ou feminino, conforme os atributos, os comportamentos e os papéis estabelecidos pela sociedade para serem

⁶⁰ A sigla LGBTQIA+ representa a pessoa lésbica, gay, bissexual, transexual, transgênero, travesti, *queer*, intersexo, assexual +. Disponível em: www.cip.org.br. Acesso em: 14 abr. 2023. Esta sigla busca ganhar maior visibilidade de inclusão de pessoas nas suas diversas expressões sexuais de identidade de gênero e orientação sexual.

⁶¹ FURTADO, Maria Cristina S. **A inclusão de todas/os/es**. Uma leitura teológica da violência de gênero: mulheres e LGBTQIA+. De Girard e Lévinas à ética da inclusão. São Paulo: Editora Recriar, 2022. p. 65.

vívidos por homens e mulheres. Uma percepção que pode estar ou não de acordo com os comportamentos e papéis de gênero criados socialmente para a pessoa devido ao seu sexo biológico, porém nem sempre a identidade de gênero corresponde ao sexo com o qual a pessoa nasceu. [...] A preferência sexual ou orientação sexual é outro aspecto da sexualidade. Está ligada ao desejo sexual, a atração sexual, o interesse e a emoção que uma pessoa sente em relação a outra.⁶²

Ampliando um pouco mais a temática da sexualidade humana, consoante o teólogo católico espanhol Marciano Vidal, especialista em teologia moral, em relação à compreensão da sexualidade humana ele a apresenta como uma porta de comunicação interpessoal quando declara que:

A sexualidade é uma realidade que configura o homem integral: a sexualidade possibilita ao homem o encontro com os outros. A sexualidade é uma porta de saída e de entrada no mundo das pessoas. [...] A sexualidade é uma estrutura antropológica privilegiada, na qual e mediante a qual o homem realiza a abertura em sua dupla dimensão de necessidade e oblatividade. A sexualidade é a grande força que nos impele a abrir-nos e a sair de nós mesmos.⁶³

É indiscutivelmente possível uma pessoa cristã ser LGBTQIA+ e ter uma vida espiritual segundo o Espírito Santo de Deus, configurada à Jesus Cristo como proposta de uma vida em plenitude, gerando frutos do Espírito, que é “amor, alegria, paz, generosidade, benevolência, bondade, fé, gentileza e autodomínio”.⁶⁴ É a partir da experiência de Deus e com Deus que se dará o tom do modo de viver e de se relacionar dessas pessoas com as outras, reafirmando que “essa bondade da vida nunca pode ser totalmente destruída nem negada. Ela não é outra coisa senão Deus mesmo, emergindo dentro da experiência humana”.⁶⁵

Ampliando para uma experiência cristã de Deus, percebe-se que a pessoa de Jesus de Nazaré é o fundamento de toda vocação e espiritualidade cristã. É a Ele que se deve configurar, imitar, seguir, amar, assumir as suas falas, disputas, utopias de um reino onde todas as pessoas possam ser elas mesmas, nas suas vulnerabilidades, incertezas e finitudes. É nesse encontro e conversão ao Cristo que se gera uma espiritualidade sadia, equilibrada, libertadora. O projeto de vida de Jesus de Nazaré é promover a presença já no aqui e agora do reino de Deus, resgatando a oportunidade para que as pessoas vivam suas vidas em plenitude, inteireza, integralidade, como afirma o professor e teólogo brasileiro André Sidnei Musskopf:

⁶² FURTADO, 2022, p. 67.

⁶³ VIDAL, Marciano. **Ética da Sexualidade**. Tradução: Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 110.

⁶⁴ Carta aos Gálatas 5.22-23.

⁶⁵ BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus**: as transparências de todas as coisas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 75.

“quando a autoconsciência leva à aceitação da homossexualidade como um dom, este processo aprofunda a relação com Deus e uma espiritualidade genuína se segue”.⁶⁶

Os frutos do Espírito Santo de Deus na vida das pessoas cristãs LGBTQIA+ são as marcas visíveis que elas tiveram seu encontro de fé com Jesus de Nazaré, fonte de toda espiritualidade cristã, e nenhuma circunstância será capaz de destruir esta comunhão espiritual existente na estrutura ontológica destas pessoas cristãs LGBTQIA+, como afirma o apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos:

Pois estou convencido de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas presentes, nem coisas vindouras, nem potestades, nem altura, nem profundidade, nem qualquer coisa criada conseguirá nos separar do amor de Deus que [está] em Cristo Jesus, Nosso Senhor.⁶⁷

É a partir desta experiência vivencial do ser humano com o Mistério, que aqui se denomina Deus, que se pode falar da espiritualidade das pessoas cristãs LGBTQIA+ como dimensão da vida cotidiana e expressa nas suas realidades concretas da vida, refletindo uma dupla via relacional vertical-horizontal e validando o sentido último da espiritualidade, que está relacionado às questões existenciais de sentido e conexão.

É muito relevante refletir sobre a antropologia da ternura como dimensão da espiritualidade das pessoas cristãs LGBTQIA+ porque aponta, de certa forma, para uma qualidade do espírito dessas pessoas convertidas em amor à Deus, elemento constitutivo das suas estruturas ontológicas. De acordo com o teólogo católico italiano Carlo Rocchetta:

A ternura reveste mil rostos, assume as mais diferentes vibrações afetivas, mas permanece sempre um acontecimento, *como uma graça que vem do alto e invade a existência humana com uma nova consciência de ser*, cheia de afeição por tudo o que nos circunda, de emoção e doçura. [...] A ternura é um sentimento “de ordem ativa” significa evidenciar que ela representa uma emoção, um modo de acolher-se, de doar-se e de compartilhar. O conteúdo da ternura é eminentemente interativo: é um abrir-se ao encontro, um oferecer, receber, compartilhar, fazendo-se capazes de “com-paixão” sincera e generosa.⁶⁸

A expressão da ternura nas relações interpessoais nas realidades concretas das pessoas cristãs LGBTQIA+ revela traços de uma espiritualidade orientada pela prática do amor ao próximo e uma escolha diária, num processo de crescimento e maturidade espiritual, por um olhar que qualifica a existência e reconhece a espiritualidade da outra pessoa.

⁶⁶ GLASER (1988) *apud* MUSSKOPF, André Sidnei. **Talar Rosa: Homossexuais e o Ministério na Igreja**. São Leopoldo: Oikos, 2005. p. 226.

⁶⁷ Carta aos Romanos 8.38-39.

⁶⁸ ROCCHETTA, Carlo. **Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir**. Tradução: Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002. p. 32.

O amor como expressão do fruto do Espírito na vida das pessoas cristãs LGBTQIA+ revela a presença de Deus em suas vidas, pois Deus é amor e chama todas as pessoas a viverem em amor. Esta é a regra de ouro de Jesus de Nazaré quando diz que “amarás o Senhor teu Deus em todo o teu coração e em toda a tua alma e em todo o teu entendimento... amarás o teu próximo como a ti mesmo”.⁶⁹ O amor é gratuidade, doação, leveza, elementos indispensáveis para uma vida segundo o Espírito Santo de Deus. Por isso, o hino ao amor do apóstolo Paulo já afirma que “mas amor não tenho, nada sou... mas amor não tenho, de nada eu sirvo”.⁷⁰ Ainda tentando descrever a profundidade do amor, o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade diz que “amor é estado de graça... amor é dado de graça”.⁷¹

Viver alimentado na fonte da espiritualidade cristã é viver em amor, pois toda a vida, mensagem e o testemunho vividos por Jesus de Nazaré estão fundados no amor e na compaixão ao próximo. É sua marca constante em todas as narrativas dos Evangelhos a presença do amor como traço relacional que busca resgatar a dignidade da vida humana, por isso não faz sentido se dizer pessoa cristã e não viver em amor. Corroborando este entendimento, o padre católico brasileiro Júlio Lancellotti afirma:

O único critério para a vida cristã é a caridade. O amor cristão é centrado no outro, nunca em si mesmo. O que se centra em si mesmo é o egoísmo. O amor nos ensina uma palavra rara: *altruísmo*. É o contrário de egoísmo. É pensar no *alter*, no outro. Isso nos leva à conclusão de que o amor não pode ser uma palavra vazia. Ele nos empurra para uma atitude: para a partilha, não para a acumulação; para a comunhão fraterna e solidária, não para a prosperidade pessoal. Deus me ama não para que eu fique bem, mas para que ajude meus irmãos de modo que todos fiquem bem.⁷²

Pensar na alegria como fruto do Espírito na vida das pessoas cristãs LGBTQIA+ é reconhecer o efeito do encontro com o Cristo, que gera uma alegria incontida no coração das pessoas que se converteram a Ele como sinal da presença do Reino de Deus, que busca resgatar a dignidade das pessoas. É como menciona o Papa Francisco na sua exortação apostólica: “A alegria do evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”.⁷³ É uma expressão de um sentir-se amado e acolhido por Deus em respeito à integralidade do ser que gera alegria como gratidão pela presença da vida em tudo

⁶⁹ Evangelho segundo Mateus 22.37,39.

⁷⁰ 1ª Carta aos Coríntios 13.2b,3b.

⁷¹ ANDRADE, Carlos Drummond. **Declaração de amor**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 9.

⁷² LANCELOTTI, Júlio. **Amor à maneira de Deus**. São Paulo: Planeta, 2021. p. 101.

⁷³ FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium**: a alegria do evangelho. Tradução oficial da Santa Sé. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 3.

que Deus habita, muito bem expressado no “Cântico do Irmão Sol”, de São Francisco de Assis, quando diz “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas”.⁷⁴

Merece destaque uma intertextualidade temática da alegria como fruto do Espírito na vida das pessoas cristãs LGBTQIA+ com as bem-aventuranças, narradas pelos evangelistas no sermão na montanha como palavras proferidas por Jesus, ressaltando a importância de um novo modo de vida que promova frutos dignos do Reino de Deus. São bem-aventurados, isto é, felizes, alegres aquelas pessoas que são “mendigos pelo espírito, estão de luto, gentis, esfomeados e sedentos de justiça, misericordiosos, puros pelo coração, fazem a paz, perseguidos por causa da justiça”.⁷⁵ Ser bem-aventurado, feliz, alegre é um caminho de construção interior na busca por viver profundamente a vida de modo que Jesus de Nazaré ensinou, pois quem se propõe a seguir ao Mestre “ama porque é assim o seu modo de ser; tem fome e sede de justiça porque é assim a natureza de seus apetites; é pacificador porque a paz é fruto da sua essência de vida”.⁷⁶

Outro fruto do Espírito na vida das pessoas cristãs LGBTQIA+ é a fé, elemento indispensável para se viver uma experiência e se abrir ao Mistério que é Deus, pois a fé é uma linguagem primeira que antecede a linguagem teológica, e no caso da experiência cristã, ela tem como seu conteúdo a pessoa de Jesus de Nazaré, fonte de toda espiritualidade e vocação cristã. A partir do encontro com Jesus, a fé faz nascer o desejo de segui-lo, pois “a fé cristã é unicamente viva na confissão a Jesus”.⁷⁷ Uma condição para se viver a fé cristã é que primeiro é necessário ser afetado, ser tomado por uma fé e confiança no âmbito da vida humana como seu elemento constitutivo e intransmissível, pois “a fé é um dom de Deus. A fé torna-se possível pela graça, que atinge, por sua ação, o próprio aspecto psíquico, o coração do que crê. Por isso, está sempre presente a dimensão de liberdade”.⁷⁸ Assim, a fé provoca as pessoas a ter coragem de ser elas mesmas na sua integralidade. Corroborando este entendimento, o teólogo católico francês François Varillon afirma que

O simples fato de viver, estou dizendo viver, insere todo homem numa situação de fé. O “crer” enraíza-se no “viver”. Viver é crer. É preciso que meu desejo de

⁷⁴ FONTES franciscanas. 2. ed. Santo André: O Mensageiro de Santo Antônio, 2020. p. 122.

⁷⁵ Evangelho segundo Mateus 5.3-10.

⁷⁶ QUEIROZ, Carlos. **Ser é o bastante**: felicidade à luz do Sermão do Monte. Curitiba: Encontro/Viçosa: Ultimato, 2006. p. 50.

⁷⁷ MOLTSMANN, Jürgen. **O Deus Crucificado**: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Tradução: Juliano Borges de Melo. Santo André: Academia Cristã, 2014. p. 109.

⁷⁸ LIBANIO, João Batista. **Eu creio, nós cremos**: tratado de fé. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 205.

felicidade seja criticado e transformado. O que define o homem é a sua capacidade de escolher e viver valores.⁷⁹

Cabe ressaltar que a fé é um movimento e uma relação com Deus que passa por fases ao longo da existência humana, atravessada por todas as circunstâncias da vida, pois a fé não é um processo linear, revelando, assim, uma intimidade e maturidade desta relação e comunhão com Deus ao longo dos ciclos. Percebe-se que a temática da fé é bastante profunda na vida e prática cristã, pois é nela que se sustentam as bases fundamentais da compreensão teológica da revelação e da própria fé.

Fazer um exercício para conceituar o que é a fé com certeza não será uma tarefa simples; entretanto, faz-se necessário buscar uma compreensão clara de forma que ilumine e alimente a vida espiritual cristã das pessoas. Tem-se uma definição bastante profunda e sensível do teólogo católico brasileiro João Batista Libanio, ao afirmar que “Fé é, pois, antes de tudo, dar a Deus o coração, entregar-lhe o íntimo de nosso ser, pôr à sua disposição o cerne de nossa pessoa, oferecer-lhe nossa liberdade num gesto de dádiva confiante”.⁸⁰ A fé é um ato de submissão confiante qualificado por uma relação de amor que fortalece uma esperança interior de que Deus dá o amparo, a escuta e o acolhimento, necessários em todos os momentos e circunstâncias da vida humana. Segundo o teólogo protestante alemão Paul Tillich, a natureza da fé genuína aponta para uma preocupação última que toca as pessoas incondicionalmente.⁸¹ Ele ainda afirma que “fé é o ato mais íntimo e global do espírito humano... e não existe fé sem conteúdo que a preencha”.⁸²

Assim, percebe-se que os rastros de amor, alegria, paz, generosidade, benevolência, bondade, ternura, fé, gentileza, misericórdia, autodomínio são elementos fundantes e qualificadores das espiritualidades de todas as pessoas cristãs e das pessoas cristãs LGBTQIA+ que são inegociáveis e intransferíveis, devendo ser marcas constantes da presença de uma vida segundo o Espírito Santo de Deus como um testemunho de vidas atravessadas e convertidas à pessoa de Jesus de Nazaré.

Viram-se os conceitos de espiritualidade como elementos profundos da vida humana que geram sentido e conexão com os seus sagrados, e que toda a vida humana é criada pelo ser incriado “Deus”, o que inclui as pessoas LGBTQIA+. Viu-se também que as pessoas

⁷⁹ VARILLON, François. **Alegria de crer, alegria de viver**: conferências sobre os pontos maiores da fé cristã. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 260.

⁸⁰ LIBANIO, 2004, p. 152.

⁸¹ TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. Tradução: Walter O. Schlupp. 7. ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002. p. 6.

⁸² TILLICH, 2002, p. 7.

cristsãs podem ser LGBTQIA+ e que a partir da percepção de que a sua orientaçaõ sexual é um dom de Deus, devem refletir os frutos do Espirito Santo de Deus em suas vidas.

No próximo capítulo será apresentado o papel do locus teológico como presença constante do processo de acompanhamento, aconselhamento e cuidado pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+, reflexo dos ambientes eclesiásticos brasileiros geradores de seus discursos religiosos a partir de determinadas lógicas do contexto cristão brasileiro, que inclui as igrejas católicas e as protestantes no Brasil.

3 O PAPEL DO LÓCUS TEOLÓGICO NO CAMINHO DO CUIDADO PASTORAL ÀS PESSOAS CRISTÃS LGBTQIA+

Neste capítulo, será apresentado o locus teológico como o lugar religioso nascedouro dos discursos em contexto cristão brasileiro sobre o acompanhamento, acolhimento, aconselhamento e cuidado pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+. É neste ambiente de compreensão do que se entende por teologia, religião, hermenêutica teológica, Bíblia, inspiração da Bíblia, tradução da Bíblia, igreja cristã, tradição cristã e verdade que se forjarão os discursos de cuidado pastoral.

3.1 O LÓCUS TEOLÓGICO DA TEOLOGIA, RELIGIÃO E HERMENÊUTICA TEOLÓGICA

Neste subcapítulo, será abordado o locus teológico da teologia, por ser considerada responsável pela produção e sustentação de discursos sobre Deus, juntamente com a religião, um fato social relevante que afeta a vida das pessoas na sociedade. E ainda, o locus teológico da hermenêutica teológica será abordado como território de disputa e muitas tensões no papel de interpretar os textos sagrados como lugar de discursos teológicos.

3.1.1 Locus da teologia

A teologia é considerada um discurso racional, antropológico, temporal, cultural, histórico, social e político sobre o mistério inefável que é Deus; é considerada uma linguagem segunda, pois ela depende da linguagem primeira, que é a revelação e a fé, e a fonte desta revelação é a bíblia e a tradição da igreja cristã. Esta fé cristã deseja se expressar a partir da experiência de um lugar de fala subjetivo e pessoal, mas que busca pelo filtro da razão humana preservar essa memória da experiência e interpretá-la a partir das pré-compreensões existentes atravessadas por uma recepção sociocultural. Isto é o que se denomina de círculo hermenêutico.

Aproximar-se de uma definição para o que se entende por teologia é uma tarefa vasta e plural, pois ela pode ser compreendida como “a busca de nós mesmos. Teologia é

antropologia e, por isso, uma biografia”.⁸³ Segundo Libanio, “Teologia tem a ver com *logía*, com palavra, com saber, com ciência. Coloca-se Deus em discurso humano”.⁸⁴ Corroborando esta compreensão, o teólogo protestante brasileiro Júlio Zabatiero afirma:

Teologia (prática) é discurso crítico e construtivo sobre a ação cristã no mundo. Fundamenta-se no discernimento da ação de Deus e se constrói em diálogo – crítico e construtivo – com os discursos sobre a ação não-cristã e sobre a ação anticristã. A racionalidade da teologia consiste de uma teoria crítico-discursiva da ação. Sua finalidade é contribuir para o aperfeiçoamento da ação cristã na contemporaneidade, em resposta crística – na energia do Espírito Santo – à ação de Deus no mundo.⁸⁵

É possível também se aproximar de uma definição do que seja a teologia de uma forma teopoética. O responsável por este caminho de beleza e sensibilidade é o teólogo e poeta brasileiro Rubem Alves, quando afirma que:

Teologia é um jeito de falar sobre o corpo. O corpo dos sacrificados. São os corpos que pronunciam o nome sagrado: Deus... A teologia é um poema do corpo, o corpo orando, o corpo dizendo as suas esperanças, falando sobre o seu medo de morrer, sua ânsia de imortalidade, apontando para utopias, espadas transformadas em arados, lanças fundidas em podadeiras... Por meio dessa fala os corpos se dão as mãos, se fundem num abraço de amor, e se sustentam para resistir e para caminhar.⁸⁶

Ainda é possível desenvolver outras definições com base nos dicionários clássicos de teologia, que a definem com bastante profundidade e clareza. Algumas dessas definições ampliam a compreensão, quando afirmam que teologia “é o discurso sobre as coisas divinas”,⁸⁷ tendo como fundamento e centro “a revelação de Deus em Jesus Cristo. Seu objetivo peculiar é a compreensão crítica do conteúdo da fé. [...] e é sua característica determinante do saber teológico: a historicidade da reflexão da fé”.⁸⁸

Assim, percebe-se que a teologia tem como fundamentos a revelação e a fé, sendo a revelação a partir das Escrituras Sagradas, da tradição e das experiências. Falando da tradição ocidental cristã, acredita-se que ela apresenta três principais fontes de construção do seu pensamento como herança simbólico-religiosa: as tradições judaico-cristãs, as tradições culturais dos gregos e a dos romanos.

⁸³ FERNANDES, Carlos Alberto Chaves. Um rosto refletido no espelho... teologia para quê? In: ALMEIDA, Edson Fernando de; LINGUINI, Luiz (org.). **Teologia para quê?** Rio de Janeiro: Mauad X/Instituto Mysterium, 2007. p. 10.

⁸⁴ LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia**: perfil, enfoques, tarefas. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011. p. 58.

⁸⁵ ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 26.

⁸⁶ ALVES, Rubem. **Variações sobre a vida e a morte ou o feitiço erótico-herético da teologia**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 12.

⁸⁷ LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. Tradução: Paulo Meneses *et al.* São Paulo: Paulinas/Edições Loyola, 2004. p. 1707.

⁸⁸ LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. **Dicionário de Teologia Fundamental**. Tradução: Luiz João Baraúna. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 772.

A cultura judaica é considerada a mais forte para a influência no cristianismo, por ter uma relação com os textos sagrados do judaísmo (Primeiro Testamento) de forma muito relevante e relacional, pelo próprio Cristo ser judeu e se relacionar de forma crítica com os doutores da lei (escribas).

A cultura grega é considerada a segunda fonte da teologia cristã, por ter o seu grande apóstolo Paulo responsável pela expansão do cristianismo no primeiro século; tem como base para a sua teologia a cultura poética e filosófica dos gregos como lugar teológico para falar do Cristo ressuscitado.

A terceira fonte da teologia cristã é oriunda da cultura romana, influenciando de forma negativa o cristianismo, com a criação de um pensamento submisso, hierárquico, violento, opressor, induzindo parte dos cristãos.

3.1.2 Lócus da religião

Percebe-se que a religião cristã é resultado de uma pluralidade de culturas e cosmovisões de Deus que se reflete nos discursos religiosos cristãos contemporâneos. Quando se fala em religiosidade, é importante lembrar que ela é um lugar onde as pessoas potencializam as suas espiritualidades; agora, quando se fala em religião, é importante buscar entender profundamente os seus significados. É possível definir religião como uma resposta cultural à espiritualidade, codificada por crenças, ritos, mitos, dogmas que legitimam e interpretam a ordem institucional de modo a ocultar o seu caráter de coisa construída. Entende-se, também, que a religião é uma linguagem de um sistema simbólico de comunicação e pensamento que tem uma função social de coesão, e essa linguagem é considerada uma maneira de se viver no mundo. Ampliando o entendimento do que seja religião, Rubem Alves afirma:

Aqui surge a religião, teia de símbolos, redes de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza. [...] A religião nasce com o poder que os homens têm de dar nomes às coisas, fazendo uma discriminação entre coisas de importância secundária e coisas nas quais seu destino, sua vida e sua morte se dependuram. [...] A religião é construída pelos símbolos que os homens usam. E os homens são diferentes; seus mundos sagrados também.⁸⁹

⁸⁹ ALVES, Rubem. **O que é religião**. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 24.

Assim, a religião pode ser compreendida como “um esforço para conceber o inconcebível, para exprimir o inexprimível, uma aspiração ao infinito”;⁹⁰ em outra compreensão, conforme José Croatto, ela é “um sistema de ideias e práticas”,⁹¹ e segundo Ludwig Feuerbach, ela é “uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor”⁹². Já para Alessandro Rocha, ela é “aquilo que um indivíduo crê a respeito de coisas últimas”.⁹³ Um conceito clássico de religião é do antropólogo norte-americano Clifford Geertz:

Religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.⁹⁴

Ainda é possível desenvolver outras definições sobre o que seja religião com base nos dicionários clássicos de teologia, que a definem com bastante profundidade e clareza. Nessas definições, religião “pode significar o conjunto objetivo, verdades, preceitos morais, ritos, organização jurídica e, ao mesmo tempo, subjetivo, o modo de pensar e viver o sagrado por parte de um grupo ou comunidade de pessoas”;⁹⁵ outro dicionário irá dizer que ela “designa a busca de sentido do ser humano em uma relação com o sagrado que se expressa em termos simbólicos”.⁹⁶ Já o Dicionário de Teologia Fundamental a define como algo que “quer significar cumprimento consciente do dever, reverente temor do poder superior. [...] uma relação íntima e duradoura com o divino”.⁹⁷

3.1.3 Lócus da hermenêutica teológica

O lugar operante do discurso religioso cristão, o lócus teológico, está inserido num processo seletivo de linguagem e interpretação, pois toda história é seletiva, e o próprio texto sagrado é seletivo por quem o escolheu ao longo da história da igreja cristã. O texto sagrado

⁹⁰ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 5.

⁹¹ CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. Tradução: Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 73.

⁹² FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Tradução: José da Silva Brandão. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012; p. 44.

⁹³ ROCHA, Alessandro. **Introdução à filosofia da religião**: um olhar da fé cristã sobre a relação entre a filosofia e a religião na história do pensamento ocidental. São Paulo: Editora Vida, 2010. p. 20.

⁹⁴ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p. 67.

⁹⁵ ANCILLI, 2012, p. 2169.

⁹⁶ BORTOLLETO, 2008, p. 859.

⁹⁷ LATOURELLE; FISICHELLA, 2017, p. 621.

não lida muito com a ideia grega de conceitos, pois a linguagem bíblica aponta quase sempre para a vida das pessoas, por isso, as elaborações de conceitos pela doutrina da igreja cristã são um risco alto, e depois de formulá-los deseja incluí-los no texto bíblico a partir das suas interpretações para afirmar que é a Bíblia que diz tais afirmações.

Por isso, tem-se a hermenêutica teológica como a arte de interpretar os textos bíblicos, buscando atualizar os seus sentidos para o tempo presente e às novas realidades concretas da vida das pessoas. Pode também ser entendida como “o estudo da compreensão, é essencialmente a tarefa de compreender textos. [...] a compreensão que serve de base à interpretação já molda e condiciona a interpretação”.⁹⁸ Já Paul Ricoeur disse que ela é “a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos”;⁹⁹ outro autor irá dizer que ela “é o estudo da compreensão. [...] Compreender algo significa captar seu sentido. [...] a hermenêutica é a arte da leitura”,¹⁰⁰ considerando que “ler é sempre interpretar, pois a interpretação é característica constitutiva da identidade humana”.¹⁰¹ Refletindo sobre o conceito de hermenêutica teológica aplicada à Bíblia, o teólogo e biblista brasileiro Valter Luiz Lara afirma:

Hermenêutica teológica é o conjunto de critérios que visam estabelecer princípios de interpretação segundo as verdades da fé que um determinado sujeito professa. Aplicada à Bíblia, hermenêutica teológica é a interpretação que se faz mediante não apenas os dogmas meramente teóricos e doutrinários, mas também as experiências de fé pressupostas pela história de vida do sujeito que interpreta o texto sagrado.¹⁰²

Outras definições ampliam a compreensão: hermenêutica teológica é “arte ou ciência da interpretação, é filha das distâncias, culturais e/ou cronológicas, que prejudicam a inteligência dos textos”.¹⁰³ Outro dicionário irá dizer que ela é a “arte da compreensão, o valor e a interpretação da tradição humanística, o conhecimento como hermenêutica do ser, a historicidade da verdade, o papel do sujeito na interpretação, as várias funções da linguagem”;¹⁰⁴ no Dicionário Brasileiro de Teologia, tem-se mais uma definição que a apresenta como “interpretação, arte e teoria da compreensão e explicação. [...] é o alcance

⁹⁸ PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 19.

⁹⁹ RICOEUR, Paul. **Hermenêuticas e ideologias**. Tradução: Hilton Japiassu. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 23.

¹⁰⁰ KÖRTNER, Ulrich H. J. **Introdução à hermenêutica teológica**. Tradução: Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 9.

¹⁰¹ LARA, Valter Luiz. **A Bíblia e o desafio da interpretação sociológica**: introdução ao primeiro testamento à luz de seus contextos históricos. São Paulo: Paulus, 2009. p. 31.

¹⁰² LARA, 2009, p. 36.

¹⁰³ LACOSTE, 2004. p. 816.

¹⁰⁴ LATOURELLE; FISICHELLA, 2017. p. 305.

existencial como limite do sujeito. [...] em cada leitor, um novo intérprete, nova compreensão e explicação”.¹⁰⁵

Ampliando um pouco mais os aspectos envolvidos no processo de interpretação de texto, entende-se que o ato de estudar um texto exige do seu leitor uma postura crítica que se propõe a interpretá-lo e compreendê-lo numa busca por significados que façam sentido para a construção da sua leitura de mundo e das implicações concretas para a sua vida em sociedade; entretanto, nem sempre um leitor assume essa postura crítica, escolhendo um caminho que não o provoque ou desconstrua as suas pré-compreensões, repetindo apenas as afirmações do texto sem criticá-lo. De forma a corroborar com este entendimento, o patrono da educação brasileira, Paulo Freire, afirma:

Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu. É perceber o condicionamento histórico-sociológico do conhecimento. É buscar relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto. Desta maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele.¹⁰⁶

Interseccionado com o ato de estudar infere-se que é de grande importância o ato de ler, por ser responsável pela relação que o leitor fará entre o texto e o contexto; o ato de ler implica sempre uma percepção crítica e interpretativa do leitor, a partir do seu universo vocabular e experiência existencial com a sua percepção de mundo. Por isso, Freire afirma:

a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela. [...] a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.¹⁰⁷

Pensar na análise de textos implica perceber que não faz sentido isolar frases de determinado texto para tentar entendê-las de forma separada do seu tempo e espaço da produção textual em questão. É muito relevante para o leitor na tarefa de analisar textos procurar entender o propósito comunicativo e sua relevância social a que se propõe como finalidade essencial da análise de textos. Sintetizando esta compreensão, a professora de Linguística Irlandé Antunes reforça este sentido na tarefa de analisar textos quando diz que:

analisar textos é procurar descobrir, entre outros pontos, seu esquema de composição; sua orientação temática, seu propósito comunicativo; é procurar identificar suas partes constituintes; as funções pretendidas para cada uma delas, as

¹⁰⁵ BORTOLLETO Filho, 2008, p. 466.

¹⁰⁶ FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 1.

¹⁰⁷ FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989. p. 13.

relações que guardam entre si e com elementos da situação, os efeitos de sentido decorrentes de escolhas lexicais e de recursos sintáticos. [...] em qualquer análise, a questão maior é sempre a compreensão do que se diz e de como e para que se diz o que é dito.¹⁰⁸

Assim, o ato de analisar um texto será sempre uma atitude de buscar compreensões e significações para a existência do leitor e seus efeitos a partir dessas compreensões na releitura da sua vida e suas interações no contexto cultural e social. Corroborando estas compreensões, o filósofo norte-americano Richard E. Palmer indaga:

Mas como se passa esta misteriosa apreensão de sentido? O processo é um paradoxo confuso: para lermos algo, torna-se necessário compreender previamente o que vai ser dito e, porém, esta compreensão deverá vir da leitura. O que aqui começa a emergir é um complexo processo dialético implicado em toda a compreensão. [...] Assim, a interpretação oral tem duas vertentes: é necessário compreender algo para o podermos exprimir e, no entanto, a própria compreensão vem a partir de uma leitura-expressão interpretativa. [...] Para que o intérprete faça uma *performance* do texto tem que o compreender; tem que previamente compreender o assunto e a situação antes de entrar no horizonte do seu significado.¹⁰⁹

Assim, percebe-se que o papel do leitor intérprete é de fundamental importância no processo de leitura e interpretação de textos, buscando sempre a compreensão dos seus contextos antes de interpretá-los num grande processo dialético.

3.2 O LÓCUS TEOLÓGICO DA BÍBLIA, SUA INSPIRAÇÃO E TRADUÇÃO

Neste subcapítulo será abordado o lócus teológico da Bíblia como elemento fundante da revelação da fé cristã, que alimenta a prática de fé religiosa das pessoas cristãs. Ainda será apresentada a importância do sentido da inspiração da Bíblia e o seu processo de tradução, produzidos e sustentados por bases antropológicas.

3.2.1 Lócus da Bíblia

Como já foi mencionado anteriormente, uma das fontes da revelação da teologia cristã é a Bíblia, resultado de um longo processo hermenêutico que testemunha as experiências plurais em determinado contexto social, histórico, cultural, político e religioso, no qual se considera que Deus inspirou sua escrita e os seres humanos foram iluminados para compreender a mensagem com a mente e o coração. A revelação se estabelece como uma comunicação objetiva divina, pois entende-se que a hermenêutica bíblica são perspectivas

¹⁰⁸ ANTUNES, Irandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 49.

¹⁰⁹ PALMER, 2011, p. 27.

pelas quais os textos bíblicos são lidos e interpretados, tendo como tarefa descortinar as pré-compreensões estabelecidas culturalmente ao longo do tempo.

Bíblia é uma palavra no plural que significa o conjunto de escritos que forma a Escritura Sagrada, pois é reconhecida como Palavra de Deus pelas tradições judaico-cristãs. Esses escritos, que adquiriram importância e legitimação pela comunidade de fé primitiva, formaram os livros canônicos a partir do século IV d.C. com o objetivo de assegurar a unidade da igreja cristã, sua doutrina e autoridade dos seus bispos. O processo canônico das Escrituras Sagradas da tradição cristã aponta para a compreensão da palavra cânon como “a lista dos escritos reconhecidos pela igreja como documentos de revelação divina. [...] a regra de fé e prática”.¹¹⁰ Ainda sobre este processo, Oscar Cullmann afirma que “a igreja submeteu toda tradição a uma norma superior, à tradição apostólica, que, exposta em certos escritos, teria valor canônico”.¹¹¹ Refletindo sobre alguns critérios usados pelas primeiras comunidades de fé cristã ao selecionarem os textos que seriam canônicos, o teólogo norte-americano Richard R. Gaillardetz afirma:

(i) a questão da apostolicidade, a ligação de um texto com um conhecido apóstolo de Cristo, como um importante fator para determinar a condição de um texto; (ii) a importância da comunidade em que o texto surgiu; (iii) a conformidade do texto com a “regra de fé”; (iv) o uso litúrgico de um texto desempenhava papel decisivo em sua inclusão no cânon. [...] O que distingue o cânon de outras obras não é a inspiração, mas o julgamento da Igreja assistido pelo Espírito sobre o testemunho seguro dessas obras.¹¹²

Como definição do que se entende por Bíblia, algumas reflexões afirmam que a Bíblia é “a memória de uma história de fé. É a epifania de Deus. Escrevem pessoas muito humanas sobre como Deus revela a sua vontade, o seu juízo, a sua graça”.¹¹³ Segundo Carlos Mesters, “a fé nos diz que a Bíblia é a Palavra de Deus para nós. A Bíblia nasceu da vontade do povo de ser fiel a Deus e a si mesmo”.¹¹⁴ Outro autor afirma que “a Bíblia foi leitura antes de ser livro. E nela persistem marcas dessa gestação oral, puramente sonora; dessa recitação ininterrupta, por gerações”.¹¹⁵ Ampliando o conceito de Bíblia, Gaillardetz afirma:

¹¹⁰ BRUCE, F. F. **O cânon das escrituras**. Tradução: Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Hagnos, 2011. p. 17.

¹¹¹ CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. Tradução: Bertoldo Weber. 12. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 90.

¹¹² GAILLARDEZ, Richard R. **Com que autoridade?** Manual sobre Escritura, magistério e senso dos fiéis. Tradução: Joshuah de Bragança Soares. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 55.

¹¹³ BRAKEMEIER, Gottfried. **A autoridade da Bíblia: controvérsias, significado, fundamento**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Estudos Bíblicos, 2003. p. 23.

¹¹⁴ MESTERS, Carlos. **Bíblia: livro feito em mutirão**. São Paulo: Paulus, 1993. p. 5.

¹¹⁵ MENDONÇA, José Tolentino. **A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação**. São Paulo: Paulinas/Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2015. p. 24.

essa noção da Bíblia como testemunho serve de importante advertência contra a tendência devastadora de transformar a Bíblia em um “manual do proprietário” ou de tomá-la como a “Palavra de Deus” sem reservas. Melhor seria, talvez, considerar a Bíblia o testemunho inspirado da Palavra de Deus viva, encontrada na história, pelo poder do Espírito, desde o início de todos os tempos, e na “plenitude do tempo”, em Jesus de Nazaré.¹¹⁶

Falando teopoeticamente, a Bíblia é vista como uma

Flor, que transforma o sangue em adubo! És mais forte do que a mão que te corta! Mais duradoura do que a ideia que te define. Mais nítida do que a pintura que retrata o teu rosto! Já cresce no mundo o medo de ti: Flor sem defesa! [...] onde a leitura e a explicação do texto da Bíblia são feitas dentro de uma comunidade (con-texto) e a partir dos problemas da realidade (pré-texto), lá nasce uma flor. Flor pequena, sem defesa, que questiona tudo aquilo que, até hoje, conseguimos saber sobre flores.¹¹⁷

Outra definição:

A Bíblia como coletânea de escritos normativos e com autoridade do judaísmo e cristianismo não é, portanto, apenas o fundamento da fé, mas testemunho de suas histórias comuns e específicas, que se reflete até o presente na diversidade de suas formas de vida e crenças. [...] a Bíblia não é um livro, mas uma coleção de livros ou uma “biblioteca”. [...] a Bíblia é o resultado de vários desenvolvimentos de séculos; que ela não é um documento uniforme, mas reflete uma multiplicidade de diferentes perspectivas sobre o Deus de Israel e sua ação na história.¹¹⁸

Os dicionários clássicos de teologia definem o termo “Bíblia” como “escritos normativos para a fé e vida da igreja cristã”;¹¹⁹ outro dicionário irá dizer que ela é o “conjunto dos escritos revelados e normativos, conjunto dos livros bíblicos como testemunho da palavra de Deus”.¹²⁰ No Dicionário de Teologia Fundamental tem-se a definição para Bíblia como “a Escritura Sagrada é Palavra de Deus em palavras de homens”.¹²¹

3.2.2 Lócus da inspiração da Bíblia

Cabe ressaltar agora que o sentido interpretativo ou hermenêutico atribuídos aos textos bíblicos pelos seus intérpretes ou hermeneutas pode ser considerado: (i) sentido literal, que ensina os fatos históricos das narrativas bíblicas; (ii) sentido alegórico, que aponta para a fé como um ato de crer; (iii) sentido moral, que aponta para o que fazer em amor ético e moral; e

¹¹⁶ GAILLARDETZ, 2009, p. 59.

¹¹⁷ MESTERS, Carlos. **Flor sem defesa**: reflexões sobre a leitura popular da Bíblia. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 12.

¹¹⁸ SCHMID, Konrad; SCHRÖTER, Jens. **O surgimento da Bíblia**: dos primeiros textos às sagradas escrituras. Tradução: Uwe Wegner. Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal, 2023. p. 20.

¹¹⁹ BORTOLLETO Filho, 2008, p. 105.

¹²⁰ PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo, RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução: Cássio Murilo Dias da Silva *et al.* São Paulo: Edições Loyola/Paulus/Paulinas, 2022. p. 483.

¹²¹ LATOURELLE; FISICHELLA, 2017, p. 228.

(iv) sentido analógico, que indica uma direção espiritual a seguir em esperança para a vida eterna. Corroborando esta compreensão, o teólogo católico Carlos Mesters afirma:

A função da “letra” ou do “sentido literal” que predomina unilateralmente na exegese atual diz respeito ao objeto. Ela tenta esclarecer o conteúdo da Bíblia e procura determinar o sentido-em-si do texto antigo. Ela é “informativa”. A função do “Espírito” ou do “sentido espiritual”, que quase não aparece nem tem lugar na exegese atual, diz respeito ao sujeito que lê. Ela procura despertar nele a consciência da verdade central da fé, fazendo-lhe perceber o sentido-para-nós que o texto possui. Ela é “formativa”. A primeira fala sobre Deus, a segunda faz Deus falar. A primeira descreve a luz, a segunda acende a luz. A primeira prepara e oferece a comida, a segunda estende o prato para recebê-la. As duas funções não podem ser separadas, sob pena de nenhuma das duas mais atingir o seu objetivo específico. São como raiz e fruto da mesma árvore.¹²²

Ampliando a questão sobre os sentidos das Escrituras Sagradas, é relevante observar a existência da polissemia e/ou polifonia desses escritos, como bem afirma a Pontifícia Comissão Bíblica no discurso do Papa João Paulo II sobre a interpretação da Bíblia na igreja cristã:

O sentido literal não deve ser confundido com o sentido “literalista” ao qual aderem os fundamentalistas. É preciso compreendê-lo segundo as convenções literárias da época. O sentido literal da Escritura é aquele que foi expresso diretamente pelos autores humanos inspirados. O sentido literal de um texto é único? Geralmente sim. O sentido literal é, desde o início, aberto a desenvolvimentos posteriores, que se produzem graças a “releituras” em contextos novos. [...] O sentido espiritual é expresso pelos textos bíblicos, logo que são lidos sob influência do Espírito Santo no contexto do mistério pascal do Cristo e da vida nova que resulta dele.¹²³

Sobre ler e interpretar a Bíblia sob a ótica do sentido alegórico, cabe uma ressalva bem apresentada e fundamentada pelo linguista português Frederico Lourenço, especialista em línguas clássicas pela Universidade de Lisboa:

Ler a Bíblia de forma alegórico-relativizante não é, na minha humilde opinião, a melhor maneira de fazermos justiça a um texto cujos muitos autores tiveram em comum a intenção de que os seus escritos fossem primacialmente tomados à letra. [...] o Novo Testamento, de Mateus ao Apocalipse, tende a não abrir o flanco à possibilidade de o que nele se diz ser na verdade uma forma alegórica de dizer outra coisa, a não ser quando isso faz explicitamente parte do modo discursivo adotado, como nas várias parábolas que ouvimos da boca de Jesus. Aí sim: é o próprio texto que abandona deliberadamente o modo literal para propor momentaneamente um registro simbólico-alegórico.¹²⁴

Sobre a renúncia da mediação hermenêutica, tem-se um problema que gera o que se denomina fundamentalismo religioso cristão, quando se acredita na revelação direta de Deus

¹²² MESTERS, Carlos. **Por trás das palavras**: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 227.

¹²³ PONTIFÍCIA Comissão Bíblica. **A interpretação da Bíblia na igreja**: discurso de Sua Santidade o Papa João Paulo II e documento da Pontifícia Comissão Bíblica. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 94.

¹²⁴ LOURENÇO, Frederico. **O livro aberto**: leituras da Bíblia. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2017. p. 21.

através dos textos ditados por Ele sem considerar o contexto dos textos. Também acredita-se que o sentido do texto já está lá, consagrando-o a um sentido único e gerando um empobrecimento semântico. O efeito desse comportamento fundamentalista religioso cristão é a presença de um dogmatismo rígido, uma absolutização da tradição, uma demonização ao diferente, pois se estabelecem alianças para defender uma moral repressiva. Ampliando a questão do problema hermenêutico da mediação, o teólogo luterano alemão Ulrich H. J. Körtner afirma:

A relação cristã com Deus, a fé, é duplamente mediada, pois na compreensão cristã ela somente existe na forma de uma relação de fé com Jesus de Nazaré como evento de revelação definitivo. [...] a Bíblia é o testemunho fundamental da revelação, sendo que a revelação, no entanto, deve ser diferenciada do testemunho. O testemunho integra o evento da revelação, mas não deve ser equiparado ao momento da revelação.¹²⁵

As principais teorias majoritárias sobre a inspiração da Bíblia são a que consideram que a Bíblia é a Palavra de Deus por ser um registro escrito por inspiração divina e que carrega a ideia da inerrância da Bíblia; já outra compreensão é que a Bíblia contém a Palavra de Deus por ter algumas narrativas inspiradas por Deus e outras serem humanas; e por último, a teoria que a Bíblia se torna a Palavra de Deus a partir do encontro pessoal entre Deus e o ser humano à medida que ela é encarnada na vida das pessoas, produzindo boa-nova de vida. Corroborando estas reflexões, Gaillardetz afirma:

Inspiração verbal: dizer que a Bíblia é a Palavra de Deus significa que as palavras que estão contidas na Bíblia foram transmitidas aos autores bíblicos como uma espécie de ditado espiritual. Ao escrever, os autores bíblicos conservaram seu próprio estilo e as características de sua formação, mas que a mente deles foi dirigida por Deus para comunicarem as verdades divinas de maneira integral e infalível. [...] Inspiração não-verbal ou de conteúdo: segundo esta teoria, afirma-se que na realidade, Deus não forma as palavras na mente do autor, mas inspira uma ideia ou pensamento que o autor transmite com suas próprias palavras. A Bíblia dá testemunho das experiências religiosas de seus autores. Os autores humanos fizeram pleno uso de suas próprias faculdades e habilidades.¹²⁶

Um ponto que merece atenção é perceber que limitar a palavra de Deus ao livro “bíblia” é restringir-se numa visão limitada de Deus, bem como é preciso ter cuidado para não tornar o texto bíblico “sacralizado”, ou seja, um produto de idolatria que gera conflitos, tensões e guerras em nome de Deus. Corroborando esta compreensão, o teólogo católico Carlos Mesters afirma que “a Bíblia é fruto, ao mesmo tempo, do céu e da terra, da ação

¹²⁵ KÖRTNER, Ulrich H. J. **Introdução à hermenêutica teológica**. Tradução: Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 28.

¹²⁶ GAILLARDETZ, 2009, p. 35.

gratuita de Deus e do esforço suado dos homens. A Bíblia saiu da memória do povo”.¹²⁷ Outro olhar sobre o conceito de inspiração divina é oferecido pelo Dicionário de Teologia Fundamental:

por inspiração divina entende-se o fato de Deus, embora respeitando a atividade do autor humano, guiá-la e assumi-la de modo a fazer com que o que é escrito seja, em sua totalidade, Palavra de Deus dirigida ao homem. [...] Por inspiração divina entende-se uma ação divina *ad extra*, comum às três pessoas, através da qual Deus mesmo é o autor da Escritura. [...] esta palavra pode ser qualificada como “palavra inspirada por Deus”, desde que não se tenha dos conceitos uma acepção por demais restrita e se leve suficientemente em conta a influência cósmica do Espírito Santo.¹²⁸

Ampliando a reflexão sobre como a Bíblia é a Palavra de Deus, Valter Luiz Lara afirma:

Entender a Bíblia como Palavra de Deus é compreendê-la primeiro como palavra vivida e só depois como palavra escrita. [...] A Bíblia só é Palavra de Deus porque é simultaneamente palavra de gente. É a linguagem humana com todos os seus limites, condicionamentos, fragilidades, preconceitos e potencialidades. [...] Dizer que a Bíblia é um livro divinamente inspirado não significa negar as realidades históricas, culturais e sociais que condicionaram os autores que a escreveram. Ao contrário, é no interior dessa realidade que se revela a força de Deus. Céu e terra, pão e poesia, realidade e utopia, presente, passado e futuro, tudo se mistura e se completa na linguagem da fé. A Bíblia comunica a Palavra de Deus porque é linguagem de fé falando da vida.¹²⁹

Ainda refletindo sobre a Bíblia como a Palavra de Deus diante de tantos gêneros literários existentes nos textos bíblicos, o cardeal português José Tolentino Mendonça ilumina esta questão quando aponta para a compreensão da Bíblia:

A Bíblia não é um livro, é uma biblioteca. Como uma vida não é só um dia ou uma atitude, mas uma multiplicidade de atitudes. E, tal como numa vida, tudo pode ser germinação de uma identidade – quer os momentos de raiva e os momentos de afeto, quer os momentos de conhecimento e de ignorância, quer os momentos de distância e de proximidade –, assim também, no texto bíblico, as possibilidades de acesso são múltiplas e, em certa medida, também contraditórias.¹³⁰

3.2.3 Lócus da tradução da Bíblia

No mundo cristão protestante brasileiro, é muito conhecida a pessoa do pastor protestante português João Ferreira de Almeida (1628-1691), que foi o primeiro a traduzir o Segundo Testamento para o português baseado num manuscrito do grego *koiné* em 1681. Ele não conseguiu traduzir o Primeiro Testamento por completo em vida, mas seu legado foi

¹²⁷ MESTERS, 1993, p. 11.

¹²⁸ LATOURELLE; FISICHELLA, 2017, p. 228.

¹²⁹ LARA, Valter Luiz. **A Bíblia e o desafio da interpretação sociológica**: introdução ao primeiro testamento à luz de seus contextos históricos. São Paulo: Paulus, 2009, p. 38.

¹³⁰ MENDONÇA, 2015, p. 292.

seguido por seus colegas de trabalho. A Bíblia completa em português foi publicada em 1753.¹³¹

Percebe-se que a Bíblia tem várias traduções e versões atualizadas ao longo dos séculos até hoje, porém, a pergunta que se faz é: por que e para que revisar um texto sagrado? Acredita-se que em função da força cultural e histórica, dos avanços arqueológicos e linguísticos com o seu caráter dinâmico, inerente à língua portuguesa, as novas traduções e versões atualizadas da Bíblia são demandas da cultura contemporânea que desejam compreender as narrativas bíblicas com mais clareza de comunicação e beleza estilística, bem como uma precisão semântica para se traduzir com fidelidade o sentido original do texto bíblico. Por isso, as traduções mais apreciadas pelos estudiosos são aquelas que trazem notas de rodapés e comentários relevantes para se comunicar o sentido original do texto. Mas afinal de contas, em que consiste a tradução de um texto?

Traduzir um texto pode ter várias compreensões e complexidades. Pode-se dizer que haverá sempre tensões, conflitos e cosmovisões divergentes que afetam o ato de traduzir um texto, pois, de fato, “toda tradução reflete as opções teológicas (e ideológicas) do tradutor e induzem o leitor a uma ou outra interpretação do texto”.¹³² Refletindo sobre esta temática, Palmer declara:

Interpretar significa traduzir. [...] A tradução é uma forma especial do processo básico interpretativo de tornar compreensível. [...] O ato de traduzir não é uma simples questão mecânica de encontrar sinônimos. [...] A língua é um repositório de uma experiência cultural. [...] As interpretações teológicas e literárias terão que ser humanamente significativas para os dias de hoje, caso contrário perderão todo o valor. A tradução consciencializa-nos, pois, do choque entre o nosso universo de compreensão e aquele em que a obra atua.¹³³

É relevante também pensar nos problemas inerentes ao ato de traduzir um texto, bem como o cuidado e o zelo com o sentido do texto e sua compreensão na língua original e, ainda, a tendência de se revisar e atualizar as traduções primeiras ao longo do tempo. Corroborando esta compreensão, o teólogo alemão Michael Tilly afirma:

Uma tradução escrita é a transmissão do significado de um texto por meio de sua versão para outra língua. Uma tradução ideal deve tanto considerar as exigências da equivalência como produzir um texto inteligível. [...] Uma tradução coerente contém o sentido textual (isto é, o potencial do sentido) do texto traduzido e a compreensão

¹³¹ MILLER, Stephen M.; HUBER, Robert V. **A Bíblia e sua história**: o surgimento e o impacto da Bíblia. Tradução: Magda D. Z. Huf, Fernando H. Huf. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. p. 224.

¹³² SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**: versão 2.0. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 38.

¹³³ PALMER, 2011, p. 36.

que seu tradutor tem dele, ou melhor, que produziu durante o processo tradutivo mediante a ativação de seus conhecimentos.¹³⁴

Mais uma reflexão sobre o ato de traduzir a Bíblia aponta para a importância da atualização desta mensagem para diferentes épocas e culturas, revelando, assim, o seu ato maior de comunicar a mensagem salvífica de Deus para toda a humanidade. Corroborando esta compreensão, Schmid e Schröter afirmam:

A abertura muito mais ampla do cristianismo em relação às traduções da Bíblia se baseia na convicção de que não é a própria Bíblia a revelação central de Deus, mas sim seu agir na história de Israel e por meio de Jesus Cristo. A Bíblia testifica essa revelação de Deus como experiência interpretada e escrita por pessoas. Por isso mesmo, a mensagem da Bíblia necessita ser reafirmada sempre de novo nas diferentes situações históricas. Isso também inclui de maneira especial a tradução para os respectivos idiomas.¹³⁵

Levando em consideração essas reflexões, é preciso reconhecer um limite no processo de tradução e interpretação que passa pelo aspecto do limite humano de quem traduz e interpreta, que não domina em totalidade todos os saberes da humanidade e de todas as civilizações do mundo. Desta forma, a pessoa tradutora e intérprete terá que selecionar, decidir, conceituar, definir uma palavra, termo, afirmação em detrimento de outra palavra, revelando, assim, que este processo é inteiramente humano, atravessado pelos aspectos socioculturais. De acordo com Silva,

Na tarefa da tradução para o trabalho exegético, assuma algumas opções fundamentais. Em primeiro lugar, a aderência ao texto “original”. Isso significa que a tradução para a exegese deve manter inalterado o estilo do autor bíblico. [...] A segunda atitude a ser assumida é o rigor no uso do vocabulário; ou seja, o tanto quanto possível, para cada palavra no “original” utilize sempre o mesmo correspondente em português.¹³⁶

A título de exemplificação quanto aos desafios no processo de tradução de um texto, a elaboração de um dicionário do grego do Novo Testamento para a língua portuguesa¹³⁷ passa por todas essas questões de escolha seletiva dos termos que serão usados como conceitos e definições, que passarão a servir como a referência de tradução para os futuros estudiosos dos textos bíblicos. Mais ainda, o próprio Novo Testamento em Grego – Nestle-Aland¹³⁸ –, na sua

¹³⁴ TILLY, Michael. **Introdução à Septuaginta**. Tradução: Monika Ottermann. São Paulo: Edições Loyola, 2009. p. 78.

¹³⁵ SCHMID, Konrad; SCHRÖTER, Jens. **O surgimento da Bíblia**: dos primeiros textos às sagradas escrituras. Tradução: Uwe Wegner. Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal, 2023. p. 355.

¹³⁶ SILVA, 2022, p. 41.

¹³⁷ RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. Tradução: Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003.

¹³⁸ NOVUM TESTAMENTUM GRAECE, Nestle-Aland. 28th Revised Edition. Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 2013.

28ª versão em 2013, revela que é preciso atualizar as notas de crítica textual e comentários para um aprofundamento da compreensão do sentido original do texto bíblico.

Agora, para se falar das narrativas que constituíram a Bíblia, e neste caso específico os textos do Segundo Testamento em sua língua original, o grego *koiné*, que levou em consideração a humanidade dos autores dos textos bíblicos atravessados pelos seus contextos socio-político-econômico e religioso, tome-se como exemplo um versículo da perícopé da oração do Pai-Nosso do evangelho segundo Mateus 6.10¹³⁹ comparado com o do evangelho segundo Lucas 11.2,¹⁴⁰ traduzidos pelo premiado linguista português Frederico Lourenço para a língua portuguesa. É revelada a fidelidade ao texto original grego do Segundo Testamento,¹⁴¹ demonstrando a presença da liberdade de expressão dos narradores dos evangelhos, onde uma narrativa é mais prolixa do que a outra.

3.3 O LÓCUS TEOLÓGICO DA TRADIÇÃO E IGREJA CRISTÃ E DA VERDADE

Neste subcapítulo será abordado o locus teológico da tradição da igreja cristã como elemento fundante da revelação da fé cristã em que se desenvolve o seu magistério. A igreja cristã é outro locus teológico abordado nesta seção como ambiente onde se produzem e se sustentam os discursos teológicos. Ainda será apresentado o conceito de verdade como lugar de disputa das igrejas cristãs na busca pela manipulação e controle dos seus seguidores.

¹³⁹ Evangelho segundo Mateus 6.10: “venha o Teu reino, faça-se a Tua vontade; assim como no céu, também na terra”.

¹⁴⁰ Evangelho segundo Lucas 11.2: “venha o Teu reino.”

¹⁴¹ NOVUM TESTAMENTUM GRAECE, Nestle-Aland. 28th Revised Edition. Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 2013, p. 14 (Mt 6.10), p. 230 (Lc 11.2).

3.3.1 Lócus da tradição cristã

Pensar a tradição cristã como dimensão da comunicação da revelação e fé cristã é um ponto fundamental da teologia por tê-la como fonte da revelação, pois “esta tradição sagrada, juntamente com a Escritura dos dois testamentos são o espelho em que a igreja peregrina contempla Deus, de quem tudo recebeu”.¹⁴² É bem conhecida a cena do Evangelho lucano em que Jesus de Nazaré afirma que “mas deve jogar-se vinho novo em odres novos”.¹⁴³ Percebe-se aqui o primeiro impacto do Evangelho de Jesus de Nazaré como boas-novas e fonte de liberdade e dignidade humana, que não deve se curvar diante das tradições religiosas legalistas, moralistas e fundamentalistas que não têm a vida das pessoas como primazia do amor de Deus. O teólogo e pastor protestante dominicano Howard A. Snyder reflete sobre este tema afirmando:

Existe aquilo que é novo, poderoso e essencial – o evangelho de Jesus Cristo. E existe aquilo que é secundário, subsidiário, feito por mãos humanas. São os odres – tradições, estruturas e padrões de conduta e ação, que se desenvolveram ao redor do evangelho. [...] O velho judaísmo não poderia conter o vinho novo de Cristo. [...] Mas há mais alguma coisa que essa parábola nos ensina: a necessidade de odres novos. Odres não são eternos nem sagrados.¹⁴⁴

O Concílio Vaticano II elaborou uma seção exclusiva sobre a importância da Tradição, da Escritura e do Magistério, elementos da sabedoria divina confiados à igreja cristã para a comunicação contínua do testemunho de fé e vida cristã, inspirados em Jesus Cristo. O documento afirma que:

A Tradição dos apóstolos, graças à assistência do Espírito Santo, desenvolve-se na Igreja. [...] A Tradição e as Escrituras se articulam estreitamente e se comunicam entre si. [...] A Escritura é a palavra de Deus. A Tradição é também palavra de Deus. Deve-se receber e venerar as duas com o mesmo amor e o mesmo respeito. Tradição e Escritura constituem um único depósito sagrado da palavra de Deus, confiado à Igreja.¹⁴⁵

Ainda sobre a relação complexa e tensa entre Tradição e Escritura, o Dicionário de Temas Teológicos da Bíblia faz uma reflexão sobre essa questão:

sublinha-se que a “tradição”, num determinado ponto, não só se torna “Escritura”, mas também que ela não pode, após a definição desta última, pensar-se

¹⁴² CONCÍLIO VATICANO (2.: 1962-1965). **Vaticano II**: mensagens, discursos e documentos. Tradução: Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 348 (art. 881).

¹⁴³ Evangelho segundo Lucas 5.38.

¹⁴⁴ SNYDER, Howard A. **Vinho novo, odres novos**: vida nova para a igreja. Tradução: Norio Yamakami *et al.* São Paulo: ABU, 1997. p. 14.

¹⁴⁵ CONCÍLIO VATICANO, 2007, p. 348 (art. 883; 885; 886).

independentemente dela, ou melhor, deve continuamente a ela se referir para evitar de se tornar uma pura e simples “tradição de homens”.¹⁴⁶

É bem importante situar o que se entende por tradição cristã; por isso, faz-se necessário apresentar algumas definições dela. Segundo o dicionário crítico de teologia, a tradição cristã é “a perpetuação das doutrinas e das práticas religiosas, legadas de uma geração à outra pela palavra e pelo exemplo vivo”¹⁴⁷. Outro dicionário irá dizer que ela é “a revelação feita por Deus e entregue ao seu povo por meio da boca dos seus profetas e apóstolos”¹⁴⁸; já no Dicionário de Temas Teológicos Da Bíblia, tem-se mais uma definição da tradição cristã como “o processo de transmissão da fé e de testemunho da revelação.”¹⁴⁹ Ampliando um pouco mais o conceito de tradição cristã, pode-se dizer que

A tradição é um elemento constitutivo da cultura humana. Embasa-se em dois fatos antropológicos fundamentais: por um lado, na finitude, mortalidade e historicidade do homem; por outro, na necessidade de construir sobre experiências, conhecimentos e habilidades adquiridas por outros, para que possa crescer e desenvolver-se uma cultura. Transmitem-se habilidades, costumes, ritos, normas, relatos e doutrinas. [...] O princípio cristão da tradição funda-se, sim, no fato de que Deus se revelou em Israel e em Jesus Cristo uma vez por todas como salvação dos homens. Daí advém a necessidade de transmitir e mediar a todas as gerações subsequentes a notícia deste evento e sua força redentora. [...] Uma tradição ativa pressupõe a escuta da Palavra de Deus e o acolhimento da tradição da fé da Igreja que até agora chegou a nós e postula a metanoia no modo de pensar e de agir.¹⁵⁰

As estruturas eclesiais devem ser relativizadas, levando em consideração que elas são responsáveis pela comunicação da tradição cristã ao longo da história, como sentido da comunicação da Palavra de Deus e dos seus sacramentos. Esta tradição cristã se refere ao testemunho da fé alinhada com a vida, o testemunho e a mensagem de Jesus de Nazaré, e deve sempre prevalecer em relação à construção social de costumes, como tradições religiosas inquestionáveis, pois a igreja cristã não é detentora da “verdade absoluta” como expressão única da experiência de fé das pessoas. Corroborando esta compreensão, o teólogo católico suíço Hans Küng afirma:

Eu valorizo a tradição, mas não sou tradicionalista. O atual papa [Bento XVI] vê sua tarefa como sendo, sobretudo, a de resguardar a verdade, que para ele está, precisamente, na tradição. Quer ele próprio determinar o que a tradição é e o que ela não é. [...] Configurou-se assim, na Igreja Católica dos séculos XIX e XX, um tradicionalismo ou fundamentalismo tipicamente católico-romano, segundo o qual tudo deve ou pode ser deixado ao encargo e à autoridade dos antigos. [...] Não, a tradicionalidade na Igreja não deve ser uma lei suprema. A igreja deve muito mais se

¹⁴⁶ PENNA; PEREGO; RAVASI, 2022, p. 1534.

¹⁴⁷ LACOSTE, 2004, p. 1742.

¹⁴⁸ BORTOLLETO FILHO, 2008, p. 1000.

¹⁴⁹ PENNA; PEREGO; RAVASI, 2022, p. 1533.

¹⁵⁰ LATOURELLE; FISICHELLA, 2017, p. 840.

servir da liberdade de manifestar uma atitude crítica também com relação à sua própria história.¹⁵¹

Ampliando esta compreensão sobre o sentido da tradição cristã, Gaillardetz descreve quatro sentidos desta tradição como responsáveis pelo diálogo das Escrituras com a vida religiosa das pessoas num processo de continuidade e descontinuidade, afirmando que:

O sentido literal da tradição: são as crenças e práticas contidas na tradição cristã que, devido à duração por longos períodos da história, dão a impressão de estabilidade e são vistas como autorizadas. O sentido da tradição como desenvolvimento na continuidade: ideias transmitidas à Igreja primitiva são vistas em seu desdobramento gradual com o passar do tempo. O sentido da tradição como inversão de crenças e práticas passadas: Algumas crenças e práticas simplesmente perdem a autoridade com o tempo. O sentido da tradição como novidade: A autêntica tradição cristã nunca se ocupa meramente da memória: ela está também orientada para o futuro. A tradição deve nos arrastar para o cumprimento do reino de Deus.¹⁵²

Também é pertinente pensar como Jesus de Nazaré atualizou a sua tradição religiosa judaica com a expressão “eu, porém vos digo”, muito recorrente nas narrativas dos Evangelhos. O ensinamento de Jesus produziu ameaça, medo, desconfiança para os judeus religiosos, porque eles estavam presos ao legalismo religioso, pois Jesus ensinava com autoridade na força do Espírito de Deus que dá vida às pessoas porque Ele ama as pessoas. O poder de Deus em Jesus se manifesta como força que reintegra o ser humano na plena dignidade e liberdade. O ensinamento de Jesus humaniza, cura a vida, ajuda a viver de maneira inteira e digna, porque Ele é o Mestre da vida que ensina a viver.

Jesus de Nazaré propõe uma atualização da sua tradição religiosa judaica como um processo contínuo de transformação, pois Ele estava inserido num contexto social, político, cultural, religioso rígido, legalista, moralista, fundamentalista. A título de exemplificação, tome-se como base algumas narrativas dos evangelhos para demonstrar essa atitude de Jesus de Nazaré na tensão entre o projeto do Reino de Deus e a religião do projeto de poder da sua época. Segundo os evangelhos, é muito presente o evento em que Jesus cura no sábado.¹⁵³ Esse evento provoca e propõe uma atualização na sua tradição religiosa judaica na qual a primazia da vida é superior ao legalismo religioso. Jesus de Nazaré continua produzindo atualização da sua tradição quando não se lavava primeiro antes do jantar,¹⁵⁴ quando expulsa

¹⁵¹ KÜNG, Hans. **A igreja tem salvação?** Tradução: Saulo Krieger. São Paulo: Paulus, 2012. p. 60.

¹⁵² GAILLARDETZ, 2009, p. 69.

¹⁵³ Evangelho segundo Lucas 6.6-11; 13.10-17; Evangelho segundo João 5.5-16; 9.1-34.

¹⁵⁴ Evangelho segundo Lucas 11.38-54.

os vendilhões no templo,¹⁵⁵ quando salva uma mulher adúltera de apedrejamento¹⁵⁶ e quando Ele próprio é executado segundo a lei judaica porque se fez Filho de Deus.¹⁵⁷

Assim, a atualização da tradição cristã é um processo contínuo de transformação e disputa com outras tradições religiosas, em que o próprio Jesus de Nazaré apresentou um limite de influência para a atualização da sua tradição religiosa judaica, por exemplo, no texto do divórcio,¹⁵⁸ no qual se reflete uma não aplicabilidade à realidade sociocultural do século XXI. A tradição cristã deve ser coerente com o ensino da Palavra de Deus prescrita nos Evangelhos para ser uma tradição que seja um legado, uma força do passado criadora para o futuro que gera uma autonomia.

3.3.2 Lócus da igreja cristã

É importante destacar que a igreja cristã com a sua tradição é o “*habitus*” do discurso religioso cristão, elementos constituintes do lócus teológico, pois têm disposições que podem ser estruturadas, condicionadas pelo processo de socialização das pessoas, bem como podem ser estruturantes, pois determinam as práticas destes processos e sua maneira de se expressar. Para se compreender melhor a ideia de “*habitus*”, faz-se uso do pensamento do filósofo francês Pierre Bourdieu, que afirma que

a noção de *habitus* exprime sobretudo a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo. [...] É um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista).¹⁵⁹

Pensar a origem, o conceito, a natureza, os atos e características fundamentais e a necessidade de renovação permanente da igreja cristã e da sua tradição no contexto brasileiro é uma tarefa complexa que se exigirá afeto e paciência, porém uma tarefa urgente e necessária, tendo em vista o esvaziamento dos templos cristãos no Brasil, bem como o aumento percentual do grupo dos “sem religião” nas estatísticas sobre religião e população.

¹⁵⁵ Evangelho segundo Lucas 19.45-47.

¹⁵⁶ Evangelho segundo João 8.3-11.

¹⁵⁷ Evangelho segundo João 19.7.

¹⁵⁸ Evangelho segundo Mateus 5.31-32 que diz: “Foi dito: quem divorciar a sua mulher, que lhe dê carta de divórcio. Mas eu vos digo que todo aquele que se divorcia da sua mulher, a não ser em caso de promiscuidade, faz dela uma adúltera; e quem casar com uma divorciada comete adultério.”

¹⁵⁹ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Lisboa: Edições 70, 2022. p. 59.

Segundo pesquisa Ipsos (Global Religion 2023),¹⁶⁰ no Brasil, 20% da população se autodeclara “sem religião”, enquanto a média global é de 29%.

A igreja cristã nasce num ambiente de conflito de poder: de um lado o império romano, com o seu poder político, e do outro, a religião judaica, com o seu poder da tradição e do templo de Jerusalém. O Espírito Santo de Deus é quem irá unir a igreja cristã produzindo unidade na pluralidade, comunhão, partilha do pão, orações, onde tinham tudo em comum e atendiam às necessidades dos mais pobres e marginalizados. Percebe-se aqui que a lógica do Espírito Santo de Deus inclui todas as pessoas, rompendo com os dogmas eclesiais judaicos e expandindo para a liberdade da fé cristã. Corroborando este entendimento sobre a natureza da origem da igreja cristã, o Cardeal Ratzinger relata sobre a natureza da igreja cristã em Atos dos Apóstolos quando afirma:

São Lucas, já no início desta obra fundamental sobre o surgimento e a natureza da Igreja, apresenta sua essência em três magníficos quadros que dizem mais do que se possa encerrar em conceitos. O primeiro quadro é o da reunião dos discípulos na sala da Última Ceia, reunião esta que congrega os Apóstolos, Maria e toda a pequena comunidade que acreditavam em Jesus. [...] O segundo quadro se encontra no final do segundo capítulo, onde a Igreja primitiva já constituída é caracterizada mediante quatro conceitos: perseverança na doutrina dos Apóstolos, o qual já nos aponta para a sucessão apostólica e para a função testemunhal dos sucessores dos Apóstolos; perseverança na comunidade, na fração do pão e nas orações. [...] São Lucas nos pinta a grande cena do Pentecostes: a fundação da Igreja pelo Espírito Santo em meio à tempestade e ao fogo.¹⁶¹

Mas afinal de contas, o que é Igreja? O que se entende, se compreende e se define por este organismo vivo tão presente, essencial e necessário para as expressões das religiosidades das pessoas na sociedade como ato de fé e crença? No Manual de Dogmática na matéria de “Eclesiologia”, encontra-se um desenvolvimento rico, detalhado e aprofundado deste entendimento do que seja uma Igreja cristã. Ele diz:

A Igreja é ao mesmo tempo mistério da fé e realidade empírica. A Igreja tem uma dimensão de profundidade que está fundamentada na atuação histórica de Deus neste mundo. Por outro lado, a Igreja é sujeito de ações humanas, uma vez que tem uma missão a cumprir. A igreja é uma realidade complexa, cheia de tensão: ela é mistério da fé e realidade empírica, ela é objeto e sujeito, reunião e instituição, chão natal e missão. [...] A Igreja essencialmente é a comunhão de fé, esperança e amor unificada pelo Espírito de Deus. [...] Enquanto Povo de Deus, a Igreja se entende como a comunhão dos crentes chamada pela indisponível liberdade do amor de Deus de

¹⁶⁰ Pesquisa Ipsos (Global Religion 2023). Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/89-dos-brasileiros-acreditam-em-deus-ou-em-um-poder-maior-aponta-pesquisa-ipsos>. Acesso em: 23 fev. 2024.

¹⁶¹ RATZINGER, Joseph. **Compreender a Igreja hoje**: vocação para a comunhão. Tradução: D. Mateus Ramalho Rocha. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 24.

entre os enredamentos do pecado, e vocacionada para o serviço em prol da conciliação da humanidade.¹⁶²

É possível desenvolver outras definições sobre o que seja Igreja cristã a partir dos dicionários clássicos de teologia e de uma vasta revisão de literatura e escritos de teólogos que a definem com bastante profundidade e clareza. Algumas dessas definições ampliam a compreensão, quando afirmam que Igreja cristã “é o sinal visível com o qual Deus empenhou-se de modo irrevogável em favor dos seres humanos”;¹⁶³ outro dicionário irá dizer que ela “é um extrato da sociedade ou uma sociedade alternativa. [...] é uma força tarefa agindo em direção à sociedade e dentro da própria sociedade”.¹⁶⁴ E ainda um outro dicionário irá dizer que ela “é um corpo ‘místico’ uma vez que suas origens, seu dinamismo e seus fins provêm de Deus, e por isso supera as outras sociedades humanas”;¹⁶⁵ outro autor irá afirmar que ela “é una, professa a mesma fé; é santa, imita Deus-amor; é católica, por ser destinada a levar a boa nova a toda humanidade; é apostólica, assume a missão de Cristo”.¹⁶⁶ Leonardo Boff define como “o instrumento para a realização plena do Reino e como seu sinal de realização real mas ainda imperfeito deste mesmo Reino no mundo. [...] é o lugar da manifestação social do Cristo ressuscitado”;¹⁶⁷ outro autor a define como “formada pelas pessoas que aceitaram o reino de Deus pela fé antes de Cristo e depois de Cristo. A igreja é o povo do reino de Deus. Ela é a comunidade do reino, mas nunca o próprio reino”.¹⁶⁸ Já Celso Carias entende que ela “é convocada pelo Espírito para ser fiel ao projeto de Jesus Cristo. Assim, ela influencia a sociedade e a sociedade a influencia naquilo que não é contrário ao Evangelho”.¹⁶⁹ Uma última compreensão por Boff: ele a percebe como “a humanidade como um todo forma o Povo de Deus à medida que se abre à visitação divina. A Igreja em sua institucionalidade histórica seria o sacramento (sinal e instrumento) do Povo de Deus”.¹⁷⁰

É relevante destacar os atos fundamentais da Igreja cristã inspirados na vida de Jesus Cristo, que são a *martyria*, a pregação e o testemunho dando continuidade à missão de Jesus Cristo; a *leiturgia*, o culto divino, os sacramentos e a oração como um serviço de reconciliação da humanidade; e a *diakonia*, um serviço do amor e comunhão fraterna em

¹⁶² WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). **Manual de Dogmática**. V.II. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 86.

¹⁶³ ANCILLI, 2012, p. 1216.

¹⁶⁴ BORTOLLETO FILHO, 2008, p. 498.

¹⁶⁵ PENNA; PEREGO; RAVASI, 2022, p. 700.

¹⁶⁶ ARNS, Paulo Evaristo. **O que é Igreja**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981, p. 165.

¹⁶⁷ BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder: Ensaio de Eclesiologia Militante**. São Paulo: Ática, 1994. p. 240.

¹⁶⁸ SANTOS, Luiz Roberto dos. **O que é Igreja?** Rio de Janeiro: MK Editora, 2005. p. 54.

¹⁶⁹ CARIAS, Celso Pinto. **Por uma paróquia sinodal: projeto pastoral**. Petrópolis: Vozes, 2023. p. 23.

¹⁷⁰ BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 126.

serviço e amor ao próximo. Corroborando esta compreensão, pode-se dizer em relação aos atos básicos na multiplicidade dos atos eclesiais:

Pregação e testemunho (*martyria*): faz parte da missão e da incumbência da Igreja anunciar e testemunhar a palavra do Evangelho, a palavra de Deus ao mundo. [...] Culto divino, sacramentos e oração (*leitourgia*): Faz parte da missão e da incumbência da Igreja anunciar no culto divino a palavra da conciliação, por ela pedir em oração e por ela agradecer, chancelar, por meio do batismo, o ingresso do crente na Igreja como local da conciliação, e celebrar na Eucaristia a memória da morte e da ressurreição do Senhor. [...] Serviço do amor e comunhão fraterna (*diakonia*): Da missão e da incumbência da Igreja faz parte empenhar-se, no discipulado de Cristo, em prol dos pobres e miseráveis. O serviço do amor ao próximo e a organização fraterna da própria comunidade sucedem, assim, na responsabilidade e na fé de toda a comunhão eclesial.¹⁷¹

Pensar sobre a importância da renovação permanente da Igreja cristã como garantia contínua da sua presença discreta e sedutora na sociedade, testemunha de fé do Evangelho de Cristo, é um aspecto que merece total atenção e cuidado por sê-la itinerante, caminhante, plural, mutável. Corroborando esta compreensão sobre a essência da verdadeira reforma eclesial, o Cardeal Ratzinger afirma que:

Reforma é sempre *ablatio*: uma ablação, para que se torne visível a forma *nobilis*, a face da esposa e com ela a face do próprio Esposo, o Senhor vivo. [...] A primeira e fundamental *ablatio*, necessária à Igreja, é sempre o próprio ato de fé, que rompe as barreiras do finito e nos abre nossos espaços ao infinito. A fé nos conduz a “um lugar espaçoso”. A libertação fundamental que a Igreja nos pode oferecer consiste em nos manter dentro do horizonte do eterno e em fazer-nos sair dos limites de nosso saber e de nosso poder. A Igreja deve ser a ponte da fé e não pode, principalmente na vida de suas associações dentro do mundo, colocar-se como um fim em si mesma. [...] ela existe, para ser em todos nós abertura e passagem para a vida eterna.¹⁷²

Ampliando esta questão da necessidade da reforma permanente na vida da Igreja cristã, o teólogo católico suíço Hans Küng relata sobre a urgência de se ter em mente a pessoa do salvador, Jesus Cristo, núcleo e âncora central de toda a espiritualidade cristã testemunhada, dialogada, proclamada, anunciada pela Igreja cristã ao longo dos séculos. Ele afirma que:

Tendo em mente esse Jesus Cristo, podemos, a seguir, detalhar as reformas necessárias em forma de exigências concretas. As proposições a se fazer são, basicamente: A Igreja não deve ser entendida como aparato de poder, como empresa ou “grupo de empresas religiosas”, e sim deve ser vista como “povo de Deus”, “corpo de Cristo” e como comunidade de espírito. [...] Deve comunicar a mensagem cristã de maneira compreensível e precisa, com algum refinamento e de modo cativante. [...] Ela deve perceber sua responsabilidade social. [...] Eliminar todas as formas de repressão. Por “repressão” há que se entender toda e qualquer forma de submissão do homem pelo homem, mediante determinado sistema e seus

¹⁷¹ WIEDENHOFER, 2001, p. 103.

¹⁷² RATZINGER, 2015, p. 87.

representantes. [...] Ela deve deixar “ventilar”, ideia que já fora a de João XXIII com seu “abrir as janelas da Igreja” para o espírito da liberdade mesma, para a qual Cristo nos libertou.¹⁷³

Ainda sobre a necessidade da reforma permanente na vida da Igreja cristã, o Papa Francisco relata sobre a urgência em reconstruir uma nova Igreja cristã em saída a partir de algumas características essenciais para este processo de renovação eclesial. Ele afirma:

Uma Igreja orante e testemunhal, coerente com a fé que proclama: é preciso pregar com a vida e com o testemunho. A incoerência dos fieis e dos pastores entre o que dizem e o modo de viver mina a credibilidade da Igreja. [...] Uma Igreja aberta ao mundo, misericordiosa e evangelizadora: a doença típica da Igreja fechada em si mesma ou “autorreferencial” consiste em olhar só para si. Essa espécie de narcisismo conduz à “mundanidade espiritual” e ao “clericalismo sofisticado”, que nos impediram de experimentar “a doce e confortadora alegria de evangelizar.”¹⁷⁴

3.3.3 Lócus da verdade

Pensar a lógica do discurso cristão brasileiro quanto ao acolhimento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+ envolve compreender o conceito de verdade, pois cada discurso carrega a intencionalidade de produzir e convencer o outro da sua “verdade”. Este termo, verdade, é bastante recorrente nas narrativas dos Evangelhos, principalmente quando se fala de Jesus de Nazaré, afirmando que Ele é “pleno de graça e de verdade”¹⁷⁵, “Eu Sou o caminho e a verdade e a vida”.¹⁷⁶ O conteúdo dessas narrativas aponta para um único tema, que é um convite à humanidade para uma vida em abundância, uma vida plena como realização do Reino de Deus, por ser Ele, o Cristo, a própria verdade na experiência de fé das pessoas cristãs.

Verdade “significa a qualidade do que é estável e provado, portanto, que permanece e dá segurança. Pode-se traduzir por fidelidade”;¹⁷⁷ ainda neste Dicionário de Espiritualidade, tem-se a compreensão de verdade como algo que “refere-se sobretudo ao Evangelho como mensagem de salvação. Está estreitamente ligada a Cristo. É entendida também no sentido de sinceridade, no sentido de verdade moral, de retidão, sinônimo de justiça”;¹⁷⁸ Outro dicionário irá dizer que ela “é aquilo que possui consistência, aquilo que é válido e seguro e, portanto, crível e digno de confiança. Prevalece, portanto, uma concepção existencial da verdade,

¹⁷³ KÜNG, 2012, p. 223.

¹⁷⁴ QUEVEDO, Luís González. **O novo rosto da igreja**: Papa Francisco. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 61.

¹⁷⁵ Evangelho segundo João 1.14.

¹⁷⁶ Evangelho segundo João 14.6.

¹⁷⁷ ANCILLI, 2012, p. 2504.

¹⁷⁸ ANCILLI, 2012, p. 2505.

baseada na experiência”;¹⁷⁹ ainda, outro dicionário irá defini-la como “a verdade é justamente a revelação, isto é, a revelação histórica e progressiva do projeto salvífico de Deus, que culmina em Jesus Cristo”.¹⁸⁰ No Dicionário Crítico de Teologia, tem-se a definição da verdade como algo que “é por conseguinte o que é sólido, aquilo sobre o que é possível apoiar-se com toda confiança”.¹⁸¹

O filósofo francês Michel Foucault introduz a ideia de que as práticas sociais fazem nascer formas novas de sujeitos do conhecimento como domínio do saber, e que este saber nasce das práticas sociais do controle e da vigilância. Esse sujeito do conhecimento se constitui num discurso histórico como parte destas práticas sociais, produzindo uma verdade como controle político e social da sociedade como uma forma jurídica que executa o seu poder disciplinar de vigilância e punição.¹⁸² Ele toma um texto de Nietzsche em que afirma que “*inventaram o conhecimento. Foi o instante da maior mentira*”¹⁸³ para distinguir que “a religião foi fabricada [...] por puras obscuras relações de poder que a religião foi inventada”¹⁸⁴ e que por isso a religião não tem origem, da mesma forma como o conhecimento e a verdade foram inventados.

A filósofa brasileira Marilena Chaui trata o termo “verdade” a partir da compreensão de que ela é um valor para nortear as decisões das pessoas nos seus processos de escolhas diariamente, e para isso ela apresenta três concepções da verdade quando afirma:

Em grego, verdade se diz *aletheia*: é a manifestação daquilo que é ou existe tal como é. A verdade é uma qualidade das próprias coisas e o verdadeiro está nas próprias coisas. [...] Em latim, verdade se diz *veritas*: verdadeiro se refere à linguagem enquanto narrativa de fatos acontecidos. A verdade depende da veracidade, da memória e da acuidade mental de quem fala e, de que o enunciado corresponda aos fatos acontecidos. [...] Em hebraico verdade se diz *emunah*: significa confiança. A verdade é uma crença fundada na esperança e na confiança, referidas ao futuro, ao que será ou virá.¹⁸⁵

Ainda, percebe-se que a pretensão da “verdade absoluta”, presente nos ambientes eclesiais brasileiros como doutrinação e segregação social, pode ser uma fonte para o surgimento e permanência de atos de intolerância religiosa como tudo aquilo que seja

¹⁷⁹ PENNA; PEREGO; RAVASI, 2022, p. 1562.

¹⁸⁰ LATOURELLE; FISICHELLA, 2017, p. 868.

¹⁸¹ LACOSTE, 2004, p. 1830.

¹⁸² FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução: Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU, 2002. p. 8.

¹⁸³ NIETZSCHE (1873) *apud* FOUCAULT, 2002, p. 15.

¹⁸⁴ FOUCAULT, 2002, p. 16.

¹⁸⁵ CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. p. 123.

diferente e ameaçador para a “sã doutrina” e os “bons costumes”. Corroborando esta questão, o teólogo protestante brasileiro Fabrício Velíq afirma:

A verdade não se encerra em conceitos. [...] A solução não passa por esquecer a questão da verdade, antes, justamente, passa por abrir mão de toda pretensão de encerrar a verdade em conceitos e em dogmas que foram definidos historicamente. [...] A pretensão de verdade absoluta se mostra, assim, como uma das fontes de alimentação da intolerância religiosa.¹⁸⁶

Assim, percebe-se que o lócus teológico é um lugar onde os discursos teológicos hegemônicos são produzidos e sustentados, fundado numa teologia e hermenêutica teológica fundamentalista e tradicionalista que não legitima o exercício do acolhimento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+, por isso a sua relevância nesta pesquisa para se pensar como ele interfere no cuidado pastoral a essas pessoas.

No próximo capítulo, de forma específica, serão analisadas as lógicas dos discursos das igrejas cristãs brasileiras quanto ao aconselhamento, acolhimento e cuidado pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+, de acordo com os seus pronunciamentos oficiais disponíveis publicamente nos seus endereços eletrônicos, refletindo o ambiente responsável por esses discursos religiosos, ou seja, o seu lócus teológico. Para isto, delimitou-se esta pesquisa ao discurso cristão católico e protestante brasileiro, por terem maior representatividade nas estatísticas da população brasileira por religião, segundo os censos demográficos do país.

¹⁸⁶ VELIQ, Fabrício. Da intolerância ao diálogo: um caminho necessário. **Revista Identidade!** v.1, jan. jun./2019; p. 126.

4 A LÓGICA DO DISCURSO CRISTÃO CATÓLICO E PROTESTANTE BRASILEIRO QUANTO AO ACOLHIMENTO PASTORAL ÀS PESSOAS CRISTÃS LGBTQIA+

As bases de sustentação do discurso cristão brasileiro na matéria de acolhimento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+ estão fundadas numa teologia hegemônica que reproduz o seu lócus teológico, que não legitima o exercício da espiritualidade e do acolhimento pastoral a essa população específica, pois essas bases acreditam que é inegociável a sua compreensão de Deus, da Bíblia e do ser humano, levando-os para um lugar de intolerância, indiferença e exclusão com essas pessoas.

Um discurso é um ato da linguagem humana que reflete a visão de mundo e as ideologias de quem o professa, revelando, assim, os fundamentos da compreensão dos assuntos que compõem os conteúdos desta comunicação e intencionalidade linguística, pois entende-se que “o discurso é um fenômeno social e político essencial para a construção e para a desconstrução das relações de poder em qualquer sociedade”.¹⁸⁷ O teólogo e poeta brasileiro Rubem Alves reflete sobre a linguagem:

a linguagem, em si, é uma ferramenta para interferência direta no mundo social. [...] é necessário arrancar da linguagem suas vestimentas sagradas, suas pretensões de verdade. Linguagens são construções da realidade. Elas não são cópias do real. As linguagens exprimem nossos palpites acerca do mundo.¹⁸⁸

Ampliando a discussão sobre a linguagem como cosmovisões e ideologias que moldam o comportamento humano nas suas relações sociais, políticas e religiosas a partir dos seus discursos de dominação e de poder, na contramão de discursos que produzam liberdade e autonomia para as pessoas, Alves afirma:

Os mundos humanos são construídos por meio da linguagem, preservados por ela, ensinados e transmitidos. Foram elas que me introduziram ao mundo dos deuses e demônios, do pecado e da culpa, do perdão e da alegria. [...] A linguagem é trama onde a vida é tecida. [...] Linguagens são receitas. Enquanto as linguagens mantêm-se eficazes para produzir o desejado, elas permanecem. A permanência de uma linguagem depende de sua funcionalidade. E enquanto ela funciona bem não fazemos perguntas sobre a sua verdade. [...] A aceitação de um discurso como verdadeiro e ortodoxo e a rejeição de outro como falso e heterodoxo se dá no nível do poder político dos sujeitos que enunciam e sustentam os tais discursos.¹⁸⁹

¹⁸⁷ OLIVEIRA, Luciano Amaral. Introdução. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 8.

¹⁸⁸ ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005. p. 24.

¹⁸⁹ ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 30.

O filósofo francês Paul Ricoeur apresenta uma discussão sobre linguagem como discurso em seu ensaio, em que provoca seus leitores a repensarem o conceito de discurso e o modelo estrutural da língua e da fala como elementos essenciais do processo humano de comunicação:

o conceito de discurso: o erro e a verdade são “afecções” do discurso, e o discurso exige dois signos básicos – um nome e um verbo – que se conectam numa síntese que vai além das palavras. [...] o discurso é o evento da linguagem. [...] Se todo o discurso se atualiza como um evento, todo o discurso é compreendido como significação. [...] Significar é o que o falante quer dizer, isto é, o que intenta dizer e o que a frase denota, isto é, o que a conjunção entre a função de identificação e a função predicativa produz. [...] um texto escrito é uma forma de discurso, discurso sob a forma de inscrição, então, as condições da possibilidade do discurso são também as do texto.¹⁹⁰

Assim, pensando o discurso como um evento da linguagem e sua relação de poder como projeto de dominação, a filósofa norte-americana Judith Butler trata desta tensão e o paradoxo que existe entre o poder e a sujeição do sujeito a partir de um poder psíquico. Ela afirma:

Como forma de poder, a sujeição é paradoxal. [...] “Sujeição” significa tanto o processo de se tornar subordinado pelo poder quanto o processo de se tornar um sujeito. Portanto, se a submissão é uma condição da sujeição, faz sentido perguntar: qual é a forma psíquica que o poder adota? [...] o poder que a princípio aparece como externo, imposto ao sujeito, que o pressiona à subordinação, assume uma forma psíquica que constitui a identidade pessoal do sujeito. [...] a subordinação do sujeito acontece pela linguagem como efeito de uma voz de autoridade que chama o indivíduo. A interpelação – a produção discursiva do sujeito social – acontece nessa troca pela qual o reconhecimento é oferecido e aceito. [...] o apego à sujeição é gerado pelo poder, e parte dessa operação do poder se esclarece nesse efeito psíquico.¹⁹¹

Um exemplo a ser lembrado, para não ser repetido nunca mais, é a utilização da ciência psiquiátrica para desumanizar e marginalizar os negros africanos colonizados pelos franceses na antiga Argélia, através do poder disciplinar e saber científico como instrumentos que legitimassem as relações de dominação por se acharem possuidores do saber-poder. O filósofo e psiquiatra natural da Ilha da Martinica Frantz Fanon, que denunciou esses ocorridos em seu protesto contra o racismo psiquiátrico da Escola da Argélia, afirma:

A verdade é que a colonização, na sua essência, já se apresentava como uma grande provedora dos hospitais psiquiátricos. [...] Porque é uma negação sistematizada do outro, uma decisão obstinada de recusar ao outro todo atributo de humanidade, o colonialismo obriga o povo dominado a perguntar-se constantemente: “Quem sou eu, na verdade?”. [...] Existe pois nesse período calmo da colonização bem-sucedida uma regular e importante patologia mental, produzida diretamente pela opressão. [...] Aqui, é a guerra, é essa guerra colonial que muitas vezes assume o aspecto de

¹⁹⁰ RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2019. p. 12.

¹⁹¹ BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 9.

um autêntico genocídio, essa guerra enfim que transtorna e destrói o mundo, que é o acontecimento desencadeante.¹⁹²

Com base nessas considerações, como amostra dos diversos discursos religiosos cristãos existentes, foram escolhidos alguns documentos oficiais da Igreja Católica Romana para este estudo que tratam de orientar quanto ao seu posicionamento diante da questão do aconselhamento, acolhimento e cuidado pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+. O primeiro documento é “*Persona Humana*: declaração sobre alguns pontos de ética sexual”;¹⁹³ o segundo documento é “Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais”;¹⁹⁴ o terceiro, “Respostas a algumas questões de S.E. Dom José Negri, Bispo de Santo Amaro, acerca da participação aos sacramentos do Batismo e do Matrimônio por parte de pessoas transexuais e de pessoas homoafetivas”;¹⁹⁵ o quarto documento é “O Papa Francisco responde às *dubia* de cinco cardeais”;¹⁹⁶ o quinto, “Declaração *Fiducia Supplicans*: sobre o significado pastoral das bênçãos”;¹⁹⁷ e o sexto documento é “Declaração *Dignitas infinita*: sobre a dignidade humana”.¹⁹⁸

No contexto protestante brasileiro, para este estudo foram escolhidos os pronunciamentos oficiais disponíveis nos endereços eletrônicos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB): o primeiro pronunciamento é “Ministério Eclesiástico e Homossexualidade”;¹⁹⁹ e o *segundo* pronunciamento é “Sexualidade humana:

¹⁹² FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução: Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 287.

¹⁹³ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Persona Humana**: declaração sobre alguns pontos de ética sexual. Roma, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html. Acesso em: 5 jun. 2023.

¹⁹⁴ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais**. Roma, 1986. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_po.html. Acesso em: 5 jun. 2023.

¹⁹⁵ DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. **Respostas do Dicastério a S.E. Dom José Negri**. Roma, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_20231031-documento-mons-negri_po.pdf. Acesso em: 2 out. 2023.

¹⁹⁶ DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. **O Papa Francisco responde às *dubia* de cinco cardeais**. Roma, 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/papa-francisco-responde-dubia-cinco-cardeais.html#:~:text=O%20Papa%20Francisco%20respondeu%20a,e%20Joseph%20Zen%20Ze%20Dkiun>. Acesso em: 2 out. 2023.

¹⁹⁷ DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. **Declaração *Fiducia Supplicans***. Roma, 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-12/declaracao-doutrina-da-fe-bencao-para-casais-irregulares.html>. Acesso em: 19 dez. 2023.

¹⁹⁸ DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. **Declaração *Dignitas infinita***. Roma, 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20240402_dignitas-infinita_po.html. Acesso em: 8 abr. 2024.

¹⁹⁹ PORTAL LUTERANO. **Ministério Eclesiástico e Homossexualidade**. Brasil, 2001. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/ministerio-ecclesiastico-e-homossexualidade-2001/>. Acesso em: 4 abr. 2024.

homoafetividade”.²⁰⁰ No caso da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o pronunciamento é “Manifesto Presbiteriano sobre a Lei da Homofobia”;²⁰¹ da Convenção Batista Brasileira, “Sobre a liberdade de expressão e orientação sexual do povo brasileiro”.²⁰² Essa amostra das igrejas protestantes brasileiras foi de acordo com a sua transparência em domínio público dos seus pronunciamentos sobre este tema, por mais que apresentem um nível baixo de representatividade segundo o Censo IBGE 2010²⁰³ (IECLB: 0,52%; Presbiteriana: 0,48%; Batista: 1,95%). Entretanto, o maior grupo representativo evangélico brasileiro são as Igrejas Evangélicas das Assembleias de Deus (6,46%), segundo o mesmo Censo, porém não foi encontrado nenhum pronunciamento em domínio público sobre este tema, o que justifica a sua ausência nessa amostra.

O objetivo de apresentar esses documentos e pronunciamentos é poder destacar os elementos fundantes teológicos e pastorais que se encontram na sustentação lógica dos discursos dessas igrejas cristãs em contexto brasileiro em relação ao acolhimento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+. Assim, não cabe para efeitos desta pesquisa se posicionar a favor ou contra tais documentos e pronunciamentos eclesiais, e sim apresentar a sua finalidade, natureza e o que a igreja cristã defende em relação às pessoas cristãs LGBTQIA+ e sua correlação com o locus teológico vigente e dominante em seu ambiente eclesial.

4.1 NO CONTEXTO CATÓLICO

O primeiro documento católico, “*Persona Humana*: declaração sobre alguns pontos de ética sexual”, é um documento emitido em 1975 pela Santa Sé, em Roma, com a finalidade de ensinar aos bispos, sacerdotes e fiéis da Igreja Católica quanto à sua doutrina de fé referente à sexualidade humana. Para a Igreja Católica, este documento apresenta uma natureza doutrinária ou catequética, reforçando a sua posição nesta matéria. O referido documento introduz já nas suas primeiras seções a questão da consciência humana, do livre-arbítrio ou

²⁰⁰ PORTAL LUTERANO. **Sexualidade humana**: homoafetividade. Brasil, 2011. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/homoafetividade/>. Acesso em: 4 abr. 2024.

²⁰¹ PORTAL NACIONAL METODISTA. **Manifesto da Igreja Presbiteriana sobre a Lei da Homofobia**: Brasil, 2007. Disponível em: <https://www.metodista.org.br/manifesto-igreja-presbiteriana-lei-da-homofobia>. Acesso em: 4 abr. 2024.

²⁰² PORTAL DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Sobre a liberdade de expressão e orientação sexual do povo brasileiro**. Brasil, 2007. Disponível em: <https://convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/39386521613092017104709.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2024.

²⁰³ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010: Censo 2010. Tabela 137: População residente por religião no Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=resultados>. Acesso em: 1 abr. 2024.

livre vontade como algo que a humanidade não sabe fazer juízo de valor sobre matéria de ordem moral, quando afirma que “o homem não pode emitir juízos de valor segundo o seu alvedrio pessoal. [...] O homem tem no coração uma lei inscrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe”.²⁰⁴ Em seguida, o referido documento faz uma correlação em defender que a Igreja Católica é a responsável pela transmissão das verdades de ordem moral quando afirma que “Cristo instituiu a sua Igreja como coluna e sustentáculo da verdade. Com a assistência do Espírito Santo ela conserva ininterruptamente e transmite sem erros as verdades de ordem moral”,²⁰⁵ reforçando, assim, o seu lócus teológico sobre a tradição cristã, a igreja cristã e a verdade.

Outro destaque que este documento traz é em relação ao ensino da Igreja Católica sobre a homossexualidade, considerando-a um ato desordenado da sexualidade humana e que não pode receber nenhuma aprovação da igreja em hipótese alguma, pois é inaceitável para ela este tipo de comportamento sexual, por ferir o seu fundamento de procriação para as relações sexuais. Entretanto, ela oferece um cuidado pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+ como possibilidade de acolhimento e na esperança de uma mudança de comportamento sexual, como bem afirma o referido documento:

Certamente, na atividade pastoral estes homossexuais assim não de ser acolhidos com compreensão e apoiados na esperança de superar as próprias dificuldades pessoais e a sua inadaptação social. A sua culpabilidade há de ser julgada com prudência. No entanto, nenhum método pastoral pode ser empregado que, pelo fato de esses atos serem julgados conformes com a condição de tais pessoas, lhes venha a conceder uma justificação moral. Segundo a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos destituídos da sua regra essencial e indispensável. Elas são condenadas na Sagrada Escritura como graves depravações e apresentadas aí também como uma consequência triste de uma rejeição de Deus. Este juízo exarado na Escritura Sagrada não permite, porém, concluir que todos aqueles que sofrem de tal anomalia são por isso pessoalmente responsáveis; mas atesta que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados e que eles não podem, em hipótese nenhuma, receber qualquer aprovação.²⁰⁶

Desta forma, percebe-se que a Igreja Católica sustenta a lógica do seu discurso condenatório em relação à prática da homossexualidade pelas pessoas cristãs LGBTQIA+ a

²⁰⁴ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Persona Humana**: declaração sobre alguns pontos de ética sexual. Roma, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html. Acesso em: 5 jun. 2023. p. 2, item III.

²⁰⁵ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Persona Humana**: declaração sobre alguns pontos de ética sexual. Roma, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html. Acesso em: 5 jun. 2023. p. 2, item IV.

²⁰⁶ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Persona Humana**: declaração sobre alguns pontos de ética sexual. Roma, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html. Acesso em: 5 jun. 2023. p. 4, item VIII.

partir do seu lócus teológico sobre a hermenêutica teológica, a Bíblia, a tradição cristã e a verdade.

O segundo documento católico, “Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais”, é um documento emitido em 1986 pela Santa Sé, em Roma, com a finalidade de oferecer um ensinamento aos Bispos da Igreja Católica na sua prática pastoral fundamentada na sua posição da moral em relação à prática da homossexualidade. O referido documento possui uma natureza doutrinária ou catequética e já nas suas seções iniciais reforça a posição condenatória da Igreja Católica, que classifica os atos homossexuais como maus e desordenados quando diz “é necessário precisar que a particular inclinação da pessoa homossexual, constitui uma tendência para um comportamento mau do ponto de vista moral”.²⁰⁷ Na sequência, o referido documento traz o valor da tradição da Igreja como elemento de harmonização da interpretação da Bíblia, quando diz que “é essencial reconhecer que os textos sagrados não são realmente compreendidos quando interpretados de um modo que contradiz a vigente Tradição da Igreja”.²⁰⁸

O documento destaca o ensino da Igreja Católica sobre a homossexualidade, considerando-a um ato imoral e desordenado, contrário à tradição moral da Igreja e à sabedoria criadora de Deus, prejudicando a transmissão da vida. O referido documento afirma:

Uma pessoa que se comporta de modo homossexual, age imoralmente. [...] A atividade homossexual não exprime uma união complementar, capaz de transmitir a vida. [...] Como acontece com qualquer outra desordem moral, a atividade homossexual impede a autorrealização e a felicidade porque contraria à sabedoria criadora de Deus. [...] É de se deplorar firmemente que as pessoas homossexuais tenham sido e sejam ainda hoje objeto de expressões malévolas e de ações violentas. [...] Todavia, a necessária reação diante das injustiças cometidas contra as pessoas homossexuais não pode levar, de forma alguma, à afirmação de que a condição homossexual não seja desordenada.²⁰⁹

O referido documento ainda traz uma questão relevante para a discussão deste tema, quando faz uma provocação às pessoas homossexuais que desejam seguir a Cristo dizendo que “tais pessoas são chamadas a realizar a vontade de Deus na sua vida. [...] As pessoas

²⁰⁷ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais**. Roma, 1986. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_po.html. Acesso em: 5 jun. 2023, p. 1, item III.

²⁰⁸ Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais, 1986, p. 2, item V.

²⁰⁹ Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais, 1986, p. 3, item VII.

homossexuais, como os demais cristãos, são chamadas a viver a castidade”.²¹⁰ Assim, farão a escolha verdadeira e correta nas suas vidas. Entretanto, um pouco mais adiante neste documento, tem-se um ato de encorajamento aos Bispos da Igreja Católica para acolherem as pessoas homossexuais numa pastoral específica, desde que não contrarie o ensinamento da Igreja que respeita a pessoa homossexual, mas condena a sua condição homossexual, afirmando que:

Esta Congregação encoraja, pois, os Bispos a promoverem, nas suas dioceses, uma pastoral para as pessoas homossexuais, plenamente concorde com o ensinamento da Igreja. [...] Um programa pastoral autêntico ajudará as pessoas homossexuais em todos os níveis da sua vida espiritual, mediante os sacramentos e, particularmente, a frequente e sincera confissão sacramental, como também através da oração, do testemunho, do aconselhamento e da atenção individual. Desta forma, a comunidade cristã na sua totalidade pode chegar a reconhecer sua vocação de assistir estes seus irmãos e irmãs, evitando-lhes tanto a desilusão como o isolamento.²¹¹

Percebe-se que a Igreja Católica, neste documento, sustenta a lógica do seu discurso condenatório em relação à prática da homossexualidade pelas pessoas cristãs LGBTQIA+ a partir do seu lócus teológico sobre a hermenêutica teológica, a Bíblia, a tradição cristã e a verdade.

Antes de apresentar o terceiro documento católico, faz-se necessário destacar alguns aspectos relevantes que caracterizaram o decênio do pontificado do Papa Francisco (2013-2023), com destaques para a temática do incentivo ao acolhimento e cuidado pela Igreja Católica às pessoas cristãs LGBTQIA+. No seu retorno ao Vaticano na ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro em julho de 2013, o Papa Francisco marca de largada o seu pontificado com a célebre frase mundialmente conhecida: “Se uma pessoa é gay e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?”;²¹² já numa outra conversa dele sobre as pessoas homossexuais, o pontífice afirma que

essas pessoas devem ser tratadas educadamente e não as devemos marginalizar. Além disso, gosto que se diga “pessoas homossexuais”: primeiro está a pessoa, no seu todo e dignidade. E a pessoa não é definida apenas pela sua tendência sexual: não nos podemos esquecer que todos somos criaturas amadas por Deus, destinatárias do seu infinito amor. Prefiro que as pessoas homossexuais venham se confessar, que fiquem próximas do Senhor, que possamos rezar juntos. Podemos aconselhar-lhes a oração, a boa vontade, indicar o caminho e acompanhá-las.²¹³

²¹⁰ Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais, 1986, p. 4, item XII.

²¹¹ Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais, 1986, p. 6, item XV.

²¹² FRANCISCO, Papa. **Quem sou eu para julgar**. Tradução: Clara A. Colotto. São Paulo: LeYa, 2017. p. 24.

²¹³ FRANCISCO, Papa. **O nome de Deus é misericórdia**. Tradução: Catarina Mourão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016. p. 96.

Desta forma, percebe-se que o locus teológico que inspira o pontífice a encorajar, viver, praticar, recomendar uma prática cristã arejada aponta para as singularidades das pessoas, em vez de uma teologia voltada para “verdades universais”, que tem como núcleo da espiritualidade cristã, modelo perfeito de toda vocação cristã, a pessoa de Jesus Cristo. Assim, ele deseja que o novo rosto para a Igreja Católica tenha a ternura de uma teologia como um coração aberto e misericordioso de uma mãe: “A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. [...] Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa”.²¹⁴

O terceiro documento católico, “Respostas a algumas questões de S.E. Dom José Negri, Bispo de Santo Amaro (Brasil), acerca da participação aos sacramentos do Batismo e do Matrimônio por parte de pessoas transexuais e de pessoas homoafetivas”, é um documento emitido em julho de 2023 pela Santa Sé com a finalidade de esclarecer a posição da Igreja Católica concernente a seis questões específicas. O referido documento tem uma natureza doutrinária ou catequética e já apresenta a sua intenção de objetividade nas suas respostas, de forma a não deixar dúvidas para os sacerdotes e fiéis da Igreja Católica. O documento transparece ter uma posição favorável a uma pessoa transexual a ser batizada e ser testemunha de um matrimônio, conforme cita:

Um transexual – que tenha sido submetido a tratamento hormonal e à intervenção cirúrgica de reatribuição de sexo – pode receber o Batismo nas mesmas condições dos outros fiéis, se não existam situações em que se corra o risco de gerar escândalo público ou desorientação entre os fiéis. [...] Não existe nada na vigente legislação canônica universal que proíba a uma pessoa transexual de ser testemunha de um matrimônio.²¹⁵

Entretanto, o mesmo documento transparece ter uma posição contrária a essa pessoa transexual ser padrinho ou madrinha de batismo de uma criança, conforme cita:

Em determinadas condições, pode-se admitir à função de padrinho ou madrinha um transexual adulto, mesmo que tenha sido submetido a tratamento hormonal e à intervenção cirúrgica de reatribuição de sexo. Porém, como tal função não constitui um direito, a prudência pastoral exige que isso não seja permitido quando se verificasse um perigo de escândalo, de indevidas legitimações ou de uma desorientação da comunidade eclesial em âmbito educativo.²¹⁶

²¹⁴ FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium**: a alegria do evangelho. Tradução oficial da Santa Sé. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 41.

²¹⁵ DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. **Respostas do Dicastério a S.E. Dom José Negri**. Roma, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_20231031-documento-mons-negri_po.pdf. Acesso em: 2 out. 2023. p. 1, item I e III.

²¹⁶ Respostas do Dicastério a S.E. Dom José Negri, 2023, p. 2, item II.

Quanto a uma pessoa homoafetiva que convive maritalmente com outra ser padrinho ou madrinha de batismo de uma criança, o documento transparece ter uma posição contrária, conforme cita:

Segundo a norma do can. 874 &1, 1º e 3º CIC, pode ser padrinho ou madrinha quem possua a aptidão para tal (cf. 1º) e leve uma vida de acordo com a fé e o encargo que vai assumir. [...] Em todo caso, a devida prudência pastoral exige que cada situação seja sabiamente ponderada para salvaguardar o sacramento do Batismo e sobretudo a sua recepção, que é um bem precioso a ser tutelado, já que é necessário para a salvação. Ao mesmo tempo, é preciso considerar ... [...] que haja uma outra pessoa do círculo familiar para garantir a correta transmissão da fé católica ao batizado.²¹⁷

Portanto, neste documento, quando se trata do sacramento do Matrimônio, a posição da Igreja Católica é mais permissiva e inclusiva; entretanto, quando se trata do sacramento do Batismo, a sua posição é mais proibitiva e doutrinária, por considerar a educação cristã da criança batizada. Desta forma, percebe-se que a Igreja Católica, neste documento, sustenta a lógica do seu discurso proibitivo em relação à prática do rito litúrgico de serem padrinhos e madrinhas de Batismo de crianças pelas pessoas cristãs LGBTQIA+ a partir do seu locus teológico sobre a hermenêutica teológica, a Bíblia, a tradição cristã e a verdade.

O quarto documento católico, “O Papa Francisco responde às *dubia* de cinco cardeais”, é um documento emitido em outubro de 2023 pela Santa Sé com a finalidade de esclarecer a posição da Igreja Católica concernente a cinco questões específicas. O referido documento tem uma natureza doutrinária ou catequética, e a *dubia* nº 2 é sobre a afirmação de que a prática difusa de abençoar uniões do mesmo sexo está de acordo com a Revelação e o Magistério da Igreja Católica.²¹⁸ O pontífice responde aos cinco cardeais validando o posicionamento da Igreja Católica em relação ao sacramento do Matrimônio, que é exclusivo para casais heterossexuais; entretanto, demonstra uma flexibilidade em relação às bênçãos para todas as pessoas que assim as desejarem, conforme cita:

A Igreja tem uma concepção muito clara do matrimônio: uma união exclusiva, estável e indissolúvel entre um homem e uma mulher. [...] Portanto, a prudência pastoral deve discernir adequadamente se existem formas de bênção, solicitadas por uma ou mais pessoas, que não transmitam um conceito errôneo de matrimônio. Pois, quando se pede uma bênção, está se expressando um pedido de ajuda a Deus, uma

²¹⁷ Respostas do Dicastério a S.E. Dom José Negri, 2023, p. 3, item V.

²¹⁸ DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. **O Papa Francisco responde às *dubia* de cinco cardeais**. Roma: 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/papa-francisco-responde-dubia-cinco-cardeais.html#:~:text=O%20Papa%20Francisco%20respondeu%20a,e%20Joseph%20Zen%20Ze%20Dkiun>. Acesso em: 2 out. 2023. p. 3, item II.

súplica para poder viver melhor, uma confiança em um Pai que pode nos ajudar a viver melhor.²¹⁹

É notória a abertura do pontífice para a subjetividade das pessoas e suas orientações sexuais, na contramão de uma teologia das “verdades universais”, disseminada por tantos séculos pela Igreja Católica. De qualquer forma, o pontífice apresenta uma ambiguidade na sua resposta quando equipara as situações diferentes das heteronormatividades como moralmente inaceitáveis, conforme cita:

Por outro lado, embora existam situações que, de um ponto de vista objetivo, não são moralmente aceitáveis, a mesma caridade pastoral exige que não tratemos simplesmente como “pecadores” outras pessoas cuja culpa ou responsabilidade pode ser atenuada por vários fatores que influenciam a imputabilidade subjetiva.²²⁰

Ainda ampliando a questão das uniões moralmente inaceitáveis pela Igreja Católica, o pontífice emitiu uma exortação apostólica pós-sinodal em 2016, chamada “Amoris Laetitia: sobre o amor na família”, que reforça o seu entendimento sobre uniões precárias, como uniões não legalizadas, não fecundas e homoafetivas, conforme cita:

Devemos reconhecer a grande variedade de situações familiares que podem fornecer certa regra de vida, mas as uniões de fato ou entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo, não podem ser simplistamente equiparadas ao matrimônio. Nenhuma união precária ou fechada à transmissão da vida garante o futuro da sociedade.²²¹

Desta forma, percebe-se que a Igreja Católica, neste documento, sustenta a lógica do seu discurso condenatório em relação às uniões homoafetivas pelas pessoas cristãs LGBTQIA+ a partir do seu lócus teológico sobre a hermenêutica teológica, a Bíblia, a tradição cristã e a verdade.

O quinto documento católico, “Declaração *Fiducia Supplicans*: sobre o significado pastoral das bênçãos”, é um documento emitido em dezembro de 2023 pela Santa Sé com a finalidade de contribuir com o ensinamento da Igreja Católica sobre o significado pastoral das bênçãos. O referido documento tem uma natureza doutrinária ou catequética, destinado aos Bispos e sacerdotes da Igreja Católica. “*Fiducia Supplicans*” vem do latim, que significa “Confiança Suplicante ou Súplica Confiante”. Na apresentação do documento já se configura uma preocupação da Igreja Católica em preservar a sua tradição em relação ao sacramento do Matrimônio heterossexual, bem como não validar oficialmente o *status* dos casais

²¹⁹ O Papa Francisco responde às *dubia* de cinco cardeais, 2023, p. 4, item II.

²²⁰ O Papa Francisco responde às *dubia* de cinco cardeais, 2023, p. 4, item II.

²²¹ FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia**: sobre o amor na família. Tradução oficial da Santa Sé. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 47.

homoafetivos, por mais que neste documento a Igreja Católica esteja reconhecendo a existência dos casais homoafetivos como um lugar de bênção, conforme cita:

A presente Declaração permanece firme no ensinamento tradicional da Igreja sobre o matrimônio, não permitindo qualquer tipo de rito litúrgico ou bênção semelhante a um rito litúrgico que possa causar confusão. [...] E é justamente nesse contexto que se pode entender a possibilidade de abençoar aos casais em situação irregular e aos casais homoafetivos, sem validar oficialmente seu status nem alterar de forma alguma o ensinamento perene da Igreja sobre o matrimônio.²²²

Em seguida, o referido documento se contradiz quando afirma que “a Igreja não tem o poder de conceder a bênção a uniões entre pessoas do mesmo sexo”,²²³ mas ressalta, por outro lado, que as bênções são recursos pastorais a serem valorizadas, pois é preciso “facilitar o acesso à graça. Portanto, quando as pessoas invocam uma bênção, elas não devem ser submetidas a uma análise moral aprofundada como pré-condição para conferi-la.”²²⁴

Em relação às bênções de casais em situações irregulares e de casais do mesmo sexo, o referido documento alerta para o cuidado e discernimento pastoral em não confundir a comunidade com a bênção exclusiva do sacramento do Matrimônio, bem como nunca legitimar essas novas uniões familiares e não tratar a bênção comum dentro de um rito litúrgico próprio e ter clareza do seu conteúdo específico, conforme cita:

É concedida uma bênção que não só tem um valor ascendente, mas também é a invocação de uma bênção descendente do próprio Deus sobre aqueles que, reconhecendo-se como desamparados e necessitados de sua ajuda, não reivindicam a legitimidade de seu próprio status. [...] uma simples bênção do pastor, que neste gesto não pretende sancionar ou legitimar nada. [...] evitando que se tornem um ato litúrgico ou semi-litúrgico, semelhante a um sacramento. Isso constituiria um grave empobrecimento. [...] Na breve oração que pode preceder esta bênção espontânea, o ministro ordenado pode pedir por estes a paz, a saúde, o espírito de paciência, diálogo e ajuda mútua, mas também a luz e a força de Deus para poder realizar plenamente a sua vontade. [...] Essa bênção nunca será dada no contexto dos ritos de união civil, nem em relação a estes. Nem mesmo com vestes, gestos ou palavras próprias de um matrimônio. [...] Estas bênções que são dadas, expressão do coração materno da Igreja, não se destinam a legitimar nada.²²⁵

Ainda ampliando a compreensão sobre o referido documento, a Sociedade Brasileira de Teologia Moral emitiu uma nota de pronunciamento em dezembro de 2023, referente às bênções pastorais às pessoas em situações irregulares e aos casais homoafetivos,

²²² DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. **Declaração *Fiducia Supplicans***. Roma, 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-12/declaracao-doutrina-da-fe-bencao-para-casais-irregulares.html>. Acesso em: 19 dez. 2023, p. 1.

²²³ Declaração *Fiducia Supplicans*, 2023, p. 3, item V.

²²⁴ Declaração *Fiducia Supplicans*, 2023, p. 8, item XXV.

²²⁵ Declaração *Fiducia Supplicans*, 2023, p. 10, item XXXI ao XL.

demonstrando que, para a história da Igreja Católica, significa um grande avanço na sua Teologia Moral, afirmando:

Quanto à declaração *Fiducia supplicans*, entendemos a bênção para casais em situação irregular, sejam aqueles em segunda união sejam casais formados por pessoas do mesmo sexo, como concreta e positiva resposta para a desejada sensibilidade pastoral. Mesmo que a bênção não signifique o sacramento do matrimônio, que continua restrito à união entre um homem e uma mulher, seguindo as regras sacramentais, traz uma abertura proveniente da compreensão da primazia da graça e do amor incondicional de Deus por todos os seus filhos.²²⁶

Percebe-se, desse modo, que a Igreja Católica, neste documento, sustenta a lógica do seu discurso condenatório em relação às bênçãos e às uniões das pessoas cristãs LGBTQIA+ a partir do seu lócus teológico sobre a hermenêutica teológica, a Bíblia, a tradição cristã e a verdade, pois não legitima nem valida as suas uniões, nem nunca dará a bênção a essas pessoas em contexto dos ritos da união civil.

O sexto documento católico, “Declaração *Dignitas infinita*: sobre a dignidade humana”, é um documento emitido em abril de 2024 pela Santa Sé com a finalidade de contribuir com o ensinamento da Igreja Católica sobre o significado da dignidade humana. O referido documento apresenta uma natureza doutrinária ou catequética, destinado aos Bispos, sacerdotes e fiéis da Igreja Católica. Na apresentação do documento já se configura uma preocupação da Igreja Católica em exortar e encorajar a promoção da dignidade humana, quando afirma que “a Igreja nutre a profunda convicção que não se pode separar a fé da defesa da dignidade humana”.²²⁷ Nas páginas introdutórias do referido documento, há um grande empenho em conceituar o que a Igreja Católica compreende pelo termo “dignidade infinita”, conforme cita:

Dignitas infinita, uma dignidade infinita, inalienavelmente fundada no seu próprio ser, é inerente a cada pessoa humana. [...] A Igreja, à luz da Revelação, reafirma de modo absoluto esta dignidade ontológica da pessoa humana. [...] O sentido mais importante é aquele ligado à dignidade ontológica, que compete à pessoa enquanto tal, pelo simples fato de existir e de ser querida, criada e amada por Deus. Esta dignidade não pode jamais ser cancelada e permanece válida para além de toda circunstância em que os indivíduos venham a se encontrar. [...] O ser humano não cria a sua natureza, mas a possui como um dom recebido, podendo cultivar, desenvolver e enriquecer as próprias capacidades.²²⁸

²²⁶ Sociedade Brasileira de Teologia Moral. **Nota sobre a Declaração *Fiducia supplicans***. Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.sbtmpesquisadores.org.br/post/nota-da-sbtm>. Acesso em: 21 dez. 2023. p. 2.

²²⁷ DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. **Declaração *Dignitas infinita***. Roma, 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20240402_dignitas-infinita_po.html. Acesso em: 8 abr. 2024. p. 2.

²²⁸ Declaração *Dignitas infinita*, 2024, p. 2, item I ao IX.

Indo para o corpo central do documento, estão elencadas algumas graves violações que se opõem e ofendem a dignidade humana na contemporaneidade, por exemplo, o drama da pobreza, a guerra, o sofrimento dos migrantes, o tráfico de pessoas, abusos sexuais, as violências contra as mulheres, aborto, maternidade sub-rogada, eutanásia e suicídio assistido, o descarte de pessoas com deficiência, teoria de gênero, redesignação sexual (mudança de sexo) e violência digital. Em relação à teoria de gênero, cabe destacar que o referido documento se posiciona de forma contrária, por ferir a diferença sexual fundante e gratuita da vida transmitida por Deus, conforme cita:

a Igreja evidencia os intensos pontos críticos da teoria de gênero. [...] Infelizmente, as tentativas realizadas nas últimas décadas para introduzir novos direitos, não plenamente consistentes em relação àqueles originalmente definidos e não sempre aceitáveis, deram espaço a colonizações ideológicas, entre as quais tem um papel central a teoria de gênero, que é perigosíssima porque cancela as diferenças na pretensão de tornar todos iguais. [...] O respeito ao próprio corpo e àquele dos outros é essencial diante da proliferação dos pretensos novos direitos, propostos pela teoria de gênero. Tal ideologia propõe uma sociedade sem diferenças de sexo e esvazia a base antropológica da família. É, pois, inaceitável que algumas ideologias deste tipo, que pretendem responder a certas aspirações às vezes compreensíveis, tentem impor-se como um pensamento único que determine a educação das crianças. [...] Devem-se rejeitar todas aquelas tentativas de obscurecer a referência à insuprimível diferença sexual entre homem e mulher.²²⁹

Em relação à mudança de sexo, este documento se posiciona de forma contrária e aponta para uma reflexão sobre o lugar do corpo humano como responsável pela sua dignidade como ser, além de destacar a necessidade de se respeitar o corpo humano como foi criado por Deus, conforme cita:

o corpo humano participa da dignidade da pessoa, enquanto é dotado de significados pessoais, particularmente na sua condição sexuada. [...] a criação nos precede e deve ser reconhecida como dom. Ao mesmo tempo, somos chamados a cuidar da nossa humanidade e isso significa em primeiro lugar respeitá-la e aceitá-la assim como foi criada. [...] qualquer intervenção de mudança de sexo normalmente se arrisca a ameaçar a dignidade única que a pessoa recebeu desde o momento da concepção.²³⁰

Desta forma, percebe-se que a Igreja Católica, neste documento, sustenta a lógica do seu discurso condenatório em relação à teoria de gênero e redesignação sexual das pessoas cristãs LGBTQIA+ a partir do seu locus teológico sobre a hermenêutica teológica, a Bíblia, a tradição cristã e a verdade.

Apresentados todos esses documentos no contexto católico, percebe-se de forma geral que eles sustentam a lógica de um discurso condenatório em relação às uniões e práticas sexuais pelas pessoas LGBTQIA+, pois as percebem como atos maus, imorais, desordenados,

²²⁹ Declaração *Dignitas infinita*, 2024, p. 15, item LV ao LIX.

²³⁰ Declaração *Dignitas infinita*, 2024, p. 16, item LX.

união precária da sexualidade humana; entretanto, quando se fala sobre prudência e sensibilidade pastoral para o cuidado e acolhimento destas pessoas, é no sentido e na esperança de mudança do comportamento delas, respeitando a pessoa, mas condenando a sua prática sexual. É indiscutível a abertura da igreja católica a partir do pontificado do Papa Francisco, que ora tem posição favorável para algumas pautas, ora tem posição restritiva para outras, expressando, assim, certa ambiguidade em seus posicionamentos. A igreja católica hoje é favorável a uma pessoa transexual ser batizada e ser testemunha de um matrimônio, a dar bênção para todas as pessoas; porém, ainda restringe uma pessoa transexual ou um casal homoafetivo de ser padrinho ou madrinha de batismo de uma criança, bem como restringe o matrimônio a casais heterossexuais, pois não legitima nem valida oficialmente o *status* dos casais homoafetivos, nem nunca dará a bênção a eles em contexto dos ritos da união civil.

4.2 NO CONTEXTO PROTESTANTE

O Protestantismo brasileiro é fruto dos fluxos migratórios europeus e norte-americanos no decorrer do século XIX, resultando no processo chamado de Protestantismo de imigração e de missão, respectivamente. A identidade protestante é marcada pela liberdade de expressão da sua fé cristã, fundada nos princípios teológicos da Reforma Luterana do século XVI, quando afirma que a salvação é somente pela fé e não pelas obras (*sola fide*); o livre exame das Escrituras Sagradas com critérios “mediação hermenêutica” é para todas as pessoas lerem a partir da sua própria consciência (*sola scriptura*); a mediação entre Deus e o ser humano é somente através de Cristo (*solus Christus*); e a salvação se fundamenta na graça de Deus, mediante Cristo, e não na ação humana (*sola gratia*). Corroborando esta compreensão sobre a identidade protestante, Rubem Alves afirma que:

O Protestantismo se entende como o espírito da liberdade, da democracia, da modernidade e do progresso. [...] O Protestantismo invoca a história como testemunha. Ele fala a seu favor. Num passado já vencido pela luz do Evangelho jaz, morto, um negro período dominado por superstição, intolerância, ignorância e escravidão da consciência, à mercê de uma Igreja totalitária, época sombria e triste, iluminada apenas pelas fogueiras da Inquisição.²³¹

Ainda falando sobre o Protestantismo brasileiro, é notório que ele é um fenômeno de muitas vozes plurais e que divergem entre si, gerando muitas tensões e conflitos em temas de Teologia Moral, principalmente, como se pode perceber nesta pesquisa, porque suas vozes são expressões de opiniões e posicionamentos de acordo com o seu lócus teológico vigente e

²³¹ ALVES, 2005, p. 48.

dominante. Neste ambiente protestante brasileiro, percebe-se que não foi dada uma importância ao tema do cuidado pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+, comparando-se com os documentos já citados nesta pesquisa da Igreja Católica.

Alves, em seu texto sobre “As muitas faces do protestantismo”, ressalta o risco que existe neste ambiente religioso protestante plural cuja identidade aponta para uma liberdade de expressão da fé cristã a partir do seu princípio fundante teológico do livre exame das Escrituras, gerando interpretações teológicas a cada nova divergência entre eles, conforme afirma

o individualismo protestante contém em si as sementes da desintegração. [...] a ênfase no livre exame das Escrituras e no direito de cada um de interpretá-las, à luz da consciência, teria criado as condições para a multiplicação de compreensões conflitivas da fé. [...] falta-nos um critério unificador. Não existe uma unidade estrutural. Todo fenômeno religioso é ambíguo e ambivalente. Nele se revelam a grandeza e a miséria do homem.²³²

O primeiro pronunciamento protestante Luterano, “Ministério Eclesiástico e Homossexualidade”, é um pronunciamento emitido em 2001 pelo Conselho da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB com a finalidade de reforçar o seu posicionamento quanto ao acolhimento pastoral às pessoas cristãs homossexuais praticantes e seu impedimento de serem ordenadas ao ministério eclesiástico. O referido pronunciamento inicia nivelando as pessoas homossexuais às pessoas heterossexuais no que toca à salvação pela graça, e exalta a sexualidade humana como dádiva divina, conforme cita:

Todos nós, sejamos pessoas heterossexuais ou homossexuais, somos justificados tão-somente pela graça de Deus e pela fé que o Espírito Santo em nós opera. Estamos conscientes e lembramos que a sexualidade faz parte da boa criação de Deus, constituindo-se numa maravilhosa dádiva divina, pela qual devemos sempre ser gratos a Deus, vivendo-a também em responsabilidade diante de Deus e do próximo.²³³

Em seguida, o referido pronunciamento aponta para uma ausência de consenso dentro da IECLB quanto à natureza e interpretação bíblica da homossexualidade, o que se faz necessário ter discernimento na prática pastoral, atenção espiritual e diaconal, conforme cita:

Deve haver na prática sensibilidade pastoral, tanto para com as pessoas homossexuais quanto para com as famílias e as comunidades em cujo meio essas pessoas vivem. Há nesse particular muito sofrimento, ao qual a Igreja deve sua atenção espiritual e diaconal. De modo algum devem as pessoas homossexuais ser discriminadas ou afastadas do convívio na comunidade de fé. A palavra de Deus é

²³² ALVES, 2004, p. 64.

²³³ PORTAL LUTERANO. **Ministério Eclesiástico e Homossexualidade**. Brasil: 2001. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/ministerio-ecclesiastico-e-homossexualidade-2001/>. Acesso em: 4 abr. 2024. p. 1, item I e II.

juízo e graça para todas as pessoas, tanto homossexuais quanto heterossexuais. Em todas as situações e para com todas as pessoas, deve prevalecer o amor, que é o maior dos dons.²³⁴

Já indo para o final do referido pronunciamento, destaca o cuidado que se deve ter no comportamento sexual das pessoas que desejam exercer o ministério eclesiástico ordenado, pois a sua aceitação pela sua comunidade de fé depende dele ou dela não afrontar ninguém com o seu comportamento, os padrões éticos desta comunidade, e conclui afirmando o impedimento dessas pessoas exercerem este ministério eclesiástico, conforme cita:

A eficácia da pregação do Evangelho depende também da aceitação do pregador ou da pregadora e do respeito que as pessoas têm por ele e por ela. Um obreiro ou uma obreira que por sua maneira de ser ou de agir afronta os padrões éticos da comunidade ou cujo comportamento sexual divide a comunidade, dificilmente poderá realizar um trabalho pastoral proveitoso. Não negamos que pessoas homossexuais, que vivem a sua condição sem causar escândalo, podem realizar um trabalho abençoado na comunidade, ao colocarem a serviço do Evangelho os dons que Deus lhes deu. Mas constatamos também que, no momento atual da Igreja, não há condições de uma pessoa homossexual praticante assumir o exercício público do ministério eclesiástico na IECLB.²³⁵

Desta forma, percebe-se que a IECLB, neste pronunciamento, sustenta a lógica do seu discurso ambíguo em relação ao cuidado pastoral e ao impedimento à ordenação ao ministério eclesiástico das pessoas cristãs LGBTQIA+ a partir do seu lócus teológico sobre a hermenêutica teológica, a Bíblia, a tradição cristã e a prática eclesiástica.

O segundo pronunciamento protestante Luterano, “Sexualidade humana: homoafetividade”, é um pronunciamento emitido em 2011 como uma Carta Pastoral da Presidência da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB com a finalidade de reforçar o seu posicionamento quanto ao cuidado pastoral e reconhecimento das relações homoafetivas pela Igreja e pelo Estado Democrático de Direito. O referido pronunciamento, já na sua introdução, especifica seus motivos para tal, sendo o primeiro motivo “a decisão do Supremo Tribunal Federal – STF, de 5 de maio de 2011, que trata do reconhecimento jurídico das uniões estáveis de pessoas homoafetivas”,²³⁶ e o segundo motivo “é a tramitação do Projeto de Lei nº 122/2006. Se fosse aprovado na versão original, esse projeto tornaria crime a homofobia”.²³⁷

Em seguida, o referido pronunciamento recorda a importância do discernimento ético como dimensão para a sensibilidade pastoral na prática eclesiástica em relação a esses temas

²³⁴ Ministério Eclesiástico e Homossexualidade, 2001, p. 1, item III.

²³⁵ Ministério Eclesiástico e Homossexualidade, 2001, p. 1, item IV e V.

²³⁶ PORTAL LUTERANO. **Sexualidade humana: homoafetividade**. Brasil: 2011. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/homoafetividade/>. Acesso em: 4 abr. 2024. p. 1.

²³⁷ Sexualidade humana: homoafetividade, 2011, p. 1.

sensíveis da Teologia Moral, em particular as relações homoafetivas e sua prática na vida da Igreja, conforme cita:

Não há no âmbito de igrejas evangélicas protestantes um magistério que tenha a prerrogativa de estabelecer normas éticas que deveriam ser seguidas por todos os fiéis. Nem poderia haver. Na tradição da Reforma Protestante essas igrejas não (re)conhecem uma instância eclesiástica autoritativa, muito menos infalível, em questões morais, mas seus pastores e pastoras têm a responsabilidade de, baseados na Bíblia e seus valores evangélicos, orientar as pessoas implicadas ao discernimento ético, fortalecendo-as a tomarem, simultaneamente em liberdade e responsabilidade, suas próprias decisões diante de Deus.²³⁸

Já indo para o final do referido pronunciamento, a IECLB conclui de forma clara e concisa que “considerando a separação entre Igreja e Estado; cabe-nos como IECLB acolher a decisão do STF”.²³⁹

Desta forma, em consonância com o seu primeiro pronunciamento, percebe-se que a IECLB, neste pronunciamento, sustenta a lógica do seu discurso ambíguo em relação ao cuidado pastoral e reconhecimento das relações das pessoas cristãs LGBTQIA+ a partir do seu locus teológico sobre a hermenêutica teológica, a Bíblia, a tradição cristã e a prática eclesiástica.

O pronunciamento protestante da Universidade Presbiteriana Mackenzie “Manifesto Presbiteriano sobre a Lei da Homofobia” é um pronunciamento emitido em 2007 como um Manifesto da Igreja Presbiteriana do Brasil com a finalidade de reafirmar o seu posicionamento contrário à chamada Lei da Homofobia.²⁴⁰ O referido pronunciamento especifica o seu repúdio à chamada Lei da Homofobia, fazendo uso do seu direito de livre expressão garantido pela Constituição Federal do Brasil, conforme cita:

A Igreja Presbiteriana do Brasil repudia a caracterização da expressão do ensino bíblico sobre o homossexualismo como sendo homofobia, ao mesmo tempo em que repudia qualquer forma de violência contra o ser humano criado à imagem de Deus. [...] Visto que, a liberdade de expressão, como direito individual e coletivo, corrobora com a mãe das liberdades, a liberdade de consciência, mantendo o Estado

²³⁸ Sexualidade humana: homoafetividade, 2011, p. 1.

²³⁹ Sexualidade humana: homoafetividade, 2011, p. 2.

²⁴⁰ A chamada Lei da Homofobia se refere ao Projeto de Lei da Câmara nº 122/2006 – Senado Federal (proveniente do Projeto de Lei Original nº 5.003/2001 na Câmara dos Deputados) com a pretensão de alterar o texto da Lei nº 7.716/1989, para definir os crimes resultantes de discriminação em razão do gênero, do sexo, da orientação sexual e da identidade de gênero. Em 2019, esses crimes foram equiparados ao crime de racismo (Lei nº 7.716/1989) pelo STF (ADO 26/DF e HC 82.424/RS). Processo na íntegra da decisão do STF. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=4515053>. Acesso em: 14 abr. 2024.

equidistante das manifestações cúlticas em todas as culturas e expressões religiosas do nosso País.²⁴¹

Já indo para a conclusão do referido pronunciamento, a Universidade Presbiteriana Mackenzie, de forma direta, clara e concisa, reafirma que não considera uma atitude homofóbica ensinar e pregar contra a prática das relações homoafetivas, pois faz parte dos fundamentos da sua missão protestante ensinar e pregar sobre comportamentos éticos, conforme cita:

A Igreja Presbiteriana do Brasil MANIFESTA-SE contra a aprovação da chamada lei da homofobia, por entender que ensinar e pregar contra a prática do homossexualismo não é homofobia; [...] e por entender que tal lei interfere diretamente na liberdade e na missão das igrejas de todas orientações de falarem, pregarem e ensinarem sobre a conduta e o comportamento ético de todos, inclusive dos homossexuais.²⁴²

Desta forma, percebe-se que a Universidade Presbiteriana Mackenzie, neste pronunciamento, sustenta a lógica do seu discurso em relação ao repúdio à chamada Lei da Homofobia em proteção das pessoas cristãs LGBTQIA+ a partir do seu lócus teológico sobre a hermenêutica teológica, a Bíblia, a tradição cristã e a verdade.

O pronunciamento protestante da Convenção Batista Brasileira “Sobre a liberdade de expressão e orientação sexual do povo brasileiro” é um pronunciamento emitido em 2007 como um posicionamento da Convenção Batista Brasileira com a finalidade de reafirmar o seu posicionamento contrário à chamada Lei da Homofobia. O referido pronunciamento, já na sua introdução, reafirma o seu repúdio à chamada Lei da Homofobia, fazendo uso do seu direito de livre expressão garantido pela Constituição Federal do Brasil, quando diz que “entendem os batistas que a aprovação do referido Projeto de Lei pode resultar no aumento da subversão de valores morais e espirituais que destroem a família e enfraquecem a nação brasileira”.²⁴³

Já indo para o final do pronunciamento, a Convenção Batista Brasileira conclama todas as pessoas cristãs do Brasil a ensinar, defender e propagar toda a “verdade” presente nas Sagradas Escrituras sobre princípios ético-morais e da sexualidade humana, visando “salvar” o Brasil desta degradação moral, conforme cita:

²⁴¹ PORTAL NACIONAL METODISTA. **Manifesto da Igreja Presbiteriana sobre a Lei da Homofobia:** Brasil, 2007. Disponível em: <https://www.metodista.org.br/manifesto-igreja-presbiteriana-lei-da-homofobia>. Acesso em: 4 abr. 2024. p. 1.

²⁴² Manifesto da Igreja Presbiteriana sobre a Lei da Homofobia, 2007, p. 2.

²⁴³ PORTAL DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Sobre a liberdade de expressão e orientação sexual do povo brasileiro.** Brasil: 2007. Disponível em: <https://convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/39386521613092017104709.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2024, p. 1.

Uma vez que, não podemos nos calar diante do alto risco de degradação social e do surgimento de perseguição religiosa motivada por aqueles que se sentem discriminados: [...] Conclamamos todos os cristãos a proclamar e ensinar toda a verdade, conforme revelada nas Sagradas Escrituras, inclusive as orientações nelas contidas sobre a natureza da sexualidade humana. Não podemos negar que Deus Criador condena o homossexualismo. [...] Essa norma não pode impedir que qualquer cidadão tenha o direito de considerar impróprio e inconveniente ou de qualificar como imoral ou inaceitável o comportamento homossexual. [...] Unimo-nos aos demais esforços para salvar o Brasil da degradação moral e da perseguição religiosa, bem como deixarmos um legado de justiça, paz e prosperidade para as futuras gerações.²⁴⁴

Desta forma, percebe-se que a Convenção Batista Brasileira, neste pronunciamento, sustenta a lógica do seu discurso em relação ao repúdio à chamada Lei da Homofobia em proteção das pessoas cristãs LGBTQIA+ a partir do seu locus teológico sobre a hermenêutica teológica, a Bíblia, a tradição cristã e a verdade.

É pertinente ressaltar que o direito de liberdade de expressão dos cidadãos brasileiros e cidadãs brasileiras não abarca o direito de propagar atos e manifestações que incentivem a violência, o ódio e a discriminação contra as pessoas, pois a liberdade de manifestação do pensamento é um direito que cabe emitir opiniões, comentários, avaliações, desde que esta manifestação do pensamento não se caracterize como um discurso de ódio que ofende, ameaça e insulta o outro, pois a liberdade de expressão não é um direito absoluto. Corroborando esta compreensão, dois doutrinadores jurídicos brasileiros, Juliano Taveira Bernardes e Olavo Augusto Ferreira, esclarecem que:

Sob o gênero “liberdade de expressão” situam-se todos os direitos ligados à manifestação do pensamento (art. 5º, IV – CF) e à livre expressão no exercício de atividades intelectuais, artísticas, científicas e de comunicação (art. 5º, IX – CF), incluindo a liberdade dos meios de comunicação social e imprensa (art. 220 – CF).²⁴⁵

Apresentados todos esses pronunciamentos, percebe-se no contexto protestante luterano que os seus pronunciamentos sustentam a lógica de um discurso ambíguo em relação às uniões e práticas sexuais das pessoas LGBTQIA+, pois reconhece a sexualidade humana como dádiva de Deus em todas as suas expressões, por isso acolhe e cuida pastoralmente dessas pessoas nas suas comunidades de fé, mas quando se trata de ordenar pessoas cristãs LGBTQIA+ ao ministério eclesiástico, ela sustenta um discurso condenatório definitivo. Ainda aponta para uma recomendação ao discernimento ético como dimensão para a sensibilidade pastoral na prática eclesiástica. Já no contexto protestante presbiteriano e batista, os seus pronunciamentos sustentam a lógica de um discurso condenatório em relação às uniões e práticas sexuais das pessoas LGBTQIA+, pois acreditam que sua missão é ensinar e

²⁴⁴ Sobre a liberdade de expressão e orientação sexual do povo brasileiro, 2007. p. 1.

²⁴⁵ BERNARDES, Juliano Taveira; FERREIRA, Olavo Augusto Vianna Alves. **Direito Constitucional** – Tomo II – Direito Constitucional Positivo. 7. ed. São Paulo: Editora JusPodivm, 2018. p. 110.

pregar contra a prática das relações homoafetivas, que subvertem os valores morais e espirituais e destroem a família cristã brasileira, não acolhendo às pessoas cristãs LGBTQIA+.

No próximo e último capítulo desta pesquisa, serão apresentados alguns desafios teológicos-pastorais no contexto cristão brasileiro para a prática pastoral de inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+ como possibilidade de convivência da diversidade sexual dentro dos ambientes eclesiais.

5 DESAFIOS PARA INCLUSÃO DAS PESSOAS CRISTÃS LGBTQIA+ NO CONTEXTO CRISTÃO BRASILEIRO

Este último capítulo tem por desejo apresentar alguns desafios práticos pastorais para inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+ no contexto cristão brasileiro católico e protestante. Ainda, tentar responder como a igreja cristã pode ser ajudada a compreender, acolher e incluir integralmente estas pessoas, de forma que possa existir um convívio pleno de inclusão e vivências dentro dela.

5.1 DESAFIOS PARA A PRÁTICA PASTORAL DA INCLUSÃO

Um dos principais desafios para inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+ no contexto cristão brasileiro, que inclui os ambientes eclesiais católicos e protestantes, é num primeiro ato de humanidade e humildade por parte das lideranças religiosas e das suas comunidades de fé em reconhecer, compreender, acolher e seguir o modelo de espiritualidade pastoral na dimensão do cuidado oferecido por Jesus Cristo “No Caminho de Emaús”, como visto no segundo capítulo desta pesquisa, que ressalta que o itinerário do aconselhamento pastoral exige silêncio no ato de se aproximar, caminhar juntos, escutar com o coração, acolhendo os significados das vidas das pessoas para em seguida conquistar o direito de perguntar, ensinar e aconselhar essas pessoas nos seus caminhos existenciais na dimensão da espiritualidade.

A partir desta busca em imitar, configurar-se, seguir a Cristo é que se torna possível uma sensibilidade pastoral e comunitária necessária para a abertura e a prática da inclusão dessas pessoas cristãs LGBTQIA+ no contexto cristão brasileiro. É preciso fixar o olhar pastoral e comunitário na espiritualidade daquele que é o núcleo e conteúdo da espiritualidade e da fé cristã, que é exclusivamente a pessoa de Jesus Cristo. Nele se pode acolher em amor, compaixão, solidariedade, cuidado e respeito todas as pessoas que buscam viver suas vidas em conexão com Ele, e encontram sentido para viver nele. Para isso, é preciso disponibilidade interior dos líderes religiosos e das suas comunidades de fé para o amadurecimento dos seus itinerários espirituais, recordando, sempre, que é preciso caminhar juntos, conversar, escutar com o coração para acontecer um descolamento de uma atitude de medo e ignorância para uma atitude de coragem e respeito numa prática de liberdade e autonomia em respeito às vidas das pessoas.

Inspirando-se na espiritualidade de Jesus Cristo, é possível atualizar, modificar, abandonar, descartar os discursos cristãos LGBTfóbicos, repensando o sentido do lócus teológico hegemônico atual que se apresenta distante do núcleo e conteúdo da espiritualidade e da fé cristã, que é a pessoa de Jesus Cristo com a sua vida, mensagens e testemunho. Para isso, a igreja cristã como testemunha do Evangelho deve optar por ser sinal do Reino de Deus aqui na terra, promovendo ações que reflitam o projeto de vida de Jesus Cristo, que é presença, fragilidade, compaixão, solidariedade, amor e perdão a todas as pessoas sem exceção, revelando a beleza da humanização de Deus na encarnação do Cristo. Esta igreja cristã como presença amorosa na vida das pessoas será sempre uma igreja itinerante, a serviço e em amor às pessoas, em diálogo ecumênico e interreligioso com outras igrejas, produzindo, assim, uma missão libertadora na vida das pessoas, dando-lhe acesso à graça de Deus para que experimentem uma vida em plenitude e vivam em liberdade e amor.

A título de exemplificação sobre práticas pastorais de inclusão, pode-se dizer que algumas igrejas cristãs no contexto protestante fizeram essa opção por ser sinal do Reino de Deus, abrindo-se para uma renovação permanente, repensando o sentido do lócus teológico e modificando os seus discursos de acolhimento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+. Uma dessas igrejas foi a Igreja Batista do Pinheiro em Maceió/AL, com a teóloga e pastora feminista Odja Barros, que a partir de um itinerário de amadurecimento espiritual da comunidade, por um período de dez anos, fez rodas de conversas, partilhas e estudos teológicos sobre o tema, chegando à conclusão, em 2016, que pessoas cristãs LGBTQIA+ poderiam ser aceitas como membros plenos desta comunidade de fé.²⁴⁶ Com essa atitude de inclusão pastoral, a comunidade de fé, juntamente com os seus líderes, pagaram o preço da exclusão da filiação à Convenção Batista Brasileira.²⁴⁷ Corroborando esta visão de acolhimento de todas as pessoas, independentemente das suas orientações sexuais, o Pastor Wellington Santos, da Igreja Batista do Pinheiro, afirma, em relação à necessidade de se romper com o lócus teológico hegemônico de dominação, controle dos corpos e das consciências das pessoas:

A IBP foi rotulada muito antes da nossa chegada em outubro de 1993 de “igreja liberal”, pelo fato de que sua juventude, influenciada por uma leitura mais crítica e emancipatória, defendia uma aproximação com a cultura popular e as lutas concretas do povo mais empobrecido na terra dos então coronéis e marechais. Até aquela ocasião, “as cercas” que incomodavam a Igreja Batista do Pinheiro eram as cercas

²⁴⁶ NASCIMENTO, Paulo dos Santos. A missão eclesial na perspectiva da libertação. In: BARROS, Odja; NASCIMENTO, Paulo (org.). **Vocação para a igualdade: fé e diversidade sexual na Igreja Batista do Pinheiro**. Brasília: Selo Novos Diálogos, 2019. p. 48.

²⁴⁷ NASCIMENTO, 2019, p. 49.

que produzem pobreza e miséria. Naquele dia em 2006, a IBP foi chamada para também colocar seus olhos sobre outras “cercas” que geram tanta dor, miséria e morte (suicídios e crimes LGBTfóbicos) como as “cercas” dos latifúndios. As “cercas” que foram colocadas no corpo e na sexualidade das pessoas, delimitando o que é “normal” e “anormal” do ponto de vista de como cada ser humano vive sua sexualidade, utilizando argumentos bíblicos, resultado de uma teologia e hermenêutica colonizadas, que afirmam uma forma de ser e condenam as demais por não se enquadrarem dentro do que chamam de “normal”.²⁴⁸

Outro exemplo de práticas pastorais de inclusão no contexto protestante é a ruptura com o lócus teológico hegemônico que ocorreu com a Igreja Batista de Água Branca/SP, com o Pastor Ed René Kivitz, quando, em 2020, no seu canal de Youtube, ministrando o curso “Cartas para um novo mundo”, no episódio “Cartas vivas contra letras mortas”, inspirada na carta do apóstolo Paulo à Filemon, declarou que é preciso a igreja cristã brasileira olhar a Bíblia como um livro insuficiente que precisa ser relido e ressignificado para os dias atuais para não legitimar injustiças, como trabalho em condições similares à escravidão, machismo, racismo, misoginia e homofobia. Ainda afirmou que é preciso a igreja cristã ter coragem de enfrentar os discursos condenatórios contra a homossexualidade por conta de alguns textos bíblicos que não foram atualizados.²⁴⁹

Por essa atitude de inclusão pastoral, o Pastor Ed René Kivitz foi desligado em 2021 da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil/SP, por não cumprir o código de ética da ordem. Ele esclarece à sua comunidade de fé que este ato não afeta a sua relação com ela, estando em paz por ter feito uso da sua liberdade de consciência em romper com os discursos hegemônicos atuais do contexto cristão brasileiro, e ainda afirma que é simbólico o seu desligamento e que continuará a pregar o Evangelho da graça de Deus a todas as pessoas.²⁵⁰

E ainda como último exemplo de práticas pastorais de inclusão no contexto protestante, pode-se citar a ruptura com o lócus teológico hegemônico que ocorreu com a Igreja Betesda/SP, com o Pastor Ricardo Gondim, quando, em 2016, ele escreveu no seu *blog* o texto “Aos homoafetivos, o ombro de Deus”, onde relata a dor e o sofrimento de dois líderes religiosos cristãos que omitiram a sua homossexualidade e carregaram ao longo da vida esta situação, o que os levou ao suicídio. Depois, ele pede perdão a um homossexual cristão que no passado ele tinha excluído da sua igreja. Continua refletindo ao dizer que foi alcançado

²⁴⁸ SANTOS, Wellington Pr. Um caminho ainda mais excelente. In: BARROS, Odja; NASCIMENTO, Paulo (org.). **Vocação para a igualdade: fé e diversidade sexual na Igreja Batista do Pinheiro**. Brasília: Selo Novos Diálogos, 2019. p. 201.

²⁴⁹ KIVITZ, Ed René. Episódio: Cartas vivas contra letras mortas. Curso: **Cartas para um novo mundo**. Outubro, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QIgaENPto2U&t=2544s>. Acesso em: 16 ago. 2024.

²⁵⁰ KIVITZ, Ed René. **Sobre meu desligamento da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil/SP**. Dezembro, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m2ivGEMK2rE>. Acesso em: 16 ago. 2024.

pela graça de Deus para mudar o seu discurso condenatório sobre o tema da homossexualidade. Já para o final de seu relato, lamenta por ter defendido aquela teologia hegemônica e homofóbica que condenava e excluía os homossexuais. Faz um convite à igreja cristã para acolher as pessoas, pois acredita que a integridade e o caráter delas não dependem de identidade de gênero.²⁵¹

No contexto católico brasileiro, esta pesquisa encontrou algumas iniciativas de alguns bispos em romper com o lócus teológico hegemônico atual com o propósito de inclusão de pessoas cristãs LGBTQIA+. Por exemplo, em 2017, o Bispo Dom Luciano Bergamim criou a Pastoral da Diversidade Sexual na Baixada Fluminense na Diocese de Nova Iguaçu/RJ, com o objetivo de acolher essas pessoas e promover estudos de formação da comunidade de fé sobre o tema.²⁵² Dom Luciano Bergamim, em entrevista em 2018, afirma: “importância de ser pastoral é que significa, em primeiro, o reconhecimento da igreja diocesana desta realidade, nesta problemática”.²⁵³ Infelizmente, no ano de 2023, com a mudança do Bispo da diocese de Nova Iguaçu/RJ, essa Pastoral da Diversidade Sexual foi extinta.²⁵⁴

Outro passo que alguns fiéis católicos têm dado é se organizarem como uma rede de apoio “*ad extra*”, fora dos muros das suas paróquias. A Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT+ é um exemplo disso. Ela foi criada em 2014, portanto, há dez anos, e se constitui por coletivos leigos de pessoas cristãs que professam a fé católica e são LGBTQIA+, na construção de espaços seguros de acolhida, escuta e partilha. É filiada ao Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB).²⁵⁵ Segundo seu documento de constituição:

IDENTIDADE: Rede de grupos católicos formados por LGBTs e apoiadores/as que buscam viver seu batismo como cristãos e membros plenos da Igreja, enquanto Corpo Místico de Cristo e como Povo de Deus, comprometidos com os princípios e valores do Evangelho de Jesus em uma Igreja em saída, na construção do Reino de Deus. MISSÃO: Promover e difundir a Boa Nova de Jesus Cristo e o projeto plenamente inclusivo do Reino de Deus, partilhando a experiência do Amor, da Liberdade, da Justiça e da Vida em abundância com todas as pessoas que são

²⁵¹ GONDIM, Ricardo. **Aos homoafetivos, o ombro de Deus**. Junho, 2016. Disponível em: <https://ricardogondim.com.br/meditacoes/aos-homoafetivos-o-ombro-de-deus/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

²⁵² SILVA, Jeferson Batista da. **Um lugar à mesa: estudo sobre a produção pastoral do ativismo “católico LGBT” brasileiro**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1092508>. Acesso em: 20 ago. 2024.

²⁵³ SILVA, 2019, p. 150.

²⁵⁴ REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT+. **Nota de repúdio pela extinção da Pastoral da Diversidade Sexual em Nova Iguaçu/RJ**, 2023. Disponível em: @redecaticoslgbt. Acesso em: 20 ago. 2024.

²⁵⁵ REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT+. Disponível em: <https://redecaticoslgbt.com.br/sobre/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

excluídas da Igreja e/ou da sociedade em virtude de sua identidade de gênero e/ou orientação sexual.²⁵⁶

Com base nessas considerações sobre práticas pastorais de inclusão em contexto cristão brasileiro, percebe-se que é possível ocorrer mudança de atitude diante dos discursos hegemônicos atuais e abraçar novas atitudes de inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+ a partir de um processo de amadurecimento espiritual e religioso da comunidade de fé com a criação de rodas de conversas de inclusão e partilha, bem como a criação de canais de conteúdos de educação teológica inclusiva, que incluam os temas relacionados à diversidade sexual e cuidado pastoral. É preciso falar sobre práticas pastorais de inclusão de pessoas cristãs LGBTQIA+ como proposta de oferecer às igrejas cristãs a oportunidade de reflexão para elas romperem com a intencionalidade do silenciamento desses conhecimentos, pois “a falta de informação é intencional porque a realidade que desconhecemos não pode ser modificada”.²⁵⁷

Assim, será sempre um convite a todas as igrejas cristãs retornarem ao primeiro amor em Jesus Cristo, modelo de uma espiritualidade pastoral na dimensão do cuidado que respeita, inclui, ama a partir da sua ética do cuidado. A ética de Cristo é uma ética desconcertante porque é uma ética da mudança, como afirma José Castillo, teólogo católico espanhol, pois Jesus desconcertou os líderes religiosos do seu tempo ao apresentar uma ética a favor da primazia da vida fundada na liberdade e autonomia das pessoas a despeito das normas religiosas, sempre escolhendo acolher e cuidar de todas as pessoas, principalmente as que eram excluídas e marginalizadas pela sociedade do seu tempo.²⁵⁸ Ainda falando sobre a ética de Cristo, é visível nas narrativas dos Evangelhos como Ele critica a religião normativa e legalista que não prioriza a promoção da dignidade humana, pois coloca as suas preocupações em primeiro lugar no cumprimento das suas normas religiosas. A regra de ouro ensinada por Jesus Cristo é o tríplice amor: amar a Deus, amar ao próximo e amar a si mesmo. Nela se resume toda a lei e os profetas, e por que não dizer, toda a ética de Cristo.

Desta forma, é vital pensar na ternura de Jesus Cristo como elemento ético do seu agir, “locus teológico”, que revela o Pai-Abba a todas as pessoas que Ele encontrou no seu caminho existencial, principalmente às pessoas excluídas e marginalizadas da sua época.

²⁵⁶ REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBTQIA+. **Constituição da Rede**. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1e3Cdix7c0B77ECax8MyC_oH_IQXE8iY6/view. Acesso em: 18 ago. 2024. p. 1.

²⁵⁷ SIMON, Gut *et al.* **Semente de vida: rejeição e aceitação de filhos/as/es LGBTI+ em lares cristãos**. Ilustração Sophia Andrezza. 1. ed. São Paulo: Editora dos Autores, 2022. p. 41.

²⁵⁸ CASTILLO, José M. **A Ética de Cristo**. Tradução: Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. 17.

Segundo Carlo Rocchetta, teólogo católico italiano, a ternura de Jesus Cristo é uma ternura da compaixão cujo conteúdo é a misericórdia.²⁵⁹ Ainda aprofundando, Rocchetta afirma em relação à ternura de Jesus Cristo:

O gesto de Jesus de sentar à mesa com os publicanos e até mesmo de chamar um deles para segui-lo, representa um ato objetivamente inaudito, de ruptura radical com uma mentalidade e uma praxe consolidadas. [...] A ternura de Jesus reveste esta densidade “revolucionária”: coloca-se além das tradições comumente aceitas, para fazer-se acolhida e oferta da graça. [...] Não se pode viver a experiência da ternura de Deus e não mover-se na mesma direção.²⁶⁰

Assim, pensar na ternura como um estilo de vida cristã, um modo de ser que inclui, ama e acolhe as pessoas sem discriminá-las é pensar num mover-se, configurar-se, imitar a Cristo, que é o conteúdo da fé cristã e modelo de toda vocação e missão da igreja cristã acolhedora, por sê-la a testemunha do Cristo Ressuscitado. A igreja cristã nasce da cruz pelo amor de Deus-Abba e o Espírito Santo e é convidada diariamente a viver a ternura de Jesus Cristo para que, segundo Rocchetta, “a Igreja se constitua como *Igreja da fé* e não do dogmatismo, *Igreja da caridade* e não do autoritarismo, *Igreja da esperança* e não do moralismo”.²⁶¹ Este tema da ternura de Jesus Cristo é bastante profundo, pois revela o nível de compromisso que todas as pessoas cristãs e inclusive as igrejas cristãs devem ter em assumi-la para si como uma atitude ética. Um novo rosto possível para as igrejas cristãs deve refletir a beleza da ternura em suas ações práticas de aconselhamento, cuidado, acolhimento e espiritualidade em relação a todas as pessoas que desejam viver a experiência da graça do Deus-Abba. Ternura é afeto, compaixão, misericórdia, uma atitude de disponibilidade interior em acolher os significados da existência, as dores e esperanças das pessoas que buscam acolhimento e cuidado espiritual e pastoral. Corroborando este entendimento, o teólogo católico brasileiro Ronaldo Zacharias afirma:

Se o coração de Deus é ternura, tanto os pastores quanto a comunidade como um todo devem renunciar, consciente e decididamente, a julgar com dureza e impiedosamente aqueles que, por uma série de razões, vivem em contextos de grande fragilidade. Impõe-se o esforço para fazer com que a integração – expressão do amor inclusivo de Deus – se torne realidade concreta, e que essa realidade, por tudo o que significa e expressa, traduza-se numa nova narrativa que seja capaz de edificar comunidades segundo a lógica da misericórdia, profundamente transformadas pela revolução da ternura.²⁶²

²⁵⁹ ROCCHETTA, 2002, p. 156.

²⁶⁰ ROCCHETTA, 2002, p. 159.

²⁶¹ ROCCHETTA, 2002, p. 340.

²⁶² ZACHARIAS, Ronaldo. A ternura no processo de acolhida, acompanhamento, discernimento e integração. In: TRASFERETTI, José Antonio; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Ternura: uma abordagem ético-teológica**. São Paulo: Paulus, 2023. p. 241.

Percebe-se que é possível viver com ternura e amor inspirados em Jesus Cristo, fonte de toda espiritualidade cristã, e romper com os discursos e atitudes condenatórias e legalistas em relação à inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+ no contexto cristão brasileiro.

No próximo subcapítulo, serão abordados alguns projetos de práticas pastorais de inclusão de pessoas cristãs LGBTQIA+ como exemplo prático de que é possível aplicar na realidade concreta das igrejas cristãs este tipo de planejamento pastoral de inclusão e acolhimento pastoral dessas pessoas.

5.2 PLANEJAMENTO PASTORAL: LEGITIMAÇÃO DA PRÁTICA PASTORAL DA INCLUSÃO

A ação pastoral exige uma contínua revisão por parte da igreja cristã das suas teologias e das suas formas de interpretar a fé cristã, sempre com cuidado para não se perder a consciência histórica e ética da igreja cristã cujo conceito de evangelização seja de uma igreja em saída, como exorta a *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, quando diz que a igreja “vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai”.²⁶³ Para isto, é fundamental uma renovação eclesial permanente com os olhos na *Missio Dei*, e não na sua autorreferencialidade. Desta forma, a igreja cristã será capaz de abraçar de forma coerente a sua vocação missionária nas estradas empoeiradas das periferias existenciais da humanidade e ser sinal para o Reino de Deus, com um rosto materno do Espírito Santo e uma casa de portas abertas, como recomenda a *Fratelli Tutti* do Papa Francisco:

A Igreja é uma casa com as portas abertas, porque é mãe. E como Maria, a Mãe de Jesus, queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade [...] para construir pontes, abater muros, semear reconciliação.²⁶⁴

Pensar o planejamento pastoral como uma saída para uma igreja missionária que acredita que sua vida espiritual deve refletir como testemunha do Evangelho de Jesus Cristo é um ato de fé, como uma experiência que se faz a partir da comunhão com Deus, pois o processo de planejamento deve ser imerso no verbo do Espírito Santo. A igreja cristã deve compreender que a sua razão de ser é continuar a missão libertadora de Jesus Cristo na esteira da história da humanidade e na concretude das suas realidades existenciais, com um foco

²⁶³ FRANCISCO, Papa, 2013, p. 22.

²⁶⁴ FRANCISCO, Papa, 2020, p. 197.

essencial no seu testemunho como responsável pela comunicação desta mensagem salvífica dos evangelhos, que denuncia todo tipo de injustiça e opressão, descentrando-se de si mesma e assumindo o seu papel de sinal do Reino de Deus que aponta para o Cristo.

Segundo o entendimento do teólogo católico Agenor Brighenti sobre a pastoral como ação em favor da vida em abundância, ele aponta para a essência da mensagem de Jesus Cristo, que é resgatar a dignidade humana que merece ser cuidada, acolhida, defendida, geradora de vida e humanizadora, sendo essa a razão de ser da igreja cristã no mundo.²⁶⁵ Ele ainda afirma que o testemunho cristão, e no caso da igreja cristã, é um elemento primeiro que vem antes do anúncio do evangelho, pois é a vida cristã de testemunho que falará mais alto em relação às propostas de doutrinas e dogmas das igrejas. As pessoas cristãs precisam ser vida e mensagem salvífica antes do anúncio do evangelho.²⁶⁶

É preciso pensar e planejar as ações de práticas pastorais de inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+ como elemento indispensável à realização do planejamento pastoral da comunidade de fé, de forma que reflita um compromisso assumido por toda essa comunidade numa dimensão espiritual como fundamento primeiro de um ato de fé que busca viver o projeto de vida de Jesus Cristo em dar dignidade a todas as pessoas, o que inclui o acolhimento e o cuidado com as pessoas cristãs LGBTQIA+. Tudo isso é para que a igreja cristã viva a multiforme graça do Espírito Santo de Deus numa atitude de saída ao encontro das pessoas, como disse o Papa Francisco na sua exortação apostólica:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. [...] Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida.²⁶⁷

A partir dessas considerações, como produtos desta pesquisa, é possível eleger dois projetos viáveis de aplicação na prática pastoral em contexto cristão brasileiro para a inclusão de pessoas cristãs LGBTQIA+. O primeiro projeto é a criação de rodas de conversas de inclusão e partilha; o segundo, a criação de canais de conteúdos de educação teológica inclusiva. Para isso, faz-se necessária uma estratégia pastoral que legitime essas práticas pastorais de inclusão e a sua eclesialidade. Um instrumento viável para isso pode ser o

²⁶⁵ BRIGHENTI, Agenor. **Teologia Pastoral**: a inteligência reflexa da ação evangelizadora. Petrópolis: Vozes, 2021; p. 97.

²⁶⁶ BRIGHENTI, 2021, p. 117.

²⁶⁷ FRANCISCO, 2013, p. 42.

planejamento pastoral, cuja porta de entrada é a elaboração de um diagnóstico teológico-pastoral para se compreender as realidades existenciais daquela igreja cristã a partir da leitura dos seus documentos constitutivos, como estatuto social, linha histórica de memórias, testemunhos e atividades realizadas. Em seguida, é feita uma síntese dos elementos fundantes teológicos-pastorais dessa comunidade de fé como marco da sua realidade.

Assim, com base nesse diagnóstico, sugere-se a utilização de uma ferramenta das ciências administrativas, Matriz SWOT/FOFA,²⁶⁸ para a identificação das forças e fraquezas no ambiente interno da instituição eclesiástica, bem como as oportunidades e ameaças no ambiente externo a esta instituição. Esta ferramenta visa a um planejamento estratégico para auxiliar na tomada de decisões por parte dos seus gestores. Pode ser aplicada normalmente a ambientes eclesiásticos.

Em seguida, a partir desta Matriz SWOT/FOFA da instituição eclesiástica, chega-se ao próprio planejamento pastoral, no qual se elegerão os projetos de alta relevância para a instituição, verificando-se as suas viabilidades de caráter prático. Os projetos selecionados serão detalhados em quadros de referência com os respectivos objetivos, justificativas, estratégia metodológica ou atividades, recursos humanos e financeiros necessários para a sua execução, além de um cronograma de execução da sua aplicabilidade e infraestrutura.

Estes passos são relevantes para uma ação pastoral pensada que valoriza as habilidades, competências e formação dos agentes que mediarão o processo de planejar e suas ações a serem tomadas de forma participativa pela comunidade de fé, lembrando sempre que o protagonista desta história é o Espírito Santo de Deus, que iluminará as mentes e os corações dos seguidores de Jesus Cristo para se atingir o objetivo de propor o Evangelho do Reino de Deus. Ainda é preciso se lembrar que “todo processo é gradual e precisa respeitar o ritmo das pessoas ou o ritmo de Deus, pois se trata de um processo de conversão, que nos insere no tempo da graça”.²⁶⁹

Para efeito desta pesquisa, foram eleitos os dois projetos identificados acima que serão detalhados nos quadros a seguir como elementos constitutivos e elegíveis dentro do planejamento pastoral como prática pastoral de inclusão de pessoas cristãs LGBTQIA+ no contexto das igrejas cristãs brasileiras. Cabe lembrar que não é objeto deste estudo

²⁶⁸ A sigla da Matriz SWOT em inglês significa: *strengths, weaknesses, opportunities, threats*. É conhecida no Brasil por Matriz FOFA, que significa: forças, oportunidades, fraquezas, ameaças. É um instrumento que visa a um planejamento estratégico para tomada de decisões na organização.

²⁶⁹ BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar**: a inteligência da prática transformadora da fé. 2. ed. São Paulo: Paulinas/Valência: Siquem Ediciones, 2011, p. 206.

desenvolver as etapas de diagnóstico teológico-pastoral e nem a elaboração da Matriz SWOT/FOFA.

QUADRO 1 – Prática pastoral de inclusão de pessoas cristãs LGBTQIA+:

Projeto Rodas de Conversas de Inclusão

Projeto “Rodas de conversas de inclusão”	Criar rodas de conversas de inclusão e partilha.
Objetivo	Oportunizar relações de cuidado e acompanhamento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+ que desejam viver a sua espiritualidade/religiosidade de forma coletiva e comunitária na igreja cristã, percebendo que a sua sexualidade é um dom de Deus.
Justificativa	Vivenciar experiências da cultura do encontro e cuidado pastoral como uma atitude cristã de fraternidade e comunhão viva inspirada na pessoa de Jesus Cristo, fonte de toda espiritualidade cristã, a partir de uma escuta atenta e afetiva que acolha em amor as pessoas cristãs LGBTQIA+.
Estratégias metodológicas	<p>Organizar rodas de conversas para fomentar a inclusão e partilha das pessoas cristãs LGBTQIA+ a partir das atividades deste projeto:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Convidar toda a comunidade de fé para ser sensível à prática de inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+; • Convidar individualmente as pessoas cristãs LGBTQIA+ que desejam vivenciar este momento de inclusão e partilha; • Definir um cronograma de atividades das rodas de conversas de acordo com a disponibilidade das pessoas da comunidade de fé; • Definir um planejamento de temas sensíveis que afetam a vida das pessoas cristãs LGBTQIA+, como: sentimento de pertencimento; relacionamento homoafetivo; projeto de vida; itinerário de crescimento espiritual etc. • Registrar os momentos de rodas de conversas e partilhas para organização da memória deste projeto; • Acompanhar pastoralmente o contexto de crescimento espiritual de cada pessoa do grupo a partir de uma

	disponibilidade de tempo para orientação espiritual.
Recursos humanos	Líderes religiosos, membros da comunidade de forma geral e pessoas cristãs LGBTQIA+.
Cronograma de execução	A ser definido a partir da conversa inicial com a comunidade de fé e com as pessoas cristãs LGBTQIA+.
Infraestrutura	As rodas de conversas e partilhas poderão ser no templo da igreja cristã.
Recursos financeiros	As despesas com a organização do evento – lanches, materiais impressos – serão custeadas pela tesouraria da igreja cristã.

A ideia central que sustenta este projeto é a cultura do encontro da comunidade de fé com as pessoas cristãs LGBTQIA+ numa atitude de reconhecer o valor dessas pessoas num gesto de fraternidade e igualdade, pautado pelo respeito, amor, cuidado em querer estar e caminhar juntos num itinerário de crescimento espiritual. Outro aspecto importante é vivenciar experiências de confiança e confidencialidade que produzam laços saudáveis de cuidado e afeto.

**QUADRO 2 – Prática pastoral de inclusão de pessoas cristãs LGBTQIA+:
Projeto Educação Teológica Inclusiva**

Projeto “Educação teológica inclusiva”	Criar canais de conteúdos de educação teológica inclusiva.
Objetivo	Oportunizar canais que ofereçam conteúdos de educação teológica com ênfase na inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+ visando à possibilidade de formação de conhecimento por parte das pessoas da comunidade cristã.
Justificativa	Construir pontes de conhecimentos na área da educação teológica inclusiva como possibilidade de derrubar os muros da ignorância responsáveis pela intolerância, discursos de ódio e exclusão de pessoas, para que seja possível viver uma prática cristã da unidade em Cristo na diversidade das espiritualidades, em que se ventilem novos pensamentos, oxigenem afetos e potencializem novas relações numa perspectiva plural.
Estratégias metodológicas	Criar canais de conteúdo de educação teológica inclusiva para fomentar o conhecimento para a comunidade cristã a partir das atividades deste projeto: <ul style="list-style-type: none"> • Criar um curso livre de teologia inclusiva (<i>on-line</i>) que

	<p>vise a uma intensa formação teológica com um conteúdo sistematizado a partir dos seguintes eixos temáticos:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) Cristologias: Jesus de Nazaré – Quem é e o que pensa; b) Antropologias: a relacionalidade do ser humano com o divino; c) Reino de Deus: está em nossas mãos; d) Igreja cristã e sua missão libertadora; e) Sexualidade humana e as questões LGBTQIA+; f) Leitura libertadora da Bíblia: popular, feminista, <i>queer</i>; g) Leitura fundamentalista da Bíblia; h) Novas teologias e eclesiologias; <ul style="list-style-type: none"> • Criar um <i>podcast</i> com temas específicos de educação teológica inclusiva relacionados a contextos das realidades concretas das pessoas cristãs LGBTQIA+, como projeto de vida, itinerário de crescimento espiritual, vida de oração e comunhão, relacionamento homoafetivo etc.
Recursos humanos	Profissionais da área de teologia, ciências da religião, psicologia, filosofia que tenham compromisso com a prática pastoral de inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+.
Cronograma de execução	A ser definido a partir da conversa inicial com a comunidade de fé e com os profissionais comprometidos com esta causa.
Infraestrutura	A ser definido a partir dos modelos tecnológicos de plataformas para estes canais de conteúdo.
Recursos financeiros	A ser definido a partir dos orçamentos das igrejas cristãs.

A ideia central que sustenta este projeto é um ato de fé e utopia ao mesmo tempo, ao acreditar que o processo de educação transforma vidas apáticas em vidas simpáticas, derrubando os muros da ignorância e construindo as pontes do conhecimento, que libertam as pessoas dos seus mundos isolados e preconceituosos. Outro aspecto importante é dar acesso aos conteúdos da teologia inclusiva a um maior número de pessoas, graças aos benefícios da educação e tecnologia digitais.

6 CONCLUSÃO

Um caminho possível de aconselhamento pastoral cristão abordado nesta pesquisa está na narrativa lucana “No Caminho de Emaús”, em que se produz vida em plenitude, respeitando o itinerário de crescimento espiritual dos caminantes. Esta espiritualidade do aconselhamento pastoral demanda necessariamente uma disponibilidade do aproximar-se como elemento da presença gratuita de quem deseja oferecer acolhimento e cuidado pastoral a outra pessoa. Os atos de proximidade, caminho e escuta atenta são sementeiras para o acolhimento no aconselhamento pastoral que reflete o nível de espiritualidade deste encontro e cuidado, pois o cuidado pastoral se dá na proximidade, no caminho, na escuta afetiva. Assim, o aconselhamento pastoral atento e acolhedor como dimensão espiritual requer o reconhecimento do valor do caminho como elemento de transformação.

A realidade deste caminho espiritual produz muitas vezes sofrimento psíquico para as lideranças religiosas, pois elas são alvo de sofrimentos e problemas existenciais como qualquer outro ser humano, por isso é preciso levar em consideração o nível de amadurecimento espiritual desses líderes para que um aconselhamento pastoral seja acolhedor e amoroso. Há uma grande sedução ao clericalismo e ao profissionalismo religioso no contexto cristão brasileiro, gerando, assim, um distanciamento dessas lideranças religiosas da essência da sua espiritualidade cristã, que é a pessoa de Jesus Cristo. É preciso repensar os seus estilos de vida e suas relações com os seus ministérios vocacionais de forma que se produza vida em abundância para os seus itinerários de crescimento espiritual capazes de gerar saúde integral para suas vidas.

As espiritualidades são como o sopro do Espírito Santo de Deus, que é livre para soprar aonde quiser e como quiser, revelando, assim, que suas expressões são livres e pertencem à pessoa humana, e que não devem ser sequestradas pelas fontes hegemônicas das religiosidades de contorno cristão brasileiro. Concluo, a partir do estudo apresentado nesta pesquisa, que é possível, sim, ser uma pessoa cristã e viver a dimensão da espiritualidade em harmonia com a sua diversidade sexual LGBTQIA+ na força vital do Espírito Santo de Deus a partir da experiência de Deus e com Deus, compreendendo que a sexualidade humana é um dom de Deus para ser vivida na liberdade de amar, e se entende que a orientação sexual não significa a escolha de uma pessoa, mas uma descoberta de si. Os frutos do Espírito Santo de Deus na vida das pessoas cristãs LGBTQIA+ são as marcas visíveis que elas tiveram seu

encontro de fé com Jesus de Nazaré. Assim, é preciso perceber a qualidade dos frutos do Espírito na vida dessas pessoas convertidas em amor a Deus, como a ternura, o amor, a alegria, a fé como marcas constantes da presença de uma vida segundo o Espírito Santo de Deus, como um testemunho de vidas atravessadas e convertidas à pessoa de Jesus de Nazaré.

A revelação e a fé sustentam as bases fundamentais da compreensão teológica, por isso perceber o papel do *locus teológico* como ambiente que produz e sustenta os discursos teológicos cristãos quanto ao acolhimento pastoral das pessoas cristãs LGBTQIA+ é essencial para esta pesquisa. O conteúdo da fé cristã é a pessoa de Jesus Cristo, sua vida, testemunho e mensagens; portanto, todo discurso teológico cristão deveria refletir a espiritualidade de Jesus Cristo. O *locus teológico* da teologia, religião e hermenêutica teológica expressa a atenção que as pessoas cristãs devem ter ao compreender que a base dele é exclusivamente antropológica, por ser a elaboração de discursos humanos sobre o Eterno. Portanto, são corpos-territórios das pessoas que estarão sempre comunicando os seus discursos teológicos que variam no tempo e no espaço, de acordo com as suas compreensões da vida e da morte. Assim, concluo que a teologia, a religião e a hermenêutica teológica são estruturas de pensamentos elaborados, construídos, inventados pelas pessoas como respostas culturais às suas espiritualidades, por isso o papel do leitor intérprete é fundamental nesta dinâmica hermenêutica.

Outro *locus teológico* é o da Bíblia, sua inspiração e tradução, que representam as bases sólidas para a expressão religiosa da fé cristã num território de disputa pela sua reta compreensão e desdobramentos doutrinários, dogmáticos e verdades religiosas. Concluo que a Bíblia é, contém e se torna a Palavra de Deus, mas não fechada em conceitos, não cristalizada em verdades, não autoritária para ser imposta às pessoas, pois limitar a Palavra de Deus ao livro “Bíblia” é restringir-se numa visão limitada de Deus. A Bíblia é uma grande e rica metáfora de símbolos abertos que carregam um potencial de sentidos plurais, um núcleo da mensagem de vida e testemunho que procura comunicar em qualquer ambiente e tempo. Assim, é relevante levar em consideração a mediação hermenêutica reconhecendo as realidades históricas, culturais e sociais dos autores que escreveram os textos bíblicos.

E por último, o *locus teológico* da tradição e igreja cristã e da verdade é reconhecido como guardião da comunicação contínua do testemunho de fé e vida cristã confiado por Deus à igreja cristã através dos séculos, no anúncio do evangelho salvífico de Jesus Cristo. A tradição cristã é um processo contínuo de reflexão e discernimento que busca ser coerente com o ensino da Palavra de Deus revelada nos evangelhos para que esta tradição seja um

legado, uma força do passado criadora para o futuro que gera sentido de vida, liberdade e dignidade humana, pois vê a vida das pessoas como primazia do amor de Deus. Concluo que a igreja cristã e sua tradição devem refletir sua presença discreta e sedutora na sociedade como testemunha de fé do evangelho do Cristo, sendo sempre sinal do Reino de Deus em serviço e amor às pessoas na sua missão e comunhão fraterna, esvaziando-se de seus projetos de poder e das suas autorreferencialidades para viver a “*kenosis*” do Filho de Deus, Jesus Cristo, que se esvaziou para viver a sua humanidade salvífica. Assim, ela deve buscar uma renovação permanente, que reflita a sua abertura às realidades concretas da vida das pessoas, sendo, assim, uma igreja em saída com suas portas e portões abertos para cuidar, acolher, amar e servir. Ainda sobre o lócus teológico da verdade, concluo que o Cristo é a própria verdade na experiência de fé das pessoas cristãs; entretanto, fora do Cristo se produzirá “verdades” com o intuito de dominação, controle, punição, gerando intolerância religiosa, indiferença e exclusão a tudo que ameaçar a “sã doutrina” e os “bons costumes” desses ambientes eclesiais.

A tradição e a igreja cristã são o lócus teológico no qual se elaboram e se sustentam os discursos hegemônicos religiosos cristãos quanto ao acolhimento pastoral das pessoas cristãs LGBTQIA+ em contexto cristão brasileiro, fundados numa teologia e hermenêutica teológica fundamentalista e tradicionalista que não legitima o exercício deste acolhimento pastoral a essa população. Para esta pesquisa foram selecionados alguns documentos e pronunciamentos oficiais da igreja católica romana e de algumas igrejas protestantes brasileiras com o intuito de identificar os elementos fundantes teológicos e pastorais que sustentam a lógica dos seus discursos hegemônicos em relação ao acolhimento pastoral das pessoas cristãs LGBTQIA+ como construção de referencial teórico e metodológico.

No contexto católico, concluo que os seus documentos sustentam a lógica de um discurso condenatório em relação às uniões e práticas sexuais das pessoas LGBTQIA+, pois as percebem como atos maus, imorais, desordenados, união precária da sexualidade humana; entretanto, quando se fala sobre prudência e sensibilidade pastoral para o cuidado e acolhimento dessas pessoas, é no sentido e na esperança de mudança do comportamento delas, respeitando a pessoa, mas condenando a sua prática sexual. É indiscutível a abertura da igreja católica a partir do pontificado do Papa Francisco, que ora tem posição favorável para algumas pautas, ora tem posição restritiva para outras, expressando, assim, certa ambiguidade em seus posicionamentos. A igreja católica hoje é favorável a uma pessoa transexual ser batizada e ser testemunha de um matrimônio, a dar bênção para todas as pessoas; porém,

ainda restringe uma pessoa transexual ou um casal homoafetivo de ser padrinho ou madrinha de batismo de uma criança, bem como restringe o matrimônio exclusivamente a casais heterossexuais, pois não legitima nem valida oficialmente o status dos casais homoafetivos, nem nunca dará a bênção a eles em contexto dos ritos da união civil.

No contexto protestante luterano, concluo que os seus pronunciamentos sustentam a lógica de um discurso ambíguo em relação às uniões e práticas sexuais das pessoas LGBTQIA+, pois reconhece a sexualidade humana como dádiva de Deus em todas as suas expressões, por isso acolhe e cuida pastoralmente dessas pessoas nas suas comunidades de fé, mas quando se trata de ordenar pessoas cristãs LGBTQIA+ ao ministério eclesiástico, ela sustenta um claro discurso condenatório. Ainda aponta para uma recomendação ao discernimento ético como dimensão para a sensibilidade pastoral na prática eclesiástica. Já no contexto protestante presbiteriano e batista, concluo que os seus pronunciamentos sustentam a lógica de um discurso condenatório em relação às uniões e práticas sexuais das pessoas LGBTQIA+, pois acreditam que sua missão é ensinar e pregar contra a prática das relações homoafetivas, que subvertem os valores morais e espirituais e destroem a família cristã brasileira.

Desta forma, as questões norteadoras que esta pesquisa se propôs a estudar foram respondidas a partir das análises e interpretações desses discursos teológicos hegemônicos, e concluo que as hipóteses desta pesquisa foram confirmadas, considerando que a igreja cristã em contexto brasileiro não inclui as pessoas cristãs LGBTQIA+ na sua integralidade e dignidade, pois ora reconhece que as suas práticas sexuais plurais são dons de Deus, ora não reconhece, e por isso não devem ser legitimadas como as práticas sexuais heteronormativas, dando os mesmos direitos e reconhecimentos eclesiásticos, como ordenação sacerdotal e bênção matrimonial. Concluo, ainda, que há uma grande interferência do lócus teológico na elaboração e sustentação desses discursos teológicos hegemônicos no contexto cristão brasileiro em relação ao cuidado e acolhimento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+, demonstrando que a espiritualidade dos líderes religiosos reflete pouco a espiritualidade de Jesus Cristo e que por isso existem poucas práticas pastorais de inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+.

Com base no modelo de espiritualidade pastoral na dimensão do cuidado oferecido por Jesus Cristo “No Caminho de Emaús”, que foi proposto nesta pesquisa, concluo que práticas pastorais de inclusão das pessoas cristãs LGBTQIA+ são possíveis, desde que se rompa com os discursos teológicos hegemônicos de condenação da prática da homoafetividade, e para

isso acontecer é fundamental atualizar o lócus teológico hegemônico vigente em cada instituição eclesial num processo de deslocamento de uma atitude de medo e ignorância para uma atitude de coragem e respeito, numa prática de liberdade e autonomia em respeito às vidas das pessoas, como foi apresentado em alguns exemplos desta pesquisa. Um ponto comum dessas igrejas cristãs que se abriram para uma renovação permanente, repensando o sentido do lócus teológico e modificando os seus discursos de acolhimento pastoral às pessoas cristãs LGBTQIA+, foi se perceber e optar por ser sinal do Reino de Deus e viver a ética de Cristo. Assim, concluo que o itinerário de crescimento e amadurecimento espiritual da igreja cristã pode ser feito a partir de rodas de conversas, partilhas e estudos teológicos inclusivos, apresentado como produto final desta pesquisa.

Que a igreja cristã se abra para a ternura do evangelho e a ética de Jesus Cristo e para o discernimento do Espírito Santo de Deus como elemento de conversão interior profundo na esperança de ser luz e sal na vida das pessoas cristãs LGBTQIA+, defendendo a sua existência e filiação eterna na contramão de uma sociedade violenta e LGBTfóbica, rompendo com os discursos teológicos hegemônicos e dando espaço para uma teologia arejada e sustentada pela pessoa que é o conteúdo de toda a fé cristã: Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

- A Bíblia: salmos. Tradução do hebraico, introdução e notas: Matthias Grenzer. São Paulo: Paulinas, 2017.
- ALSINA, Maria dels Àngels. **O terceiro caminhante de Emaús**. Tradução: Cristina Paixão Lopes. São Paulo: Paulinas, 2007.
- ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Loyola, 2004.
- ALVES, Rubem. **O que é religião**. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- ALVES, Rubem. **Religião e repressão**. São Paulo: Teológica/Edições Loyola, 2005.
- ALVES, Rubem. **Variações sobre a vida e a morte ou o feitiço erótico-herético da teologia**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- ANCILLI, Ermano. **Dicionário de Espiritualidade. Vol. II**. Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (org.). Tradução: Orlando Soares Moreira, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola; Paulinas, 2012.
- ANCILLI, Ermano. **Dicionário de Espiritualidade. Vol. III**. Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (Orgs.). Tradução: Orlando Soares Moreira, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola; Paulinas, 2012.
- ANDERSON, Keith R. **A spirituality of listening: living what we hear**. Illinois: IVP Books, 2016.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Declaração de amor**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- ANTUNES, Irlandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ARNS, Paulo Evaristo. **O que é Igreja**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.
- BARRETO, Ana Carolina Rossi. Artigo III. *In*: BALELA, Wagner (coord.). **Comentários à Declaração Universal dos Direitos Humanos**. São Paulo: Conceito Editorial, 2011.
- BARRO, Jorge H. **Pastores livres**. Londrina: Descoberta, 2013.
- BERNARDES, Juliano Taveira; FERREIRA, Olavo Augusto Vianna Alves. **Direito Constitucional – Tomo II – Direito Constitucional Positivo**. 7. ed. São Paulo: Editora JusPodivm, 2018.
- BESERRA, Rael Bispo. **Dialogando com a dor: considerações sobre o sofrimento e as relações humanas**. São Paulo: Garimpo, 2015.

BÍBLIA TEB: notas integrais tradução ecumênica. Tradução: A. J. M. de Abreu *et al.* 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

BÍBLIA, volume I: Novo Testamento: os quatros Evangelhos. Tradução do grego, apresentação e notas: Frederico Lourenço. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BÍBLIA, volume II: Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse. Tradução do grego, apresentação e notas: Frederico Lourenço. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BINGEMER, Maria Clara; VILLAS BOAS, Alex (org.). **Teopoética**: mística e poesia. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/São Paulo: Paulinas, 2020.

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese**: a reinvenção da Igreja. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de realização. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2016.

BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus**: as transparências de todas as coisas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo. **Igreja**: carisma e poder: ensaios de Eclesiologia Militante. São Paulo: Ática, 1994.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BORTOLLETO Filho, Fernando (org.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Lisboa: Edições 70, 2022.

BRAKEMEIER, Gottfried. **A autoridade da Bíblia**: controvérsias, significado, fundamento. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Estudos Bíblicos, 2003.

BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que pensar**: a inteligência da prática transformadora da fé. 2. ed. São Paulo: Paulinas/Valência: Siquem Ediciones, 2011.

BRIGHENTI, Agenor. **Teologia pastoral**: a inteligência reflexa da ação evangelizadora. Petrópolis: Vozes, 2021.

BRUCE, F. F. **O cânon das escrituras**. Tradução: Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Hagnos, 2011.

BUHR, João Rainer. **O sofrimento do pastor**: um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores até hoje. Curitiba: Editora Esperança, 2017.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

CAMARA, Sergio Lucas; VALE, Tiago Gurgel do. Assistência espiritual. *In*: CASTILHO, Rodrigo Kappel *et al.* (ed.) **Manual de cuidados paliativos da Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2021.

CAMPOS, Luciana. **A dor invisível dos presbíteros**. Petrópolis: Vozes, 2018.

CARIAS, Celso Pinto. **Por uma paróquia sinodal**: projeto pastoral. Petrópolis: Vozes, 2023.

CASALDÁLIGA, Dom Pedro. **Nossa espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2008.

CASTILLO, José M. **A Ética de Cristo**. Tradução: Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento pastoral**: modelo centrado em libertação e crescimento. Tradução: Walter O. Schlupp e Luís Marcos Sander. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

CONCÍLIO VATICANO (2.: 1962-1965). **Vaticano II**: mensagens, discursos e documentos. Tradução: Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais**. Roma, 1986. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_po.html. Acesso em: 5 jun. 2023.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. Tradução: Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. Tradução: Bertoldo Weber. 12. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. **Declaração Dignitas infinita**. Roma, 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20240402_dignitas-infinita_po.html. Acesso em: 8 abr. 2024.

DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. **Declaração Fiducia Supplicans**. Roma, 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-12/declaracao-doutrina-da-fe-bencao-para-casais-irregulares.html>. Acesso em: 19 dez. 2023.

DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. **O Papa Francisco responde às dubia de cinco cardeais**. Roma, 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/papa-francisco-responde-dubia-cinco-cardeais.html#:~:text=O%20Papa%20Francisco%20respondeu%20a,e%20Joseph%20Zen%20Ze%2Dkiun>. Acesso em: 2 out. 2023.

DICASTERIUM PRO DOCTRINA FIDEI. **Respostas do Dicastério a S.E. Dom José Negri.** Roma, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_20231031-documento-mons-negri_po.pdf. Acesso em: 2 out. 2023.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas.** 2. ed. São Paulo: Planeta, 2021.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes; CHEMIN, Marcia Regina Chizini; SOUZA, Waldir; FREITAS, Marta Helena de. Espiritualidade, religiosidade e religião: conceitos e implicações para a pesquisa e práticas de cuidado. *In: Espiritualidade e saúde: fundamentos e práticas em perspectiva luso-brasileira.* Curitiba: PUCPRESS, 2022.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Tradução: Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FERNANDES, Carlos Alberto Chaves. Um rosto refletido no espelho... teologia para quê? *In: ALMEIDA, Edson Fernando de; LINGUINI, Luiz (org.). Teologia para quê?* Rio de Janeiro: Mauad X/Instituto Mysterium, 2007.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo.** Tradução: José da Silva Brandão. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FONTES franciscanas. 2. ed. Santo André: O Mensageiro de Santo Antônio, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Tradução: Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU, 2002.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social.** Tradução: Santa Sé. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do evangelho.** Tradução: Santa Sé. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia: sobre o amor na família.** Tradução: Santa Sé. São Paulo: Paulinas, 2016.

FRANCISCO, Papa. **O nome de Deus é misericórdia.** Tradução: Catarina Mourão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

FRANCISCO, Papa. **Quem sou eu para julgar?** Tradução: Clara A. Colotto. São Paulo: LeYa, 2017.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FURTADO, Maria Cristina S. **A inclusão de todas/os/es**. Uma leitura teológica da violência de gênero: mulheres e LGBTQIA+. De Girard e Lévinas à ética da inclusão. São Paulo: Recriar, 2022.

GAILLARDETZ, Richard R. **Com que autoridade?** Manual sobre Escritura, magistério e senso dos fiéis. Tradução: Joshuah de Bragança Soares. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. Tradução: Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2003.

GONDIM, Ricardo. **Aos homoafetivos, o ombro de Deus**. Junho, 2016. Disponível em: <https://ricardogondim.com.br/meditacoes/aos-homoafetivos-o-ombro-de-deus/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

HERBES, Nilton Eliseu. Introdução: aconselhamento pastoral na capelania: por uma pastoral do cuidado. In: HERBES, Nilton Eliseu (org.). **Nuances do aconselhamento pastoral hospitalar**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2022.

HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos!** Tradução: Paula Centeno. Portugal: Objectiva, 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010: **Censo 2010**. Tabela 137: População residente por religião no Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=resultados>. Acesso em: 1 abr. 2024.

KIVITZ, Ed René. Episódio: Cartas vivas contra letras mortas. In: **Curso: Cartas para um novo mundo**. Outubro, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QIgaENPto2U&t=2544s>. Acesso em: 16 ago. 2024.

KIVITZ, Ed René. **Sobre meu desligamento da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil/SP**. Dezembro, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=m2ivGEMK2rE>. Acesso em: 16 ago. 2024.

KÖRTNER, Ulrich H. J. **Introdução à hermenêutica teológica**. Tradução: Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

KÜNG, Hans. **A igreja tem salvação?** Tradução: Saulo Krieger. São Paulo: Paulus, 2012.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. Tradução: Paulo Meneses *et al.* São Paulo: Paulinas/Edições Loyola, 2004.

LANCELOTTI, Júlio. **Amor à maneira de Deus**. São Paulo: Planeta, 2021.

LARA, Valter Luiz. **A Bíblia e o desafio da interpretação sociológica**: introdução ao primeiro testamento à luz de seus contextos históricos. São Paulo: Paulus, 2009.

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. **Dicionário de Teologia Fundamental**. Tradução: Luiz João Baraúna. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

LIBANIO, João Batista. **Eu creio, nós cremos: tratado de fé**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LOURENÇO, Frederico. **O livro aberto: leituras da Bíblia**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2017.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MENDONÇA, José Tolentino. **A leitura infinita: a Bíblia e a sua interpretação**. São Paulo: Paulinas/Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2015.

MENDONÇA, José Tolentino. **A mística do instante: o tempo e a promessa**. São Paulo: Paulinas, 2016.

MESTERS, Carlos. **Bíblia: livro feito em mutirão**. São Paulo: Paulus, 1993.

MESTERS, Carlos. **Flor sem defesa: reflexões sobre a leitura popular da Bíblia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

MESTERS, Carlos. **Por trás das palavras: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MILLER, Stephen M.; HUBER, Robert V. **A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia**. Tradução: Magda D. Z. Huf e Fernando H. Huf. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

MIRANDA, Mario de França. **A salvação de Jesus Cristo: a doutrina da graça**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MIRANDA, Mario de França. **Inculturação da fé: uma abordagem teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida**. Tradução: Werner Fuchs. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus Crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã**. Tradução: Juliano Borges de Melo. Santo André: Academia Cristã, 2014.

MONDONI, Danilo. **Teologia da espiritualidade cristã**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Talar Rosa: Homossexuais e o Ministério na Igreja**. São Leopoldo: Oikos, 2005.

NASCIMENTO, Paulo dos Santos. A missão eclesial na perspectiva da libertação. *In*: BARROS, Odja; NASCIMENTO, Paulo (org.). **Vocação para a igualdade: fé e diversidade sexual na Igreja Batista do Pinheiro**. Brasília: Selo Novos Diálogos, 2019.

NAZINI, Gino. **A arte da escuta no serviço pastoral: escutar significa amar**. Uberlândia: Editora A Partilha, 2015.

NOVUM TESTAMENTUM GRAECE, Nestle-Aland. 28th Revised Edition. Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 2013.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Introdução. *In*: OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 2011.

PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. **Dicionário de temas teológicos da Bíblia**. Tradução: Cássio Murilo Dias da Silva *et al.* São Paulo: Edições Loyola/Paulus/Paulinas, 2022.

PEREIRA, José Carlos. **Pastoral da escuta: por uma paróquia em permanente estado de missão**. São Paulo: Paulus, 2013.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional**. 4. ed. Petrópolis: Vozes/Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2013.

PÉREZ, Carmen. O caminho de Emaús. Lidar com o fracasso. **Revista Concilium**, n. 231. Petrópolis: Vozes, 1990.

PESQUISA IPSOS (GLOBAL RELIGION 2023). Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/89-dos-brasileiros-acreditam-em-deus-ou-em-um-poder-maior-aponta-pesquisa-ipsos>. Acesso em: 23 fev. 2024.

PONTIFÍCIA Comissão Bíblica. **A interpretação da Bíblia na igreja: discurso de Sua Santidade o Papa João Paulo II e documento da Pontifícia Comissão Bíblica**. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

PONTIFÍCIA Comissão Bíblica. **O que é o homem? Um itinerário de antropologia bíblica**. Brasília: Edições CNBB, 2022.

PORTAL da Convenção Batista Brasileira. **Sobre a liberdade de expressão e orientação sexual do povo brasileiro**. Brasil: 2007. Disponível em: [39386521613092017104709.pdf](https://convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/39386521613092017104709.pdf) (convencaobatista.com.br). Acesso em: 4 abr. 2024.

PORTAL LUTERANO. **Ministério Eclesiástico e Homossexualidade**. Brasil: 2001. Disponível em: <https://convencaobatista.com.br/sig/modulos/site/comunicacao/uploads/documentoDownloadSite/39386521613092017104709.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2024.

PORTAL LUTERANO. **Sexualidade humana: homoafetividade**. Brasil: 2011. Disponível em: <https://www.luterano.org.br/homoafetividade/>. Acesso em: 4 abr. 2024.

PORTAL NACIONAL METODISTA. **Manifesto da Igreja Presbiteriana sobre a Lei da Homofobia**: Brasil: 2007. Disponível em: <https://www.metodista.org.br/manifesto-igreja-presbiteriana-lei-da-homofobia>. Acesso em: 4 abr. 2024.

QUEIROZ, Carlos. **Ser é o bastante**: felicidade à luz do Sermão do Monte. Curitiba: Encontro/Viçosa: Ultimato, 2006.

QUEVEDO, Luís González. **O novo rosto da igreja**: Papa Francisco. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

RATZINGER, Joseph. **Compreender a Igreja hoje**: vocação para a comunhão. Tradução: D. Mateus Ramalho Rocha. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

REDE Nacional de Grupos Católicos LGBT+. **Constituição da Rede**. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1e3Cdix7c0B77ECax8MyC_oH_IQXE8iY6/view. Acesso em: 18 ago. 2024.

REDE NACIONAL DE GRUPOS CATÓLICOS LGBT+. **Nota de repúdio pela extinção da Pastoral da Diversidade Sexual em Nova Iguaçu/RJ**, 2023. Disponível em: @redecaticoslgbt. Acesso em: 20 ago. 2024.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2019.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias**. Tradução: Hilton Japiassu. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

ROCCHETTA, Carlo. **Teologia da ternura**: um “evangelho” a descobrir. Tradução: Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.

ROCHA, Alessandro. **Celebração dos sentidos**: itinerário para uma espiritualidade integradora. São Paulo: Paulinas, 2009.

ROCHA, Alessandro. **Introdução à filosofia da religião**: um olhar da fé cristã sobre a relação entre a filosofia e a religião na história do pensamento ocidental. São Paulo: Vida, 2010.

RUBENS, Roberval. **A cultura do encontro e serviço**: a compaixão que Jesus de Nazaré nos ensinou. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2021.

RUBENS, Roberval. **Um passo e um beijo**: um convite ao perdão à luz da oração da paz. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2023.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. Tradução: Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003.

SAGRADA Congregação para a Doutrina da Fé. **Persona Humana: declaração sobre alguns pontos de ética sexual**. Roma, 1975. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html. Acesso em: 5 jun. 2023.

SANAGIOTTO, Vagner. **Padres exaustos**: a síndrome de burnout no contexto eclesial brasileiro. Petrópolis: Vozes, 2023.

SANTOS, Luiz Roberto dos. **O que é Igreja?** Rio de Janeiro: MK Editora, 2005.

SANTOS, Wellington Pr. Um caminho ainda mais excelente. *In*: BARROS, Odja; NASCIMENTO, Paulo (org.). **Vocação para a igualdade**: fé e diversidade sexual na Igreja Batista do Pinheiro. Brasília: Selo Novos Diálogos, 2019.

SCHAPER, Valério Guilherme. A igreja no caminho de Emaús – A IECLB e o futuro: desafios e possibilidades. *In*: WACHHOLZ, Wilhelm (org.). **Igreja e ministério**: perspectivas evangélico-luteranas. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

SCHMID, Konrad; SCHRÖTER, Jens. **O surgimento da Bíblia**: dos primeiros textos às sagradas escrituras. Tradução: Uwe Wegner. Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal, 2023.

SENA, Marina Aline de Brito; PERES, Mário Fernando Prieto. Espiritualidade e saúde: do conceito à prática. *In*: PEREIRA, Felipe Moraes Toledo *et al.* (ed.) **Tratado de espiritualidade e saúde**: teoria e prática do cuidado em espiritualidade na área da saúde. 1. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**: versão 2.0. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2022.

SILVA, Jeferson Batista da. **Um lugar à mesa**: estudo sobre a produção pastoral do ativismo “católico LGBT” brasileiro. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1092508>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SILVA, Roberval R. A igreja cristã como sinal do reino: o evangelho e sua lógica da presença a serviço das pessoas. *In*: Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral. **Annales FAJE**, v.1, n.1, 2021, p.521-529.

SIMON, Gut *et al.* **Semente de vida**: rejeição e aceitação de filhos/as/es LGBTI+ em lares cristãos. Ilustrações: Sophia Andrezza. 1. ed. São Paulo: Editora dos Autores, 2022.

SNYDER, Howard A. **Vinho novo, odres novos**: vida nova para a igreja. Tradução: Norio Yamakami *et al.* São Paulo: ABU, 1997.

SOCIEDADE Brasileira de Teologia Moral. **Nota sobre a Declaração Fiducia supplicans**. Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.sbtmpesquisadores.org.br/post/nota-da-sbtm>. Acesso em: 21 dez. 2023.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. Tradução: Walter O. Schlupp. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

TILLICH, Paul. **The courage to be**. 2nd ed. Yale University Press, 2000.

TILLY, Michael. **Introdução à Septuaginta**. Tradução: Monika Ottermann. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

VARILLON, François. **Alegria de crer, alegria de viver**: conferências sobre os pontos maiores da fé cristã. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

VELIQ, Fabrício. Da intolerância ao diálogo: um caminho necessário. **Revista Identidade!** v.1, jan.-jun./2019.

VIDAL, Marciano. **Ética da Sexualidade**. Tradução: Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

WESTERMANN, Claus. **O Livro do Gênesis**: um comentário exegético-teológico. Tradução: Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013.

WIEDENHOFER, Siegfried. *Eclesiologia*. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). **Manual de Dogmática. V.II**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

WIEDERKEHR, D. *Cristologia Sistemática*. In: FEINER, J.; LÖHRER, M. **Mysterium Salutis**: Compêndio de dogmática histórico-salvífica. Petrópolis: Vozes, 1985, V. III, Tomo 4.

ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

ZACHARIAS, Ronaldo. A ternura no processo de acolhida, acompanhamento, discernimento e integração. In: TRASFERETTI, José Antonio; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). **Ternura**: uma abordagem ético-teológica. São Paulo: Paulus, 2023.